

A revista que pensa a Educação.

EDUCATRIX

 MODERNA
ANO 8 • Nº 15 • 2018

 50 ANOS

**EDUCAÇÃO
PARA PAZ**
COMO FORMAR
CIDADÃOS GLOBAIS?

TENDÊNCIAS
EDUCAÇÃO 4.0: SUA
ESCOLA JÁ ESTÁ
PREPARADA?



EXPEDIÇÃO 2030

O desafio certo de educar para um futuro incerto.

ESPECIAL 50 ANOS UMA VIAGEM PELA TRAJETÓRIA DE TRANSFORMAÇÃO DA MODERNA



ANOS

*Transformando
a educação
com você*

Você faz parte dessa história

Estar ao seu lado nos motiva a trilhar novos caminhos e a contribuir para a construção de projetos de vida transformadores.

**UM PROJETO
EDUCATIVO GLOBAL
PARA SUA ESCOLA**





Formações

EDUCATRIX

ATUALIZAÇÃO PRÁTICA PARA O PROFESSOR

A formação do aluno começa sempre com o desenvolvimento do professor.

Pensando nisso, criamos as **Formações Educatrix**, uma forma inovadora de transformar sua revista favorita em uma ferramenta de formação para professores.





Agora na revista Educatrix, você encontra o selo **Formações Educatrix** em reportagens que se transformam em apresentações para formação de professores. Elas podem ser acessadas gratuitamente no portal **ModernAmigos**.

moderna.com.br/modernamigos



moderna.com.br

0800 17 2002

Bem-vindo ao futuro!

Próxima parada: 2030.

É INTERESSANTE como a nossa percepção do tempo é relativa. Às vezes, um minuto parece uma hora e, às vezes, 10 anos parecem um mês. Parece que foi ontem que planejamos a nossa primeira edição da Educatrix. Agora, chegando a nossa 15ª edição, com sete anos de trajetória, temos muitos motivos para celebrar.

Antes de mais nada, essa não é mais uma edição da Educatrix. As próximas páginas estão repletas de vida, aprendizados e muita emoção. Os nossos sete anos podem parecer muito, mas não são nada frente aos 50 anos da Moderna. Não podíamos deixar de celebrar, compartilhando com você um pouco das nossas raízes, das histórias que tornam a Moderna mais humana e dar voz a quem ajuda a escrever nossa jornada futuro adentro. O convidado de honra é Ricardo Feltre, nosso visionário fundador. Aos 90 anos, ele nos contou como foi empreender em 1968 e como foi traçar por meio de tantos obstáculos um caminho de sucesso, de pioneirismo e de qualidade.

Vamos desbravar juntos nossos 50 anos e conhecer pessoas que, assim como você, têm o ideal de transformar o mundo a partir da educação. E, para isso, se preocupam com cada detalhe, pois sabem que isso fará a diferença no dia a dia das escolas.

Se o passado é aquilo que nos molda, o futuro é aquilo que podemos construir no presente. Por isso, convidamos você a embarcar em uma jornada conosco. O ano é 2030, exatamente quando a geração que está entrando hoje na escola, com a BNCC e tantos desafios em pauta, vai se aventurar pelo mundo. Afinal de contas, para que sociedade estamos formando nossas crianças? Quais são as competências que a escola precisa desenvolver para que os cidadãos do amanhã estejam preparados? Convidamos Anna Penido, do Inspirare, para nos conduzir nesse exercício e voltar nossos olhares até 2030.

Esse futuro também é pano de fundo para a reflexão de Luciana Allan sobre empreendedorismo antropológico, um termo que ela propõe para o tra-

balho com as próximas gerações. Fernando Reimers, da Universidade de Harvard, contribui com um artigo exclusivo sobre a importância de educar para a paz e como a cidadania global pode empoderar os alunos e combater a intolerância que aflige todo o planeta.

Para chegar a esse futuro incerto, convidamos a professora Débora Garofalo para falar sobre a Educação 4.0 e contar como colocar em prática algumas metodologias e abordagens que já são realidade em algumas escolas brasileiras, como a aprendizagem baseada em projetos e STEAM. Convidamos também Priscila Gonsales, do Educadigital, para fazer um especial sobre *Design Thinking* para educadores e como a abordagem está ganhando espaço nas instituições de ensino e nas salas de aula.

Como não podia deixar de ser, a literatura marca presença nesta edição. Promovemos uma associação pertinente sobre *fake news* e o papel fundamental do bibliotecário. E convidamos Pedro Bandeira, um dos mais queridos autores de literatura infantil e juvenil, para usar o pó de pirlimpimpim e apresentar a atualidade da obra de Monteiro Lobato.

Serão páginas com aprendizagens contínuas, histórias transformadoras e tendências ressignificantes. Esperamos que aproveite. Aproveite para agradecer a todos os colaboradores da Moderna que compartilharam pequenos trechos de suas histórias. É gratificante ser parte dessa trajetória. A você, obrigado pelo carinho e reconhecimento que compartilha todos os dias com nossas equipes nas escolas, pelos nossos canais de atendimento e pelas redes sociais. Você faz parte dessa história! Eu, particularmente, nesses 10 anos aqui, descobri que ser uma empresa de educação é, sobretudo, ser uma empresa de futuro. Futuros possíveis. Futuros por direito. E se tenho uma certeza é que nesses 50 anos, esta empresa sempre foi — e sempre será — moderna.

Aperte o cinto e acomode-se confortavelmente que a viagem já vai começar. Boa leitura! ■



Ivan Aguirra Izar

GERENTE DE COMUNICAÇÃO E MARKETING

SUMÁRIO

EDUCATRIX

A revista que pensa a Educação

- ▶ **SAIBA +** | UM HERÓI MULTIFACETADO PÁG. 8
- ▶ **FIO DA MEADA** | REPUTAÇÃO PÁG. 10
- ▶ **ENTREVISTA RICARDO FELTRE** | 50 ANOS A FAVOR DA EDUCAÇÃO PÁG. 12

- ▶ **TENDÊNCIAS** | POR DENTRO DA EDUCAÇÃO 4.0 PÁG. 20
- ▶ **PENSAMENTO ACADÊMICO** | POR UMA ESCOLA QUE VALORIZA O EMPREENDEDORISMO ANTROPOLÓGICO PÁG. 26
- ▶ **PERSPECTIVAS** | DIÁLOGOS PARTICULARES COM A BNCC PÁG. 34
- ▶ **NA TELA** | QUANDO ENTRAR NO *CHAT* SIGNIFICA APRENDER PÁG. 42
- ▶ **CONEXÃO** | EXPEDIÇÃO 2030: O DESAFIO CERTO DE EDUCAR PARA UM FUTURO INCERTO PÁG. 50



- ▶ **ESPECIAL**
50 ANOS DE TRADIÇÃO
E PIONEIRISMO PÁG. 56

- ▶ **POR DENTRO** | SOLUÇÕES LOCAIS PARA UM MUNDO GLOBAL PÁG. 70
- ▶ **GESTÃO ESCOLAR** | *DESIGN THINKING*: ESPANTOS, COLETIVIDADES E RITUAIS NA EDUCAÇÃO PÁG. 80
- ▶ **PLENOS SABERES** | A COR DO NARIZINHO MAIS QUERIDO DO BRASIL PÁG. 88
- ▶ **PANORAMA** | UMA REDE DE SOLUÇÕES PÁG. 94
- ▶ **CIDADANIA** | EDUCAR CIDADÃOS GLOBAIS PARA MANTER A PAZ NO MUNDO PÁG. 98
- ▶ **FOCO** | ENSINO MÉDIO: O PAÍS QUE ABANDONOU SEU FUTURO PÁG. 108
- ▶ **LINHA DE RACIOCÍNIO** | VERDADEIRO OU FALSO? PÁG. 116

- ▶ **FAVORITOS** | CONTEÚDOS QUE POTENCIALIZAM O DIA A DIA DO PROFESSOR PÁG. 120
- ▶ **TRAJETÓRIA MARIA NILDE MASCELLANI** | VISIONÁRIA DA FORMAÇÃO INTEGRAL PÁG. 122

Um herói multifacetado

É hora de vestir as nossas capas e enfrentar os novos tempos da educação.

TEXTO Kátia Dutra ILUSTRAÇÃO Júlia Back

VOCÊ já parou para pensar o quanto sua vida é um conjunto de diversas histórias? Reflita por alguns segundos para imaginar um breve roteiro sobre a sua trajetória, reunindo passagens engraçadas, algumas perdas, conquistas e, sem dúvida, muitos aprendizados. Se eu lhe convidasse a ir mais além, você, sem dúvida, seria capaz de escrever uma trilogia apenas sobre a sua infância, conseguiria narrar vitórias e detalhar obstáculos que fizeram a sua jornada ser tão peculiar e exclusivamente sua.

Nesse exercício de revisitação, pense agora em alguns ciclos vivenciados por você na educação: seja uma mudança de escola ou uma reforma educacional. Quantas vezes se viu desafiado por alguém ou por uma situação? A partir disso, quantas vezes tomou coragem para ampliar seus conhecimentos e desenvolver habilidades que o ajudassem a reverter tal situação? Quantos aliados e amigos encontrou pelo caminho? E, enfim, quantas vezes venceu o seu “inimigo” e se tornou herói de suas conquistas?

Podemos fazer um paralelo dessas fases e etapas com a teoria do monomito ou jornada do herói, proposta pelo norte-americano Joseph Campbell em seu livro *O herói com mil faces*. De acordo com Campbell, histórias que marcaram gerações, como *O senhor dos anéis*, *Star Wars*, *Harry Potter*, *Jogos Vorazes* e até mesmo contos da mitologia grega têm em comum o percurso de transformação do homem comum em herói, com todas as provações que surgem no meio do caminho.


Assim como a proposta de Campbell, nossas jornadas diárias têm começo, meio e fim. Percorremos um caminho longo entre os objetivos traçados, a aceitação de novos desafios, todos os enalços para vencer cada etapa de aprendizagem para, enfim, chegar a conquistas. Em cada estágio desse ciclo, desenvolvemos competências necessárias para seguir em frente, aprendemos a reconhecer nossos aliados e a perceber outros chamados para novos desafios.

A história do livro didático no Brasil foi assim também. Surgiu do desafio de reunir conteúdos sobre determinada área de estudo, para ser um companheiro do professor na missão de educar. No seu próprio caminho, encontrou fieis aliados que compuseram suas páginas, pensaram em seu formato e o levaram a alunos em todo o país. A cada nova turma, a cada novo ano, jovens e professores embarcavam por suas páginas e viviam grandes aventuras pelo universo do conhecimento.

Como todo o herói, o livro sempre foi chamado a novas jornadas. Em seu caminho, ganhou cores e imagens, novos formatos, abordagens, infografias, passou por revisões e reformas ortográficas, políticas e pedagógicas, sempre se aprimorando para acompanhar as necessidades dos tempos que ainda estavam por vir. Bimestre a bimestre, ano a ano, mudança a mudança, o livro sempre contou com aliados que acreditavam em sua força e na sua importância como uma ferramenta de renovação da sociedade.

Quando as novas tecnologias ameaçaram as folhas impressas, o livro juntou forças com seus amigos e mais uma vez soube se adequar às necessidades dos que precisam dele. Ao invés de tentar derrotá-las, adaptou-se às linguagens que o novo mundo pedia, ganhou uma nova roupagem em versões digitais, abriu espaço para barras de rolagens, interações, *zooms* e elementos audiovisuais que complementaram seus conteúdos, melhoraram a experiência de uso e juntaram forças na missão de formar as próximas gerações.

Em tempos pautados por mudanças tão imediatas e, muitas vezes, imprevisíveis, o livro permanece vivo no folhear de suas páginas ou no passar de dedos em uma tela. Ao lado de seus aliados em todo o Brasil, segue lutando por uma educação que transforma e ajudando milhares de jovens a enfrentar seus medos e acreditar em seus projetos de vida.

Vamos em frente para a próxima aventura, porque a jornada por um novo aprendizado está prestes a começar. 

» A jornada do Herói «



EDUCATRIX

ANO 8 • Nº 15 • 2018

CONSELHO EDITORIAL

Ângelo Xavier
Ivan Aguirra Izar
Lulcey Vitor Ribeiro
Luciano Monteiro
Solange Petrosino

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Ivan Aguirra Izar

PRODUÇÃO DE TEXTOS

Cauê Cardoso Polla
Gabriela Dias
Ivan Aguirra Izar
Kátia Dutra
Lara Silbiger
Paulo de Camargo
Sônia Cunha Danelli

ARTICULISTAS

Anna Penido
Débora Garofalo
Fernando Herranz
Fernando Reimers
Luciana Allan
Pedro Bandeira
Priscila Gonsales
Pricilla Honorato

EDIÇÃO DE TEXTO

Kátia Dutra

REVISÃO FINAL

Tassia Cobo

EDIÇÃO DE ARTE E DESIGN

Ricardo Davino

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Ricardo Davino

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Otávio Silveira

COLABORADORES

Rafael Spigel
Tathiana Anselmo

LEIA NOSSO ACERVO DIGITAL:

moderna.com.br/educatrix



Rua Padre Adelino, 758
São Paulo/SP • CEP 03303-904

Educatrix é uma publicação semestral com a proposta de colaborar com a formação continuada nas escolas. Distribuição gratuita na internet e nas instituições educacionais por meio da rede de Consultores Moderna.
ISSN: 2447-4991

Tiragem: 45 mil exemplares.

✉ educatrix@moderna.com.br

© **Direitos reservados.**

É proibida a reprodução total ou parcial de textos e imagens sem prévia autorização.



Reputação

O que é ser confiável para a sociedade hoje? O segredo pode estar na escola.

TEXTO *Ivan Aguirra*

ILUSTRAÇÃO *Augusto Zambonato*

AOS OLHOS de um viajante do tempo, os dias de um camponês do século XVIII pareceriam demorar a passar. A paisagem rural – predominante entre a população da época – pouco ou nada mudava. Apenas as árvores ganhavam corpo, viam suas folhas caírem uma a uma e voltavam

a dar frutos, os animais cresciam, davam cria e eram abatidos, os roçais eram capinados, as pragas mudavam o ciclo, os senhores mantinham as atenções e ditavam as regras; fizesse chuva ou sol, a luz do dia regia a produtividade, assim sempre até se apagar. Pouco mais de algumas dezenas de pessoas eram conhecidas ao longo da vida, numa troca de ações e experiências estritamente oral. Nada mudava, seguindo as cartas de uma raiz familiar. Seu mundo pouco se alastrava além das fronteiras de sua vila.

Uma relação tão distante, tão distinta da nossa, que fica até difícil projetar. Diz-se que uma edição dominical de um jornal contemporâneo como o *The New York Times* nos expõe a mais informações do que esse camponês poderia ter acesso ao longo de toda sua vida. Real-

mente, vivemos numa época de poucas barreiras geográficas e, por vezes, éticas. Um ecossistema onde o acesso à informação se torna mais democrático e menos pessoal, no qual os interesses pelas notícias, pelas “verdades de última hora”, ganham escala exponencial, assim como os questionamentos e debates que se fazem dele. Um mundo no qual a percepção do tempo e das possibilidades parecem não dar conta dele próprio.

Sim, existia informação circulando no passado, mas sua maioria era restrita e controlada. Livres e vivos mesmo eram os boatos, os diz-que-diz, as intrigas, que sempre existiram, mas tinham o poder restrito ao boca a boca. Hoje, as chamadas *fake news* proliferam-se na sociedade numa verdadeira indústria da informação falsa, e se coincidem

50 anos a favor da educação

Ricardo Feltre, fundador da Moderna, fala sobre as transformações na indústria editorial nos últimos 50 anos, bem como sobre a vitoriosa trajetória da empresa e a sua própria, marcadas por trabalho, dedicação e pitadas de sorte.

TEXTO *Sônia Cunha de S. Danelli* ILUSTRAÇÃO *Eduardo Santana*

EDUCAR gerações para o futuro. Este é o compromisso firmado pela Moderna desde 1968. Agora, em 2018, ao completar 50 anos, revisitamos a nossa trajetória e ficamos impressionados pela forma como ela se relaciona à educação brasileira. Para começar as comemorações, voltamos às origens e conversamos com Ricardo Feltre, nosso fundador que, aos 90 anos, nos recebeu em sua casa para lembrar alguns marcos importantes dessa história.

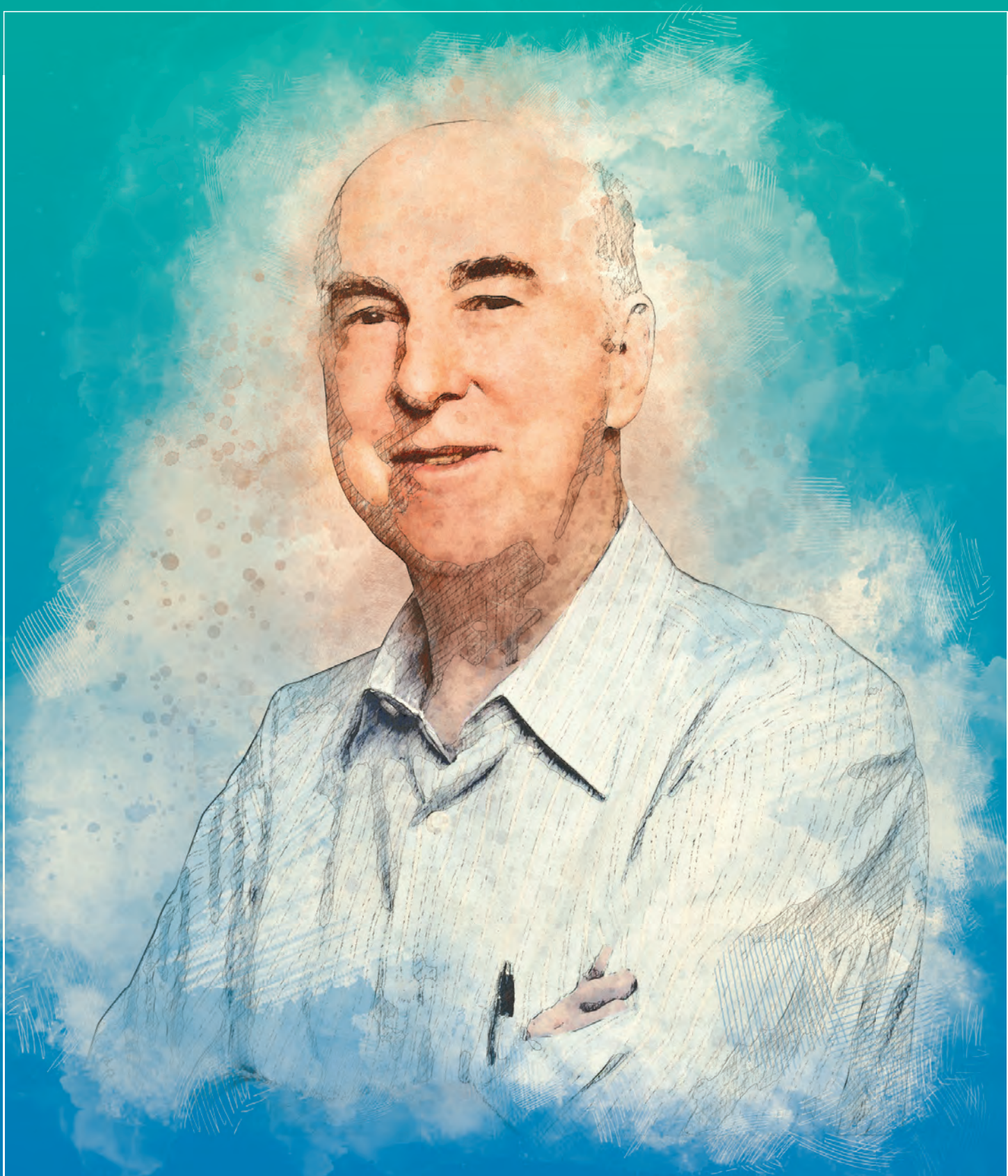
EDUCATRIX ***A Moderna está há 50 anos no mercado atuando na formação de gerações de jovens. Conte-nos um pouco sobre como foi a sua trajetória escolar?***

RICARDO FELTRE Fiz primário em uma escola de bairro. Poucos colégios ofereciam o ginásio estadual de graça. E os bons ginásios particulares eram caros.

Mas havia alguns mais simples, como o que cursei, na Rua Oriente. Lá, fiz os 4 anos de ginásio particular.

Quando eu fui para o colegial, ficou um pouco mais difícil. Comecei em uma escola particular mediana, porque as melhores eram mais caras e minha família não podia pagar. Então, por acaso (aliás, um dos golpes de sorte da minha vida), tinha um colégio público no Parque D. Pedro, e, naquele ano, resolveram abrir uma unidade próxima à estação São Joaquim. Houve uma espécie de vestibulinho e eu passei. Entrei até bem colocado e fiz um bom colegial.

No final do colegial, todo mundo fazia cursinho para entrar na faculdade. O Anglo Latino era dentro do colégio Anglo Latino, também próximo à estação São Joaquim. Eu não podia pagar o cursinho do Anglo, mas acabei encontrando um outro bem mais simples que eu consegui pagar. »



“ O QUE SEMPRE ME EMOCIONA É PENSAR COMO A MODERNA FOI CRESCENDO POUCO A POUCO, COM JUÍZO, JUNTO COM TODOS OS COLABORADORES E FORNECEDORES. COM ISSO, FORMAMOS UMA FAMÍLIA”.



» O cursinho tinha uma sala só, éramos 19 alunos e os professores eram alunos do curso superior. Um deles saiu e foi trabalhar na NASA. Quer dizer, tudo fêra e só 19 alunos.

Eu queria ser engenheiro, e quem queria ser engenheiro, em São Paulo, lá por 1950, só tinha duas opções: USP ou Mackenzie. O Mackenzie era mais Engenharia Civil, não tinha todas as modalidades. Então, a Politécnica era o lugar para quem queria Química ou Eletrotécnica. O vestibular era um sufo: poucas vagas e muitos candidatos.

É bom lembrar que, na época, entrar na faculdade era sonho para 2%. Hoje, apesar das dificuldades, esse sonho é para um número muito maior de jovens. Fazer o Ensino Médio já era uma conquista. Quase todo mundo ficava no caminho, e o que sobrava, 2% ou 3%, eram a elite.

Quando chegou o vestibular, deu pra passar bem. Tive outra sorte, pois, inauguraram um novo prédio da Poli, onde hoje é a Fatec, e, quando entrei, as vagas aumentaram de 80 para 160. Devo reconhecer que, em alguns momentos críticos, eu tive sorte.

EDUCATRIX *Como nasceu a Moderna?*

RICARDO FELTRE A Editora Moderna foi fundada em 22 de outubro de 1968 pelos professores Carlos Marmo, Setsuo Yoshinaga e por mim. Nós dávamos aulas em um cursinho pré-vestibular. O Marmo ensinava Desenho e já havia publicado um livro por conta própria. Yoshinaga e eu ensinávamos Química.

Na época, os cursinhos não tinham apostila. O professor explicava o conteúdo, resolvia um ou dois exercícios em sala e passava outros para os alunos resolverem em classe ou em casa. Enquanto o professor falava, eles tomavam nota ou copiavam o que ele escrevia no quadro, e recebiam baterias de exercícios em folhas à parte. Cada professor selecionava seus exercícios e o cursinho imprimia para os alunos.

Nós três já produzíamos material para nossas aulas. Então, pensamos: se funciona e os alunos gostam, por que não transformar em livro? Yoshinaga e eu fizemos o volume 1 de um projeto de Química em quatro volumes, que depois passamos para três, um para cada ano do Ensino Médio. Vendemos os primeiros exemplares meio experimentalmente,

mas logo percebemos o potencial. Então fundamos a Moderna para legalizar as vendas dos livros.

EDUCATRIX *Por que o senhor escolheu o nome Moderna?*

RICARDO FELTRE O nome Moderna era simples e transmitia a ideia de que estávamos propondo algo novo.

EDUCATRIX *Em geral, quais materiais eram usados para dar aula? O senhor considera que o livro didático da Moderna foi uma inovação na época?*

RICARDO FELTRE Em geral, as escolas não tinham esquadro, mapas, projetor, essas coisas. O material era essencialmente o livro didático. Desde o primeiro livro, a nossa preocupação foi não exagerar no conteúdo. Houve uma preocupação genuína para dividir os conteúdos em blocos coerentes, que fizessem sentido e fossem intercalados com questionários e exercícios. Na prática, nada mais era do que o que fazíamos no cursinho. A principal inovação, se assim podemos chamar, foi a inclusão uma quantidade maior de exercícios de fixação. No caso da Moderna, outra novidade foi a organização em três volumes, um para cada ano do Ensino Médio. Hoje parece óbvio, mas na época foi uma inovação e tanto.

EDUCATRIX *Como foi o começo da Moderna e como eram comercializados os materiais?*

RICARDO FELTRE Nos cinco primeiros anos, o catálogo dispunha apenas dos livros dos fundadores. A nossa primeira sede foi em um pequeno sobrado residencial, na Travessa Tamoio, 10, no bairro paulistano do Paraíso. Havia apenas uma senhora para atender ao telefone, um *office-boy* e três funcionários para comercializar os livros de autoria dos fundadores da empresa.

Por volta de 1974, Carlos Marmo e Setsuo Yoshinaga resolveram se afastar da Moderna por motivos particulares. Para ser sincero, a situação da empresa em meados dos anos 70 era de vida ou de morte, sem exageros. Tínhamos poucos títulos no catálogo e pouco capital inicial. Aqui, a forte dedicação dos funcionários e o entusiasmo foram essenciais para fazer a Moderna renascer.

“POR CONTA DA MINHA ATUAÇÃO COMO PROFESSOR, A MODERNA FEZ O CAMINHO INVERSO DE OUTRAS EDITORAS: COMEÇAMOS COM MATERIAIS PARA O ENSINO MÉDIO E POUCO A POUCO ENTRAMOS NOS OUTROS SEGMENTOS”

Como eu atuava principalmente no Ensino Médio, mantive o foco na divulgação de materiais para este segmento. Convidei então alguns excelentes autores para compor o nosso catálogo de obras: Hildebrando André (Português), Melhem Adas (Geografia), José Mariano Amabis e Gilberto Rodrigues Martho (Biologia), José Dantas, Flórida Cáceres e Antônio Pedro (História), Francisco Ramalho Junior, Nicolau Gilberto Ferraro, Paulo Antonio de Toledo Soares (Física), Douglas Tufano (Português), Francisco de Assis Silva (História), Marcos Amorim e Hirome Nakata (Geografia), Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins (Filosofia), entre outros, que se tornaram amigos e partes importantes da credibilidade e do reconhecimento da Moderna.

Com essa injeção de ânimo, a equipe da Moderna foi crescendo e mudamos para um edifício maior, situado na Rua Dr. Elísio de Castro, no Ipiranga, onde ficamos até 1979. Depois, estabelecemos nossa sede à Rua Afonso Brás, nº 431, na Vila Nova Conceição – aonde ficamos até 1996. Havia mais espaço e mais conforto para o trabalho interno e para o atendimento de professores e livreiros.

EDUCATRIX **Como era o processo de criação de um livro didático há 50 anos?**

RICARDO FELTRE Em qualquer editora, o caminho desde a ideia inicial até a materialização do livro é longo e passa por etapas essenciais: acertar o assunto de interesse dos leitores/professores; ter autores competentes; ter colaboradores experientes e atualizados com as necessidades do mercado, que editem o texto inicial e adequem aos alunos; elaborar um projeto gráfico atraente; consolidar formatos e a qualidade da matéria-prima etc. Enfim, ter em mente uma série de atributos que torne aquele livro indispensável na visão dos professores – nossos maiores parceiros na adoção dos materiais didáticos. Esta é a premissa básica desde sempre para a confecção das coleções.

O autor, principalmente de livros que não eram didáticos, vinha até a editora e nos apresentava seu original. Havia uma análise e decidíamos se valia ir em frente ou não. Isso não funcionava com didáticos.

Em geral, os livros didáticos eram encomendados pela editora. A gente sondava o mercado e procurava um bom professor que tinha potencial para ser autor ou uma metodologia de aula interessante. Em geral, os primeiros autores da Moderna eram professores de cursinho, porque eu atuava no segmento, e porque vinham de experiências no curso superior.

Em termos de produção e distribuição, as mudanças são gigantescas. Quando a Moderna nasceu não existia computador, era tudo feito à mão, os recursos gráficos eram limitados. Essa transição contou muito com a entrada dos meus filhos de Ricardo Arissa Feltre e Eduardo Arissa Feltre na equipe de colaboradores e me ajudaram com uma visão dos novos tempos.

O Ricardo dinamizou a equipe de vendas e organizou um sistema de cobranças da Moderna. Já o Eduardo, meu filho mais velho, criou e desenvolveu o sistema de editoração eletrônica, no qual o livro é totalmente produzido em computador, podendo seguir diretamente para as impressoras, economizando as etapas intermediárias de pré-impressão.

Dessa época, eu lembro bem do Eduardo dizendo: “Vamos fazer tudo no computador”. Eu dizia “Eduardo, não dá”. Ele insistia e, então, a gente brigava. No final, o tempo provou que o Eduardo estava certo.

EDUCATRIX **No início, os materiais da Moderna eram focados em Ensino Médio. Como se deu a expansão do catálogo para outros segmentos?**

RICARDO FELTRE Do Ensino Médio para o Fundamental 2 foi algo natural. Os professores falavam, “os livros da Moderna para o Ensino Médio são tão bons, não tem um livro aí para o ginásio?”. Então, acho que foi automático expandir o catálogo para o segmento anterior.

Na maioria das editoras, foi exatamente o oposto. Elas, em geral, começaram com um catálogo Infantil, depois o Fundamental 1, o Fundamental 2, para chegar no Ensino Médio. As crianças estudavam, era um mercado maior, então a editora começava por onde se vendia mais. Elas estavam certas. Nós começamos ao contrário porque já tínhamos experiência no Ensino Médio, no cursinho, e queríamos aproveitar o perfil. »



» No final dos anos 1970, o nosso acervo de didáticos para o Ensino Médio estava completo e estávamos prontos para começar a investir no Fundamental 2. Em seguida, aumentamos a nossa atuação no mercado e começamos a investir nas séries iniciais, chamado de ensino primário na época.

EDUCATRIX ***E os materiais paradidáticos e de literatura infantojuvenil?***

RICARDO FELTRE A nossa estreia no mercado de literatura infantojuvenil foi na Bienal do Livro de 1980. Sob a competente orientação de Maristela Petrilli (hoje, diretora editorial da área de Literatura da Moderna), lançamos nossos primeiros títulos infantis de ficção. Foi um sucesso imediato e nos deu a coragem de investir no formato de paradidáticos, livros de não-ficção que abordam vários assuntos de interesse dos alunos. Dessa época, temos muito a agradecer a autores como Pedro Bandeira, Mário Lago, Cecília Meireles, Joel Rufino dos Santos, Giselda Laporta Nicolelis, Eva Furnari, Ruth Rocha, entre muitos outros.

EDUCATRIX ***Como foi a consolidação da Moderna no mercado brasileiro?***

RICARDO FELTRE A década de 1980 foi generosa com a Moderna. A empresa se consolidou e ficou conhecida e respeitada em todo o país, tanto no segmento de didáticos quanto na literatura infantojuvenil. Tornou-se essencial a ampliação da divulgação dos nossos materiais e aproximação com os professores brasileiros a fim de entender melhor suas necessidades. A partir disso, tomamos duas decisões fundamentais: o aumento do grupo de divulgadores e o estabelecimento de filiais e distribuidores no Brasil para nos ajudar no atendimento *in loco*. Nossa primeira filial foi em Ribeirão Preto e a segunda no Rio de Janeiro. Conforme a necessidade, outras unidades menores foram surgindo, sem vendas inicialmente, mas com o objetivo crucial de divulgação dos livros. Essas unidades eram chamadas de “Casas dos Professores” e nos ajudaram a expandir a marca por todo o Brasil.

No geral, conseguimos estruturar departamentos, tínhamos uma equipe eficiente e que lidou muito

bem com o crescimento de nosso acervo. Foram anos de progresso contínuo. As parcerias e a credibilidade alcançadas durante essa época foram fundamentais para os tempos de crise política que vieram a seguir.

EDUCATRIX ***Quais foram as principais crises que a Moderna enfrentou?***

RICARDO FELTRE A primeira crise foi o choque no preço do petróleo, que entre 1973 e 1974 subiu de US\$3 para US\$12. Isso se refletiu, na mesma proporção, no preço do papel para impressão gráfica. Na ocasião, o governo federal criou o Programa Pró-livro, com o objetivo de oferecer uma linha de crédito especial para as editoras. Infelizmente, o Pró-livro mostrou-se pouco útil, dada a grande quantidade de garantias exigidas para o financiamento.

Nesse momento, por volta de 1974, o Marmo e o Yoshinaga se afastaram, por motivos particulares, e a empresa ficou sob a minha direção. Sem exagero, a situação era de vida ou morte. Os títulos eram poucos e não havia capital: a Moderna nasceu sem dinheiro, só com o aporte dos sócios. Eu tinha que trabalhar fora para pôr dinheiro na editora. Mas sobrevivemos, com o grande esforço de nossos colaboradores internos e o apoio dos parceiros externos.

Outro golpe violento veio em 1990, quando o Collor, imediatamente após a sua posse na presidência da República, congelou todos os depósitos bancários de pessoas físicas e jurídicas. O Brasil estava sem dinheiro! Todos sofreram enormemente e, mais ainda, as firmas com giro financeiro anual. As editoras de livros didáticos vendem e recebem suas vendas no 1º semestre e guardam suas sobras de caixa para o 2º semestre, quando a situação financeira se inverte. No 2º semestre, as vendas e recebimentos são fracos e os gastos aumentam, para a produção de obras já existentes e o lançamento de novos títulos, sem o que uma editora não consegue crescer.

A gente teve de improvisar. Eu sumi da editora, peguei o carro e conheci todas as livrarias do estado de São Paulo. Correndo atrás de dinheiro. Aproveitei para conhecer o pessoal também, mas estava fazendo caixa, trocando na hora, dando desconto.

Lembro que nesse momento o manuscrito do meu livro, *Fundamentos da Química*, estava pron-

“QUANDO OPTAMOS PELA SANTILLANA, PERCEBEMOS QUE ELES COMPARTILHAVAM CONOSCO OS MESMOS VALORES DE PIONEIRISMO E QUALIDADE EDITORIAL”.

to. Quando o Collor tirou todo o dinheiro da gente, a editora não podia pagar ninguém. Então, reuni os colaboradores e o livro foi feito na raça, todo digitado e montado internamente. Os desenhos foram feitos à mão, em nanquim.

Os mais jovens não fazem ideia do que era a inflação brasileira, desde 1973, com o choque do petróleo, até o lançamento do Plano Real, em 1994. Nas compras do dia a dia, a população enfrentava aumentos diários e, de certa forma, se acostumava. No entanto, para os chefes de família, que compravam livros didáticos uma vez por ano, o aumento anualizado parecia escorchante e causava revoltas. Foi um exercício de paciência explicar aos nossos clientes a conjuntura dos editores dentro da situação geral do país.

A verdade é que, nesse período, para tentar fugir da inflação, uma das saídas foi comprar o máximo de papel possível para impressão dos livros. Tornou-se fundamental para nós estocar papel. Se a editora tinha papel, imprimia o livro; se não, morria. Para se ter uma ideia, quando eu ia pedir algum financiamento no banco, me perguntavam quanto de “papel limpo” eu tinha. Para o banco, o livro em estoque e a possibilidade de comercialização não tinham valor, as nossas máquinas não tinham valor. Foi uma situação bem caótica.

EDUCATRIX *E como aconteceu a venda da Moderna para o Grupo Santillana?*

RICARDO FELTRE Com o Plano Real e a estabilidade econômica, a Moderna voltou a andar nos trilhos. Em 1996, mudamos a nossa sede para um prédio próprio, de seis andares, à Rua Padre Adelino, 758, onde está até hoje. O prédio foi pensado para a atividade editorial e para abrigar o crescimento que a Moderna registrava nas últimas décadas.

Conforme a empresa crescia, ela exigia mais de mim e mais investimentos externos. Então, começamos a receber algumas ofertas de compra de empresas que vinham potencial na Moderna. Entre elas, a Santillana, empresa espanhola pertencente ao Grupo Prisa. Tínhamos a preocupação de manter os valores e diretrizes de trabalho que a Moderna sempre manteve: valorização e respeito aos colaboradores.

Quando optamos pela Santillana e percebemos que eles compartilhavam conosco os mesmos valores de pioneirismo e qualidade editorial, eu, covardemente, empurrei a burocracia para o meu filho Ricardo. Preferi ficar o contato com os autores, acompanhamento dos editores. O Ricardo ficou com o sofrimento, negociações, reuniões de mais de 24 horas seguidas com advogados e com suas preocupações como filho: “Pai, não vai ser doloroso vender um negócio que o senhor fundou?” Eu dizia: “Não, estou tranquilo”.

EDUCATRIX *O que a Moderna significou na sua vida profissional e pessoal?*

RICARDO FELTRE No pessoal, deu muito trabalho e o preço, às vezes, foi alto. Antes de ter a editora, eu trabalhava muito dando aulas. Mas chegava o fim do ano, eu tinha férias. Por um mês, pouco mais, pouco menos, eu ficava livre e podia passear com minha família. Depois que fundei a editora, praticamente não saía mais de lá. Foi difícil e doloroso para todos. Eu tinha de cuidar da gestão da editora, mas também estava preocupado com o meu livro. Durante um bom tempo, eu escrevia meu livro das 17 horas até a hora que aguentava ficar acordado à noite e todo sábado e domingo. Apesar disso, tenho muita satisfação de olhar para a Moderna e ver que todo o esforço deu certo.

O problema é que o livro não tinha meio termo: ou me dedicava a escrever, ou então abandonava, desistia dele. E, editorialmente, buscar novidades é muito difícil. Fui para minha primeira Feira de Frankfurt todo animado, achando que ia comprar muitos livros, e lá descobri que não tinha didático nenhum.

EDUCATRIX *Qual é a lembrança mais bonita que o senhor guarda da Moderna?*

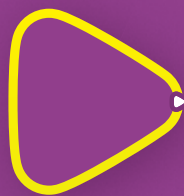
RICARDO FELTRE O que sempre me emociona é pensar como a Moderna foi crescendo pouco a pouco, com juízo, junto com todos os colaboradores e fornecedores. Com isso, formamos uma família, conseguimos atravessar todas aquelas crises, alta do dólar, Plano Collor, inflação absurda. Não sei se tivemos sorte ou se foi resultado do trabalho. Só sei que foi uma trajetória difícil, mas muito bonita. ■



MODERNA

compartilha

A educação 4.0 chegou!



O **Moderna Compartilha** empodera sua **escola** por meio de um **projeto vivo** que valoriza o trabalho por competências, a experiência plena da cultura digital, além de oferecer conteúdo de qualidade, formação e desenvolvimento contínuo aos educadores. Tudo para **redefinir a relação do conhecimento** nessa nova era educacional.



Formação integral do aluno

Big Data com segmentação de informações que auxiliam o processo de aprendizagem

Metodologias ativas que colocam o aluno como protagonista

Competências socioemocionais que promovem atitudes de cidadania mais assertivas

Desenvolvimento docente para que os professores estejam em constante evolução

Cultura maker que auxilia o agir com um aprendizado ativo e experimental

Gamificação com desafios tecnológicos e maior engajamento dos alunos

Gestão da aprendizagem em que o professor orienta e personaliza a maneira de estudar

Conheça mais em:
modernacompartilha.com.br

 /Moderna.Compartilha

Por dentro da Educação

4.0

O termo *Educação 4.0* invadiu as pautas educacionais. Mas como a sua escola pode adentrar as portas do futuro que já chegou?

TEXTO *Débora Garofalo* ILUSTRAÇÃO *Fabrizio Lenci*

REVOLUÇÃO industrial e tecnológica, inteligência artificial, Internet das Coisas (IoT), linguagem computacional, robótica são termos ligados à Educação 4.0, que chegou para ficar! Antes de tudo, é importante entender que não existe um modelo

pronto para aplicar e todos podem e devem contribuir, quebrando velhos paradigmas de uma educação descontextualizada, pautada em transmissão unilateral de conhecimento e ambientes pouco propícios ao processo de aprendizagem. »





» Com a recente aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a tecnologia se tornou, de fato, uma competência de ensino, e deverá atravessar todo o currículo, permeando todas as áreas do conhecimento. Para muitos educadores e especialistas ligados ao tema, o modelo pautado na cultura *maker* – do faça você mesmo – é um dos caminhos.

Introduzir a escola nesse contexto torna-se cada dia mais essencial, principalmente porque o uso das tecnologias possibilita interação, colaboração e personalização do ensino. O seu uso, como estratégia, vem crescendo nas escolas, trazendo soluções inovadoras como o *learning by doing*, o aprender fazendo.

O último Censo Escolar, realizado em 2017 pelo Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa (INESP), disponível no site do QEdu, afirma que das 144.726 escolas da Educação Básica, apenas 40% (57.946 escolas) possuem laboratório de informática, 62% (90.027 escolas) possuem internet e 49% (71.145 escolas) possuem banda larga. Para acompanhar essa transformação na educação, a formação dos professores é primordial. As políticas públicas devem dar suporte, repensando o processo educacional e permitindo que criatividade e inventividade invadam as salas de aula.

Diante desse cenário, reunimos aqui algumas informações e conceitos que vêm sendo discutidos, para ajudar você a se preparar para o futuro que já chegou.

POR ONDE COMEÇAR?

A discussão sobre o tema está apenas começando e devemos enxergar aqui uma oportunidade de modificações no ensino, não somente com o uso de ferramentas virtuais, mas de ações inovadoras, por meio de novas abordagens educacionais que atendam ao perfil dos alunos que são nativos digitais.

O ponto de partida é a criação de ambientes propícios para o desenvolvimento de projetos que permitam aos estudantes vivenciar essa nova realidade. Espaços onde possam aprender fazendo e testando possibilidades, com metodologias ativas e com um processo de aprendizagem inovador. O movimento *maker* é a porta de entrada!

Por meio do pensamento *maker*, é possível criar uma cultura de inovação, invenção, programação e colaboração, trabalhando com metodologias ativas, transformando ferramentas em agentes de modificação, em que os alunos são ouvidos e se tornam parte vital do processo de aprendizagem.

No Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), nos Estados Unidos, o grupo de trabalho Lifelong Kindergarten foi idealizado para pensar a educação pautada no brincar, a fim de explorar novos modelos, buscando soluções com uso de tecnologia e diversos materiais estruturados ou não.

O pesquisador do Media Lab do MIT, Leo Burd, defendeu no evento Hackathon Desafio 4.0, que ocorreu em Manaus, organizado pelo Instituto CERTI Amazonas, com apoio da Positivo Tecnologia, uma aprendizagem baseada no concreto, compartilhando trabalhos e experiências, respeitando o ambiente e promovendo a interação social. Para ele, permitir o erro é positivo no processo de aprendizagem. Esse modelo está sendo le-

vado a escolas públicas brasileiras, por meio de uma rede brasileira de aprendizagem criativa, com intuito de promover trocas e encontros para formação docente. “Precisamos de gente inovadora que saiba usar os recursos que temos de forma criativa, consciente e colaborativa”, diz Burd.

APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO 4.0

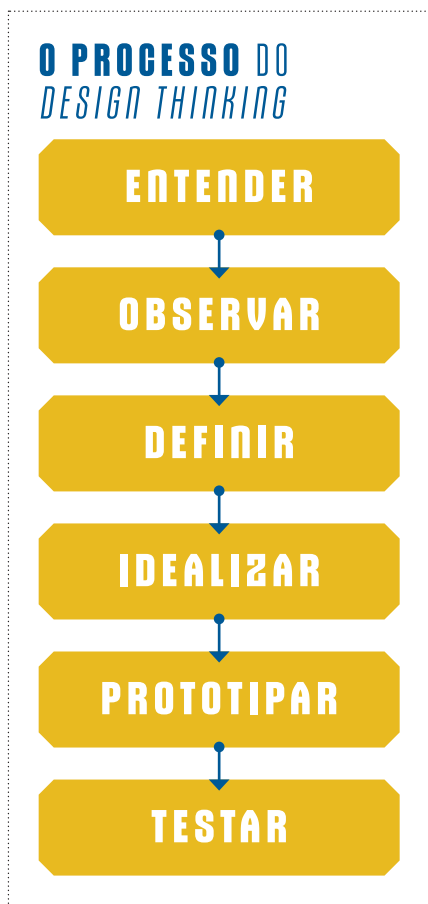
Estamos vivendo um período de transformações, em que se faz necessário uma mudança de concepção da escola e na forma como os alunos aprendem, que passa a seguir novas abordagens e a exigir um currículo que valorize a experimentação e a vivência.

Colaborar, criar, pesquisar, compartilhar são ações do processo de cognição. Com a abertura do Ciberespaço, é uma tendência natural que o aluno tenha autonomia e busque conhecimento fora do ambiente escolar. O ensino híbrido permite trabalhar com modelos de rotações que mesclam diversas estações de atividades, favorecendo a construção do conhecimento, tanto dentro quanto fora do ambiente escolar.



As salas de aulas passam a ter novas configurações no aspecto físico, favorecendo a colaboração e a interação entre os estudantes. Além disso, o desenvolvimento de habilidades e competências que valorizam a pesquisa e a troca de experiências colaborativas será a base da cognição, tornando o processo significativo e envolvente para os alunos.

Métodos de aprendizagem baseados em projetos “mão na massa”, como STEAM (*Science, Technology, Engineering, Arts e Mathematics*) e *Design Thinking*, possibilitam reflexão, interdisciplinaridade e motivação para promover ações diferenciadas, convidando os alunos a explorar resoluções de problemas pensadas a partir de questões sociais, interesses próprios e realidade escolar, propondo novas soluções para investigar, descobrir, conectar, refletir, intervir, sensibilizar a partir dos resultados, testando possibilidades, dentro de um processo contínuo.



Os estudantes passam a ser o centro do processo de aprendizagem, em que o erro terá um espaço fundamental na metodologia. Ao testar possibilidades, ele terá a oportunidade de analisar sua trajetória e intervir sobre ela, aprendendo de maneiras e formas diferentes, em processos que privilegiam a cognição e não o produto, desenvolvendo habilidades e competências:



Com a internet, cada dia mais acessível, móvel e presente no cotidiano, os estudantes têm acesso a múltiplos conhecimentos a um clique e buscam referências sobre tudo o que quiserem. Tais mudanças têm refletido na atuação das escolas, que passam a valorizar a criação de situações de pertencimento em que os alunos tenham voz e autonomia para participar ativamente da construção do aprendizado.

HABILIDADES DO PROFESSOR

São inúmeros os benefícios de uma educação pautada no aprender fazendo. Esta permite a aplicação de um currículo mais interessante e interdisciplinar, a realização de atividades de investigação, o fazer com as mãos e o compartilhar, focando em um modelo de ensino que leve em consideração a evolução do conhecimento, com qualidade e equidade.

O desafio é grande, devido à infraestrutura e à conectividade de muitas escolas, porém, como contraponto, vemos as narrativas digitais incorporadas à rotina escolar, em que educadores são e serão cada vez mais essenciais, sendo motivadores para o uso de novas possibilidades de atividades, projetos e interação na sala de aula, fomentando autonomia, criticidade e protagonismo.

O professor deve ter o olhar para essa revolução, estimulando múltiplas redes de aprendizagem, permitindo uma gama de associações e de significações entre a escola e a comunidade do entorno.

A participação efetiva de todos os atores é fundamental para que a prática educativa seja revitalizada, permitindo interação e ampliação desse ambiente de aprendizagem que contribui diretamente para o desenvolvimento intelectual e pessoal do aluno. O docente deve refletir sobre as diferentes práticas adotadas para garantir que o aluno seja o eixo central do processo de aprendizagem. »



Fonte: Porvir.

» A interação com o outro é o ponto de partida para que os alunos possam construir, desconstruir e reconstruir a aprendizagem, em uma espiral de conhecimento, seja com o objeto de estudo ou com o exercício da docência. A mediação pedagógica assume novo enfoque, no qual o professor exerce o papel de orientador e incentivador, tornando-se parceiro do aluno e instigando-o a refletir e compartilhar. É importante ter em mente que aprenderemos juntos em uma aprendizagem colaborativa. Os professores são mediadores que constroem comunidades em torno do aprendizado, promovendo o talento e as habilidades de seus alunos.

As relações socioemocionais e interpessoais possibilitam elaboração e reelaboração por parte de professores e alunos. Ao redefinir o papel do professor, os processos educacionais têm como pilar o trabalho colaborativo. Para Marta Relvas, bióloga, Dra. e Ms. em Psicanálise, neuroanatomista, neurofisiologista, psicopedagoga e especialista em Bioética, ao utilizar ferramentas tecnológicas, o professor consegue ativar o cérebro do estudante por meio de “rotas alternativas” para produção de novas conexões neuronais e aquisição do aprendizado. O ato de fazer estabelece e fortalece as interligações neurais, formando o que a neurobiologia denomina de “teia neuronal”.

O professor, na Educação 4.0, deve ter percepção e flexibilidade do trabalho docente, assumindo diferentes papéis na aprendizagem: aprendiz, mediador, orientador e pesquisador na busca de novas práticas. O docente precisa criar circunstâncias propícias às exigências desse novo ambiente de aprendizagem, assim como propor e mediar ações que levem à cognição do aluno. Para isso, é preciso ter metas e objetivos bem definidos, compreendendo o contexto histórico sociocultural e as dificuldades do aluno. Como contraponto, o poder público precisa entender a prática docente como uma atividade transformadora, cujo papel é mediar o conhecimento.

O QUE ESPERAR DA EDUCAÇÃO 4.0?

O primeiro passo é integrar a escola com o uso das tecnologias e com o currículo, fomentar conversas com as diferentes áreas do conhecimento, explorar as metodologias ativas para trabalhar e desenvolver projetos que trabalhem a investigação, a resolução de problemas, a produção de narrativas digitais e o desenvolvimento do aprender a fazer, transformando ferramentas digitais em linguagem. O processo da Educação 4.0 não é algo pronto e não existe uma receita; está em criação constante. A seguir, vamos conhecer mais sobre algumas estratégias que têm funcionado.

1 METODOLOGIAS ATIVAS

As mudanças propostas pelas metodologias ativas propõem transmutação de papéis: o aluno é protagonista, tendo participação ativa no processo; e o professor é o mediador do processo, em que o fazer é estratégia principal para alcançar os objetivos pedagógicos. Um muito comum, que ganha destaque, é a aprendizagem baseada em projetos, o *Problem Based Learning* (PBL).

2 CULTURA MAKER

Os movimentos realizados nas escolas e os chamados *makerspaces* estão fortalecendo uma educação pautada em criatividade, usando diversos recursos

APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS



e contando com um ambiente propício à experimentação. Estudos realizados por pesquisadores da Universidade de Stanford (EUA) demonstram que estudantes que vivenciaram a aprendizagem mão na massa tiveram um desempenho 30% mais alto do que aqueles que seguiram o aprendizado de maneira convencional.

Equipamentos são importantes, mas é necessário deixar claro que disponibilizar altos recursos tecnológicos e ambientes virtuais de aprendizagem não garante aprendizagem efetiva; é essencial que eles venham acompanhados de práticas pedagógicas que possibilitam experienciar vivências significativas, pautadas em uma educação humanizadora e integral. A abordagem ainda é um desafio para a educação, principalmente para as escolas públicas, mas não é impossível.

3 ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM

Não é preciso ter um *makerspace* para tornar a sala de aula um ambiente mão na massa. Reorganizar o mobiliário e incluir, a baixos custos, bancadas, reaproveitando portas e prateleiras, e acrescentar cavaletes e ferramentas, já proporciona um lugar de trabalho participativo e colaborativo entre os estudantes.

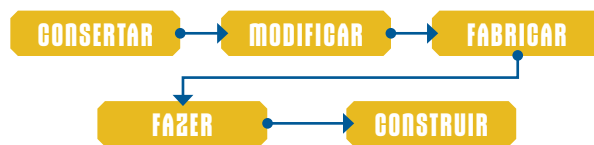
Na *Especial Mão na Massa* do portal Porvir, você pode consultar um simulador *maker*, com uma lista de equipamentos,

custos e sugestões de atividades pedagógicas para realizar com alunos do Ensino Fundamental e Médio. Para construir esse espaço, é possível envolver o entorno e pedir doações de materiais não utilizados em casa, integrando a escola e a comunidade.

4 SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM

Favoreça estratégias que contribuam para o desenvolvimento de projetos. Uma das propostas é trabalhar com questões norteadoras, que agucem a criatividade e despertem para explorar coisas novas, permitindo testar, errar, refazer, reavaliar, aprendendo a fazer, através de um roteiro de trabalho.

QUESTÕES NORTEADORAS



Comece com projetos simples que fortaleçam a empatia, o espírito lúdico, a criatividade, a vivência e a autonomia. Leve para a sala de aula materiais não estruturados e recicláveis como papelão, plásticos, potes, tampinhas, garrafas PETs, materiais eletrônicos como *Leds*, resistores, baterias, motores de 3V, 9V, garras de jacarés, conectores, fios, suportes de baterias, produzindo projetos mão na massa.

5 PROGRAMAÇÃO

Nas aulas, os alunos podem codificar e desvendar o Scratch, um *software on-line* e *off-line*, livre e gratuito, que funciona de maneira fácil e intuitiva, através de blocos de arrastar, montar circuitos elétricos, incorporando o pensamento *maker*. Como professor, você pode montar fichas de observação e investigação para os estudantes registrarem o conhecimento. A partir destas fichas, você pode realizar intervenções e apontar caminhos necessários ao processo.

Todas essas habilidades são importantes para resgatar o encantamento das aulas e desenvolver o espírito criativo e inovador, e funcionam para as todas as áreas do conhecimento. É preciso explorar novos recursos e ferramentas, mediando o espaço entre o aluno e a informação, de forma participativa e interativa, próxima da realidade no processo de construção e reconstrução do seu conhecimento ao trabalhar com as diversas facetas do processo de aprendizagem. Porque o futuro já chegou. ■

DÉBORA GAROFALO

é professora da rede pública de Ensino de São Paulo, Formada em Letras e Pedagogia, mestranda em Educação, colunista de Tecnologias para o site da Nova Escola.

PARA SABER MAIS

Portal QEdu
www.qedu.org.br
Porvir, Especial
Mão na Massa
porvir.org/especiais/maonamassa

Por uma escola que valorize o empreendedorismo antropológico

Preparar cidadãos mais críticos,
participativos e produtivos
na sociedade do século XXI
começa na Educação Básica

TEXTO *Luciana Allan*

ILUSTRAÇÃO *Lucas Wakamatsu*

SEGUNDO pesquisa do LIDE Futuro, 80% dos jovens querem empreender em 10 anos. Outro estudo da Endeavor indica que, em cada quatro brasileiros, três sonham em empreender - é a segunda maior taxa do mundo. No entanto, apenas 9% se prepararam atualmente para começar seu negócio, índice que sobe para 20% na Argentina e 43% no Chile. »



» Apoiador da ideia de estar preparado para empreender, Tibor Navracsics, atual comissário da União Europeia para a Educação, Cultura, Juventude e Desporto, defende que os sistemas de educação e formação básica da Europa devem dar às pessoas de todas as origens as competências certas para progredir e prosperar profissionalmente, mas também para serem cidadãos engajados e participativos em suas comunidades.

Ao me deparar com os dados do LIDE, Endeavor e a fala de Navracsics, com a qual compactuo, eu me senti estimulada a compartilhar com vocês os primeiros passos de um novo conceito que venho elaborando: o **empreendedorismo antropológico**.

Há alguns anos, pesquiso e fomento a educação empreendedora que, ao contrário do que muitas pessoas pensam, não visa puramente formar pessoas capazes de empreender no futuro e ter seu próprio negócio. Mais que isso, seu objetivo é estimular nas crianças e adolescentes competências natas dos empreendedores, que também são fundamentais para o desenvolvimento integral dos seres humanos, tais como autoconhecimento, autogestão, empatia, resiliência, criatividade, uso de tecnologias digitais, autorreflexão humilde, apenas para citar algumas delas.

O empreendedorismo antropológico avança mais um passo quando incorpora a esse trabalho educacional um olhar para a sua comunidade, volta às raízes das crianças e adolescentes ao propor que as habilidades desenvolvidas pela educação empreendedora sejam colocadas em prática, sem que se perca de vista o ambiente onde os indivíduos estão inseridos, com todas as suas nuances e heterogeneidade, que forjam e são forjadas por seus integrantes.

O objetivo é estimulá-las a não perder o foco nesses elementos durante o aprendizado e que eles permeiem suas ações futuras,

desenvolvendo e ajudando a comunidade na qual cresceram, sempre conhecendo e valorizando seus hábitos e crenças, reconhecendo toda a sua complexidade e diversidade. Ao mesmo tempo que se desenvolvem como seres humanos, também transformam o entorno, com engajamento e senso de cidadania.

No Brasil, ainda não temos a cultura de olhar para a nossa comunidade. Acredito que os japoneses representam muito do que o empreendedorismo antropológico ressalta. Quantos de nós não ficamos surpresos ao ver os torcedores do Japão demorarem mais tempo para deixar os estádios, durante a Copa do Mundo de 2014, para limpá-los? O empreendedorismo antropológico direciona o olhar para esse tipo de atitude, para a comunidade, para o bem de todos.

A criança e o adolescente, portanto, aprenderão, sim, a empreender para fins pessoais, mas sem perder o foco em respeitar, valorizar sua cultura e reverter benefícios para a comunidade em que está inserido, sendo efetivamente capaz de exercer sua cidadania. À medida que cresce pessoalmente, também levará consigo um forte sentimento comunitário, de pertencimento e de engajamento em prol do lugar onde nasceu, cresceu e se desenvolveu, que pode ser visto inclusive como sua cidade ou seu país.

COMO É POSSÍVEL LEVAR O EMPREENDEDORISMO ANTROPOLÓGICO ÀS ESCOLAS?

Realizar trabalho voluntário, promover atividades sociais ou culturais que coloquem a comunidade escolar e seu entorno em diálogo para se conhecerem, valorizarem suas histórias, descobrirem pontos positivos, negativos e o que pode ser feito para melhorar a vida de todos dentro daquele microcosmo. Esses são os primeiros passos para colocar a escola nesta nova direção. »



» Mas não é somente isso. A escola precisa, na realidade, passar por uma profunda transformação para se adaptar aos novos tempos e reunir o ferramental necessário para formar jovens preparados para assumir o protagonismo de suas vidas, tendo todas as competências cognitivas básicas, socioemocionais e digitais necessárias ao cidadão do futuro.

QUE TRANSFORMAÇÕES DEVEMOS VIVENCIAR NA EDUCAÇÃO?

Há tempos falamos que a educação bancária, organizada para atender à sociedade industrial, já não faz mais sentido. Esta fazia sentido quando éramos formados para ter uma única profissão ao longo da vida, quando todo o conhecimento que adquiriríamos no ensino superior era suficiente para sustentar nossa trajetória profissional e quando o reconhecimento e respeito a uma hierarquia determinavam os valores de uma sociedade.

Hoje, com o mundo em plena ebulição, com o advento da 4ª Revolução Industrial e, para muitos, com a chegada de uma nova era, a da Inteligência Artificial, a sociedade e a economia passam a ter uma nova configuração, com novos princípios, valores e oportunidades de geração de renda. Reflete-se também na forma como as crianças e adolescentes estão neste mundo, como aprendem, quais são seus interesses e quais oportunidades terão em um futuro próximo.

Dizem que até 2040 muitas das profissões que existirão ainda não foram inventadas. O ser humano cada vez mais dependerá das tecnologias digitais para se relacionar com o mundo, deverá saber utilizá-las não somente como consumidor, mas também como produtor de novos conhecimentos. Cada vez vai ser mais simples programar e inventar “coisas” para resolver problemas do mundo real.

Ter as competências digitais e as socioemocionais será tão importante quanto ter as competências cognitivas básicas. A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) traz esta visão quando apresenta as 10 Competências Gerais: Conhecimento, Pensamento Científico, Crítico e Criativo, Repertório Cultural, Comunicação, Cultura Digital, Trabalho e Projeto de Vida, Argumentação, Autocuidado, Empatia e Cooperação, Responsabilidade e Cidadania.

Na BNCC, não há uma orientação específica relacionada às competências digitais. No entanto, as tecnologias digitais são recursos importantes em diferentes momentos dos projetos escolares para pesquisar,



O EMPREENDEDORISMO

ANTROPOLÓGICO ESTIMULA TANTO O CRESCIMENTO PESSOAL QUANTO O SENTIMENTO DE COMUNIDADE E O ENGAJAMENTO COLETIVO.

estabelecer relacionamentos, buscar parcerias e divulgar resultados.

Por meio dessas oportunidades, os alunos desenvolvem competências digitais alinhadas às recomendações apresentadas pelo currículo britânico, que se organiza em três áreas e dois graus de dificuldade, para serem trabalhados de forma transversal ao longo de toda a educação básica.

Programação, Tecnologia da Informação e Alfabetização Digital devem ser o foco do trabalho, envolvendo como principais atividades: aprender a programar, fazer boas pesquisas, trabalhar em comunidades virtuais de aprendizagem, utilizar *softwares* de produtividade, navegar de forma segura e respeitar a cultura digital.

Para construir um círculo virtuoso que prepare a escola para formar jovens dentro da cultura do empreendedorismo antropológico, todas essas competências devem ser desenvolvidas através de metodologias ativas, priorizando especialmente a aprendizagem baseada em projetos, criando oportunidades de os alunos pensarem em como resolver problemas do mundo real, relacionados à sua história ou à sua cultura, exercerem a autonomia, estimular a criatividade, fazerem uso de tecnologias digitais, terem tempo determinado para a tarefa e oportunidades de avaliação permanente.

O latim *professore* quer dizer pessoa que professa, que declara, que manifesta algum saber. Já aluno tem procedência no verbo latino *alere*, referente a alimentar, nutrir, sustentar; ele é um ‘afilhado’ do professor. O próprio significado da palavra professor já não faz completo sentido, cabendo melhor, acredito, a designação educador, com origem no latim *educator* - quem alimenta, orienta, prepara, e que também carrega na sua formação o verbo *ducare*, cujo significado é ‘conduzir para fora’.

Dentro dessa visão e considerando esse novo cenário pedagógico, os professores

também precisam desenvolver novas competências alinhadas com a reconstrução do universo escolar, entre elas instigar os alunos a pensar em problemas do mundo real, relacionar-se com outras pessoas, fazer boas pesquisas, trabalhar bem em equipe, utilizar tecnologia digital para diferentes necessidades que se quer promover, pensar e refletir com frequência em seus problemas e nas oportunidades que podem gerar para seu bem-estar pessoal e para a sua comunidade.

Preparar os cidadãos do futuro para que sejam expoentes de um novo mundo, focando não apenas na geração de riquezas, mas também, e especialmente, no desenvolvimento comunitário, na preservação da cultura, no cuidado com o meio ambiente e na valorização de uma economia de mercado mais justa para todos serão as premissas para construirmos uma escola capaz de evidenciar o empreendedorismo antropológico, que encontra eco na reflexão do consultor em educação Ken Robinson:

“Nos últimos anos, a população mundial duplicou de 3 bilhões de habitantes para mais de 7. Somos o maior número de habitantes que jamais habitou a Terra. As tecnologias digitais estão transformando nossa forma de trabalhar, jogar, pensar, sentir e nos relacionar. Essa revolução está apenas começando! Os velhos sistemas educativos não foram criados com este mundo em mente. Melhorá-los a partir dos sistemas tradicionais não resolverá os desafios que enfrentamos na atualidade. Não temos que repará-lo, e sim transformá-lo”.

LUCIANA ALLAN

é diretora do Instituto Crescer, parceiro do Moderna Compartilha, e doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) com especialização em tecnologias digitais aplicadas à educação.
www.institutocrescer.org.br





MODERNA
compartilha

Um projeto de evolução

Nosso foco é proporcionar um aprendizado colaborativo, de maneira que a construção do conhecimento, o percurso formativo, o progresso e os resultados evoluam por etapas. Assim, é possível inovar, gerir o nível de aprendizagem e traçar as melhores estratégias para sua escola.

Para saber mais, acesse:
modernacompartilha.com.br

 /Moderna.Compartilha

Diálogos particulares com a BNCC

Escolas privadas interpretam a Base à luz dos contextos em que estão inseridas e criam estratégias para implementá-la a partir de seus respectivos projetos educativos.

TEXTO Lara Silbiger

NO EXATO momento em que a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) foi aprovada, em 17 de dezembro do ano passado, foi dada também a largada para que cada rede e escola do país (públicas e privadas) se alinhe às novas diretrizes obrigatórias. O prazo para implantação termina em 2020, quando as referências que definem os direitos de aprendizagem devem enfim permear os mais diversos aspectos da vida escolar — do projeto pedagógico e currículo à formação de professores, materiais didáticos e instrumentos de avaliação.

Nessa corrida, além de fôlego, as escolas precisam de um bom planejamento para cruzar a linha de chegada. Os primeiros passos se resumem a entender o que é a BNCC, fazer uma revisão dos respectivos currículos e PPP (Projetos Políticos Pedagógicos) e criar um sistema de governança que envolva os professores nos eventuais ajustes e transformações.

Nas escolas públicas, esse processo é liderado pelas redes, muitas das quais têm unido esforços para (re)elaborar seus currículos. Já as privadas gozam de autonomia para dialogar com a Base e promover as mudanças que julguem necessárias para aproximá-las do norte traçado pelo documento oficial. “Embora a BNCC dite as habilidades e competências que

o aluno precisa desenvolver, ela não diz como isso deve ser feito. Portanto, quem vai determinar a estratégia, a carga horária e as disciplinas é a própria instituição, a partir do seu projeto educativo”, explica Solange Petrosino, gerente de Serviços Educacionais da Editora Moderna.

Dessa forma, o processo de implementação vai ganhando seus próprios contornos em cada uma das 71,4 mil escolas de Educação Básica espalhadas pelo Brasil. “Na prática, a BNCC será observada de acordo com a interpretação dos colégios e sua forma de fazer Educação”, conclui Ademar Batista Pereira, presidente da Fenep (Federação Nacional das Escolas Particulares).

Ainda assim, colocar as diretrizes nacionais em prática, em menos de dois anos, não será uma tarefa simples. “O grande desafio do gestor da escola particular é concretizar as referências da Base no dia a dia dos alunos”, afirma Esther Carvalho, diretora-geral do Colégio Rio Branco, de São Paulo (SP). Tende a levar vantagem, porém, quem já estava de olho nas tendências mundiais da Educação. “As escolas que já se preocupavam com a inovação e com os pressupostos globais que a Base trouxe — como formação integral, cidadania global, regionalização e competências socioemocionais — certamente terão mais facilidade de se ajustar”, afirma Solange, da Moderna.

Para acompanhar esse processo na rede privada, a **Educatrix** entrevistou os gestores de quatro escolas que já estão a todo vapor com a implementação da BNCC. Confira os depoimentos a seguir.

COMPREENSÃO DA BASE NA PRÁTICA



ESTHER CARVALHO, diretora-geral.

Colégio Rio Branco

FUNDAÇÃO: 1946

PROFESSORES: 260

ALUNOS: 244 na Educação Infantil, 1.482 no Ensino Fundamental e 269 no Ensino Médio.

LOCALIZAÇÃO: uma unidade em São Paulo e outra em Cotia (SP).

“ O primeiro passo para a implementação é fazer uma interpretação correta da BNCC, que não é uma meta e muito menos um currículo. Entender sua potência e abrangência enquanto política pública é o primeiro grande desafio. Depois, é preciso compreender que não se trata de uma lista de conteúdos. O que o documento prevê é o que a criança deve aprender, sob a perspectiva dos direitos de aprendizagem.

Nesse contexto, é imperativo também entender o que é competência – capacidade de mobilizar conhecimentos escolares e intervir na realidade – e definir os conhecimentos com os quais instrumentalizar o aluno. Em suma, não são conceitos simples de ser assimilados. Muito menos quando se tem em conta que, até pouco tempo, o currículo era tido como uma mera lista de conteúdos. Hoje, porém, sabemos que ele é um instrumento que traduz o conjunto de experiências intencionalmente delineadas pela escola para concretizar as referências estabelecidas no PPP (Projeto Político Pedagógico), bem como as orientações da BNCC.

Outro aspecto fundamental é desmentir o mito de que a Base exige que todos aprendam a mesma coisa. A implementação é muito mais complexa e demandou traduzir a Base para o projeto pedagógico de cada escola.

No Colégio Rio Branco, a primeira etapa desse processo exigiu uma análise profunda da BNCC. Para começar, colocamos lado a lado os princípios que ela traz com o nosso PPP e o planejamento do Colégio. Desse pareamento, resultaram as diretrizes da nova versão do projeto pedagógico, que refinará

aspectos ligados aos direitos de aprendizagem e ao trabalho baseado em competências. É possível também que haja mudanças no regimento escolar a partir de 2019, com uma nova organização didática dos períodos letivos.

Além disso, dissecamos a BNCC para entender como ela se encaixa no nosso currículo, onde se adequa e que novidades traz para o colégio. Com isso, foi possível constatar que os alvos que perseguimos há anos – desenvolvimento de competências e visão interdisciplinar – estão de fato alinhados à Base.

Não estamos falando de conceitos novos, mas sem dúvida de difícil implementação. Por mais que falemos em metodologias ativas, mudar o *mindset* dos professores em uma escola de 150 anos, como a nossa, é um processo longo. Para isso, investimos em formações continuadas que abordam o ensino investigativo, ampliam o repertório de ferramentas pedagógicas que favorecem as metodologias ativas e incentivam a aprendizagem colaborativa. Além disso, estruturamos um processo de apoio aos professores e acompanhamento.

Quanto aos currículos do Ensino Fundamental, que ainda estão em análise, podemos apenas adiantar que teremos ajustes de localização das expectativas de aprendizagem. Já na Educação Infantil, o que mudará no currículo serão as nomenclaturas. A concepção em si deve manter-se muito próxima à que já tínhamos – calcada no uso de múltiplas linguagens, brincadeiras e na ideia da ‘criança potente’.

Em linhas gerais, esses são os ajustes nos quais estamos trabalhando enquanto aguardamos as publicações oficiais da Diretoria de Ensino do estado, a quem respondemos.” »

ESTRUTURA DE GOVERNANÇA

**Colégio São Luís****FUNDAÇÃO:** 1867**PROFESSORES:** 161**ALUNOS:** 220 na Educação

Infantil, 1.421 no Ensino

Fundamental e 805 Ensino Médio.

LOCALIZAÇÃO: região central de São Paulo (SP).**SÔNIA MAGALHÃES**, diretora-geral

“No Colégio São Luís, entendemos a implantação da BNCC como um movimento de mão dupla. De um lado, a escola deve analisar sua proposta pedagógica e matriz curricular à luz do que a Base propõe. De outro, também precisa contextualizá-la no âmbito de sua própria proposta pedagógica. Sob essa lógica, estamos trabalhando na revisão curricular desde 2017. Esse processo é liderado pela direção-geral e levado a cabo pelo chamado GT (Grupo de Trabalho) de Currículo, formado por educadores – docentes e não docentes – de todos os segmentos.

Sob a coordenação da direção acadêmica, o GT se reúne uma vez por semana. Suas reflexões sobre a BNCC e encaminhamentos são socializados mensalmente com todo o corpo docente, que tem papel consultivo. Em paralelo, uma assessoria externa dialoga periodicamente com os professores e com o próprio GT. Já as aprovações finais ficam por conta do Conselho Diretor da Escola.

A BNCC, porém, não impõe grandes desafios para o colégio. Já tínhamos um currículo bastante abrangente em termos de conteúdo. O que vemos agora são oportunidades de enriquecer o que já fazíamos e oferecer aos estudantes mais alternativas de acesso

ao conhecimento. Para isso, temos ampliado nossos horizontes e nos debruçado sobre currículos – inclusive internacionais – de filosofia humanista, cuja foco é a formação integral da pessoa. A partir desse *benchmark*, passamos a organizar nossos conteúdos de maneira mais integrada e a incorporar à matriz de competências gerais e habilidades em todas as dimensões, não apenas na intelectual. Nosso prazo para terminar a elaboração da nova matriz (até o 9º ano do Ensino Fundamental) é outubro de 2018. Para o Ensino Médio, é junho de 2019.

Na mesma direção, caminha a formação continuada dos professores. Com foco na epistemologia e na didática, as metodologias ativas, que favorecem todas as dimensões da aprendizagem, são a tônica dos encontros, organizados a partir de reflexões individuais e coletivas sobre a prática. Quanto aos materiais didáticos que o Colégio adota, ainda vamos avaliar se há necessidade de mudanças para o próximo ano letivo. Cabe ressaltar que a análise da adequação das obras à nossa proposta pedagógica e aos documentos oficiais de Educação já faz parte da rotina anual. Neste ano, em especial, vamos atentar para o alinhamento dos conteúdos didáticos às exigências da BNCC.”

FORMAÇÃO DE PROFESSORES



Sagrado

FUNDAÇÃO: 1900

PROFESSORES: 560

ALUNOS: 1.500 na Educação Infantil, 7.100 no Ensino Fundamental e 1.600 no Ensino Médio.

LOCALIZAÇÃO: 14 unidades educacionais, com sede da Gestão Pedagógica em Curitiba (PR).



RAFAEL LIMA, gestor pedagógico

“ Graças ao fato de termos acompanhado a construção da Base desde o princípio, com participação ativa nas reflexões junto a sindicatos e outras organizações educacionais, nosso trabalho pedagógico já estava voltado para os direitos de aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades e competências.

Na Educação Infantil, por exemplo, a BNCC legitimou nosso olhar diferenciado para o binômio Cuidar e Educar, que sempre privilegiou os processos de alfabetização e letramento desde os estágios iniciais do desenvolvimento cognitivo. Além disso, o documento veio ao encontro da forma como exploramos os direitos de aprendizagem: com práticas pedagógicas que imprimem intencionalidade ao conviver, brincar, participar, explorar, conhecer e expressar-se.

Ainda assim, temos alguns desafios pela frente. O maior de todos é garantir que os professores e as equipes pedagógicas tenham pleno entendimento da BNCC e das mudanças que se fazem necessárias para implementá-la na Rede. Uma delas é a atualização do PPP, com um olhar renovado para a identidade do Sagrado frente às demandas de um ensino progressista. A nova versão da proposta pedagógica, que será finalizada até 2019, deve fortalecer a gestão democrática e envolver toda a comunidade educativa nas transformações que estão por vir.

Para um futuro próximo, vemos também oportunidades na construção de práticas mais inovadoras de ensino. Para promover a autonomia dos educandos, vamos privilegiar o conceito de Aprender a Aprender e o Ensino Híbrido. Os pri-

meiros passos nessa direção já foram dados na Rede por meio da apresentação geral da Base, com momentos especialmente dedicados a esse propósito durante a formação continuada. Agora, a próxima etapa é discutir formas de colocar o aluno no centro da aprendizagem, bem como refletir sobre novas práticas metodológicas e tecnologias educacionais que contribuam para esse fim.

Quanto ao currículo do Ensino Fundamental, este deve sofrer ajustes para minimizar a fragmentação do conhecimento entre um ciclo e outro. Para isso, pretendemos ampliar – de forma orgânica e progressiva – a inserção de situações complexas no dia a dia do educando. Outro aspecto que merece atenção é o aprofundamento das práticas de leitura, escrita e oralidade.

No Infantil, por sua vez, os currículos tendem a ser tornar mais consistentes tanto na organização quanto na proposição de experiências. Estas, segundo a própria Base, deverão contribuir para a criança conhecer a si mesma e ao outro e compreender suas relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica.

Já em relação aos materiais didáticos, o que deve mudar são os nossos critérios de seleção. Vamos visar ao alinhamento dos conteúdos com a BNCC e também às novidades metodológicas voltadas ao ensino progressista. Os ajustes, porém, só serão feitos na medida em que a Rede identificar reais necessidades.

Por fim, novos indicadores de aprendizagem passarão a fazer parte do sistema avaliativo do Sagrado, que já preza pela observação das habilidades adquiridas pelos educandos.” ➤

AJUSTES NO CURRÍCULO



REGINA SCARPA, diretora pedagógica

O primeiro passo para lidar com a BNCC é desmitificar a ideia de que ela será implementada nas escolas. É um erro que nos induz a pensar em uma suposta massificação, que sequer tem como acontecer. A Educação não se faz assim. A proposta consiste em dialogar com a Base, identificar pontos de atrito com o projeto pedagógico e com o currículo e avaliar como ela pode contribuir para a melhoria da aprendizagem.

Cabe destacar que todas essas interpretações e análises sempre vão partir dos pressupostos e premissas de cada escola. Não dá para fugir da própria história, da cultura e das relações que se formam em torno da instituição. É por isso que a leitura da Base em uma escola mais tradicional pode acabar sendo completamente diferente da leitura que fazemos no Vera Cruz, cuja abordagem é construtivista.

Por aqui, as discussões estão a todo vapor. Desde fevereiro deste ano, equipes técnicas formadas por coordenadores, orientadores, assessores de área e professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental se debruçam sobre a Base para fazer uma leitura crítica do documento e uma autorreflexão sobre nossas práticas pedagógicas.

Em julho, as equipes tiveram a oportunidade de apresentar para todo o corpo pedagógico do Colégio um primeiro diagnóstico das consonâncias e dissonâncias com a Base, bem como a necessidade de incorporar certos objetivos e aprofundar competências específicas. Ainda durante o encontro, cada pessoa pôde contribuir com ideias e apresentar suas demandas de formação continuada, material didático, ajustes no currículo e revisão do projeto pedagógico.

Com esse raio-x de cada área e segmento, agora temos condições de traçar os próximos passos de alinhamento com a Base.

Alguns ajustes, porém, já estão previstos. Em Matemática, vamos antecipar o desenvolvimento do pensamento computacional para o currículo do Ensino Fundamental. Até então, apresentávamos a Matemática Computacional apenas no início do Ensino Médio e não necessariamente com o mesmo rigor no desenvolvimento das competências que a Base agora determina.

Em outros casos, porém, as diretrizes do documento já começam a ser incorporados no dia a dia. Por exemplo, se o assessor de Língua Portuguesa está falando de ortografia com os professores, ele já aproveita para abordar o tema sob o ponto de vista do desenvolvimento das competências definidas pela BNCC.

Para o Infantil, não haverá grandes novidades. A Base traz apenas um outro jeito de organizar o trabalho pedagógico, com base nos campos de experiência. Dessa forma, o documento ratifica o que o Vera Cruz já segue: valorizar a experiência da criança e respeitar sua forma de aprender e pensar.

No Ensino Fundamental, o planejamento das aulas também não será muito impactado. Definir objetivos com base no desenvolvimento de competências tem tudo a ver com nosso jeito de ensinar. Menos cognitivistas e mais direcionados para a experiência da vida escolar, acreditamos que o aprendizado se dá na relação com o conhecimento, com os professores e colegas e com a experiência vivida no coletivo.

Ainda temos muito por mapear e planejar pela frente. Mas é com serenidade que vamos tomando consciência das nossas necessidades e priorizando o que precisa ser feito até 2020."

Colégio Vera Cruz

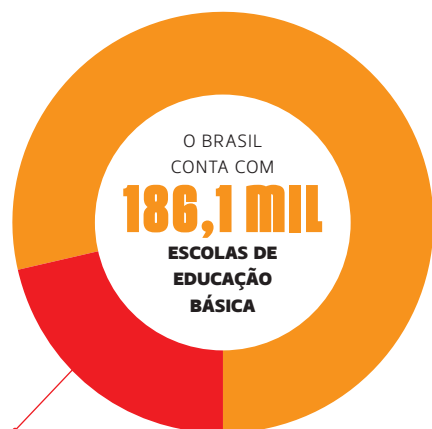
FUNDAÇÃO: 1963

PROFESSORES: 251

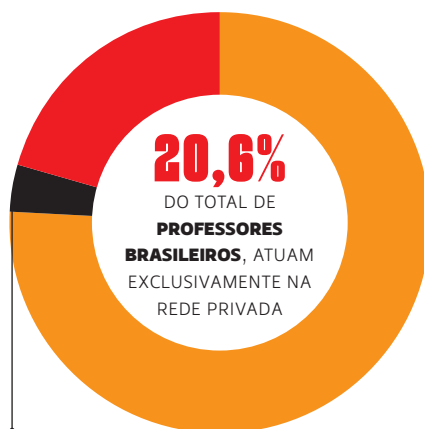
ALUNOS: 387 na Educação Infantil, 1.426 no Ensino Fundamental e 329 no Ensino Médio.

LOCALIZAÇÃO: quatro unidades na zona oeste de São Paulo (SP).

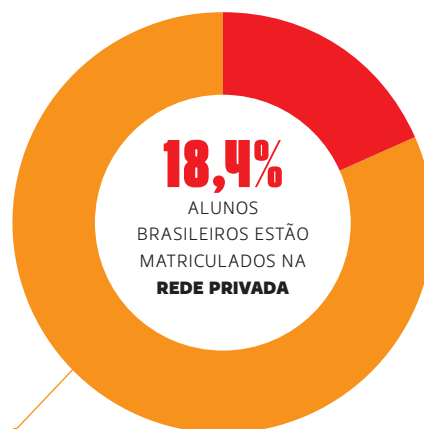
A rede **privada** em números



21,5% OU **40 MIL** ESCOLAS SÃO DA REDE PRIVADA.



3,8% DO TOTAL DELES ATUAM TANTO NA REDE PÚBLICA QUANTO NA PRIVADA.

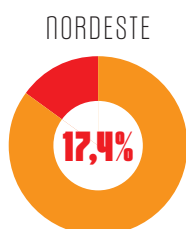


DO TOTAL DE **48,8 milhões** MATRICULADOS.

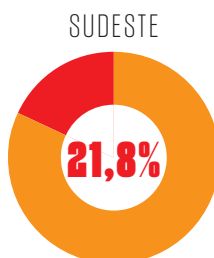
POR REGIÃO



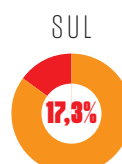
OU **469.637** MATRÍCULAS EM ESCOLAS PRIVADAS DO **TOTAL DE 5.030.223**



OU **2.496.501** MATRÍCULAS EM ESCOLAS PRIVADAS DO **TOTAL DE 14.325.245**



OU **4.216.510** MATRÍCULAS EM ESCOLAS PRIVADAS DO **TOTAL DE 19.350.189**



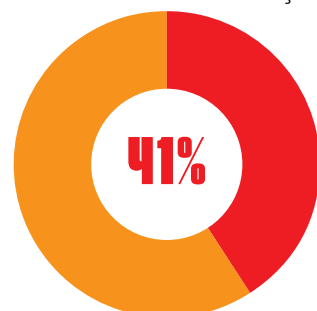
OU **1.119.908** MATRÍCULAS EM ESCOLAS PRIVADAS DO **TOTAL DE 6.468.176**



OU **680.545** MATRÍCULAS EM ESCOLAS PRIVADAS DO **TOTAL DE 3.643.646**

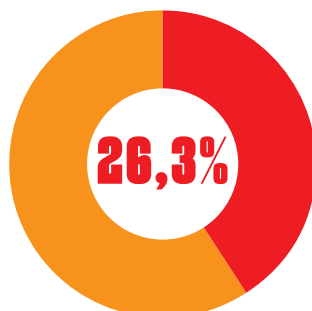
POR SEGMENTO

EDUCAÇÃO INFANTIL

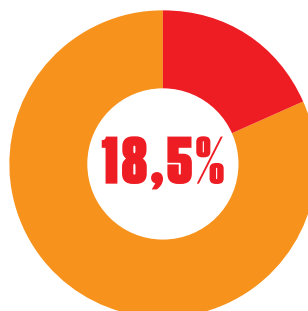


DAS **CRECHES** BRASILEIRAS SÃO DA **REDE PRIVADA**

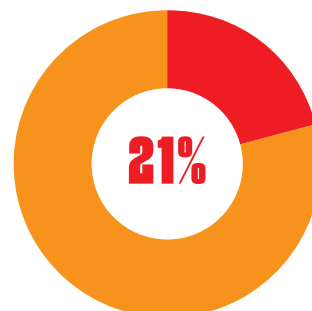
ENSINO FUNDAMENTAL



DAS ESCOLAS DE **ED. INFANTIL** SÃO DA **REDE PRIVADA**



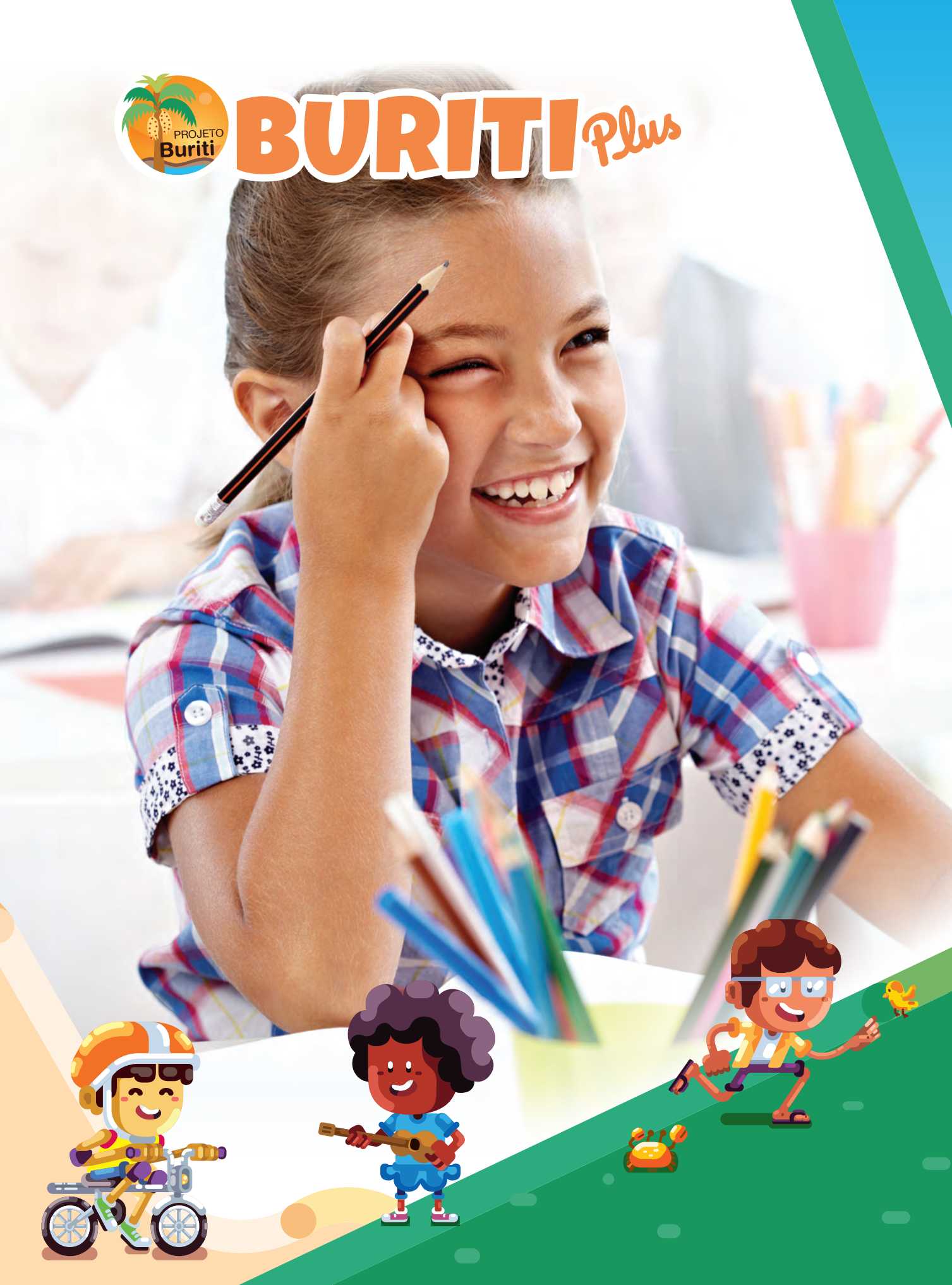
DAS ESCOLAS COM **ANOS INICIAIS** SÃO **PRIVADAS**



DAS ESCOLAS COM **ANOS FINAIS** SÃO **PRIVADAS**



BURITI *Plus*



UMA METODOLOGIA FOCADA NA **FORMAÇÃO** **INTEGRAL** DO ALUNO



- Estrutura organizada em unidades
- Interdisciplinaridade
- Competências socioemocionais: **7 Atitudes para a Vida**
- Programa de atividades diversificado
- Domínio da linguagem em todas as disciplinas



Conheça a proposta completa em
www.moderna.com.br/buritiplus

Quando entrar no *chat* significa aprender

Chatbots e a inteligência artificial entraram de vez nas rodas de conversa da educação. Quais perguntas você deve se fazer para inseri-los no cotidiano da sua escola?

TEXTO Fernando Herranz, com colaboração de Gabriela Dias ILUSTRAÇÃO Leandro Lassmar

NAS ÚLTIMAS férias, nosso colega Fernando Herranz, da Espanha, presenciou a seguinte situação enquanto seu filho Rodrigo, de dois anos e meio, tomava mamadeira pela manhã. Por descuido do pai, Rodrigo pegou o celular e, sob seu olhar atento, manteve a seguinte conversa espontânea com o dispositivo:

Rodrigo: E aí, Siri, você está aí?

Siri: Estou aqui.

Rodrigo: Você quer mamadeira?

Siri: Tudo o que eu preciso está na nuvem.

Para aqueles que não conhecem a Siri, ela é o *chatbot* (ou “robô conversacional”) embutido no sistema operacional dos dispositivos da Apple. Outras grandes empresas de tecnologia, como Google, Mi-

crosoft e Amazon já possuem tecnologias semelhantes, todas baseadas em inteligência artificial (IA).

A história pode soar inofensiva, mas já é possível imaginar um futuro não muito distante em que assistentes virtuais, baseados em voz ou não, ocupam um papel de destaque na vida de crianças e jovens. Afinal, a relação com a máquina é natural para essas gerações e está no centro de seus processos de aprendizado e de seu dia a dia.

Pensando nisso, o que podemos fazer, como educadores, para nos prepararmos para o impacto que a IA deve causar no mundo educativo? A análise a seguir é uma reflexão coletiva da qual participaram várias pessoas da área de tecnologia e aprendizagem, com diferentes pontos de vista, no Brasil e na Espanha. »

» PRIMEIRA PARADA: UM CHAT... O QUÊ?

Antes de mais nada, é preciso se familiarizar com a tecnologia. É possível que você até já seja usuário, e esteja acostumado a acionar seu celular ou computador por voz. Esse é o primeiro passo para não ser pego de surpresa pela explosão que, nos próximos anos, essa nova modalidade de relação entre humanos e máquinas deve experimentar.

A segunda etapa é entender o que são robôs conversacionais, ou *chatbots*. Em resumo, eles são programas treinados para manter uma conversa e, às vezes, para aprender mais sobre nós. Essas conversas podem ser realizadas em texto, áudio, vídeo etc. Atualmente, elas são utilizadas, sobretudo, em contextos comerciais e de atendimento a clientes.

Para Marta Bonet, doutora em Filosofia e Ciências da Educação, essas inovações decorrem do fato de que hoje as máquinas podem, finalmente, utilizar a linguagem humana. “Agora podemos interagir com elas em nossa própria linguagem, o que elimina barreiras entre pessoas e máquinas e abre novas portas”.

SEGUNDA PARADA: MAIS DÚVIDAS DO QUE CERTEZAS (OU NÃO)

Segundo algumas análises, tais portas se abrirão em breve para o mundo da educação. Em 2017, o Fórum Econômico Mundial divulgou uma análise que aponta que a maior empresa da internet em 2030

será educativa, e que a base de seu negócio será a aplicação da inteligência artificial e o desenvolvimento de *chatbots*.

Hoje, porém, ainda temos muitas dúvidas: será que os *chatbots* solucionarão problemas de aprendizagem? Ampliarão a personalização? Farão da aprendizagem algo mais natural? Realmente falarão a língua dos alunos? Trabalharão habilidades?

Antonio Rodríguez de las Heras, professor da Universidade Carlos III de Madri, considera que essas ferramentas serão um elemento que vai intervir e servir de mediador entre o professor e o aluno. “É preciso abrir espaço para elas entre nós. A educação personalizada será o resultado de uma tríade formada pelo aluno, o professor e o *bot* – com os três aprendendo ao mesmo tempo”, comenta.

Entretanto, elas terão de achar seu espaço e isso não será fácil, diz Alfredo Hernando, especialista em inovação educacional. Para ele, “os *chatbots* podem ocupar um espaço na correção rápida de respostas ou onde não há necessidade de compreensão semântica avançada”. A psicóloga Natalia Calvo, que pesquisa aprendizagem e neurodidática, concorda. “O desafio será encontrar um espaço adequado. Não acho que consigam dar resposta a todos os conteúdos de todas as disciplinas”.

Natalia tem sensações contraditórias ao analisar o fenômeno. “É normal uma criança ficar amiga de

OS ROBÔS ESTÃO ENTRE NÓS



IMAGEM: DIVULGAÇÃO

um robô? Que habilidades socioemocionais estará trabalhando? E quais estará realmente desenvolvendo?”. Mas suas incertezas contrastam com as surpresas positivas que, segundo ela mesma, esses recursos podem trazer para o aprendiz. “O *chatbot* pode contribuir para canalizar e potencializar a curiosidade de forma que as respostas provoquem novas perguntas, conduzindo a criança através de diferentes dimensões do conhecimento”, explica.

A mesma linha é compartilhada por Marta Bonet. Ela ressalta os efeitos que a chamada “computação cognitiva” pode ter na hora de desenvolver processos de aprendizagem baseados mais na vontade de saber do aluno do que no armazenamento de informações. “Como a máquina decifra a linguagem natural, ela pode digerir conteúdos já existentes de forma rápida – e o aluno, em vez de passar as páginas ou deslizar a tela, pode falar com ela e obter a resposta que procura em sua própria linguagem. A relação com o conhecimento é muito mais natural e próxima”.

Víctor Sánchez, fundador e CEO da *startup* Mashme, também considera imprescindível desenvolver essa relação natural entre o aluno e a máquina para que os *chatbots* tenham sucesso. “À medida que os processadores de reconhecimento da linguagem natural forem melhorando, o nível das perguntas que serão capazes de responder de forma completa e satisfatória aumentará exponencialmente”.

TERCEIRA PARADA: QUAL ESPAÇO OS CHATBOTS OCUPARÃO NO MUNDO EDUCATIVO?

Se parece inevitável que robôs conversacionais sejam usados em contextos de aprendizagem, que espaço eles ocuparão? Será que substituirão alguém? Oferecerão formas alternativas de aprender? Os especialistas divergem quanto aos caminhos.

Alfredo Hernando ressalta que, apesar do potencial dos *chatbots* “nos cursos *on-line* ou semipresenciais, nos quais sua incorporação tenderia a ser maior, até o momento optou-se mais pelo *crowdsourced*. Isto é, antes de automatizar as respostas e correções, os alunos se ajudam uns aos outros ou o grupo, em conjunto, resolve e soluciona as dúvidas de maneira participativa, mas organizada”.

A professora da Unifesp Paula Carolei acredita que a inteligência artificial não deve ser usada para produzir respostas, e sim para embasar perguntas e gerar provocações. “É uma questão metodológica. Esses programas podem ser de grande ajuda para organizar dados, encontrar padrões, contradições etc. Mas infelizmente há sistemas de tutoria sendo criados para dar respostas muitas vezes redutoras, o que é uma pena diante do potencial da tecnologia”, afirma.

Já para Antonio Rodríguez, da Universidade Carlos III de Madri, é clara a transformação que eles ►

RASTREAR *chatbots* educacionais hoje é tarefa relativamente fácil, pois a área ainda está evoluindo, especialmente na educação básica. Segundo a designer conversacional Camilla Canonici, uma das “experiências pioneiras e revolucionárias” foi o Robô Ed, da Petrobras, que até 2016 trocou 250 milhões de frases com internautas. “A partir de 2004, quando entrou no ar, ele foi aprendendo com as conversas e evoluiu até conseguir dar cerca de 40 mil respostas, indo de petróleo a Machado de Assis”.

Camila cita um projeto do governo do Ceará e outro de Moçambique como exemplos recentes da aplicação dessa tecnologia para fins educacionais. No caso do Ceará, o governo vai testar robôs da empresa Somai em salas de aula a partir de 2019. “A presença física dos robôs gera uma experiência relevante, o que contribui para a memória de longo prazo”. Já em Moçambique, a ambição do robô Dr. Wilson é ajudar a “salvar 20 mil crianças de até 5 anos nos próximos 36 meses”, por meio de conversas com “cidadãos comuns” sobre higiene, uso racional da água e esgoto.

Em São Paulo, a inteligência artificial está presente também como disciplina. No colégio Dante Alighieri, desde o início de 2018,

há uma eletiva dedicada ao tema. O professor Rodrigo Assirati Dias, responsável pela cadeira, conta que a iniciativa faz parte da carga horária do novo Ensino Médio e foi um sucesso. “Foram 37 inscritos e 25 selecionados no primeiro semestre. Eles aplicaram conhecimentos de matemática e linguística, refletiram sobre questões éticas e tiveram de produzir um *chatbot* com um personagem histórico, além de escrever um artigo”, conta.

“Mas por que incorporar esse assunto ao currículo tão cedo?”, você talvez se pergunte. Rodrigo, que também dá aula no ensino superior, tem a resposta na ponta da língua. “A coordenação do colégio escolheu IA porque ela vai ser parte da vida de todo mundo no futuro. Mas a gente também ouviu os alunos, e eles se interessaram muito pelo tema”, explica.

STRYK, UM CHATBOT QUE AJUDA A ESTUDAR



► trarão ao sistema. Para o aluno, “um *edubot* é um assistente educativo pessoal, que estará sempre ao lado do aprendiz. Sua presença será intensa, mesmo que invisível. De acordo com o nível educativo e o propósito, ele pode até ter um corpo, dirigido especialmente à afetividade que todo relacionamento necessita”. Do ponto de vista do professor, será como um “discípulo do mestre, assimilando sua sabedoria e a interpretando para depois responder às demandas do aluno. Assim, o trabalho do professor não fica nem reduzido nem encoberto pela incansável entrega do *bot*”.

Natalia Calvo propõe uma perspectiva fascinante em que os *bots* podem contribuir de forma decisiva para uma nova relação entre aprendizagem e erro. “O fato de uma máquina trabalhar com o erro de forma diferente diminui a pressão sobre o aprendizado, o que contribui para que ele aconteça de forma mais natural, como ocorre em contextos não formais”. Segundo Calvo, “os últimos avanços da neurociência demonstram que o cérebro necessita do erro para progredir. Um *chatbot* deve guiar e oferecer desafios que abram a mente das crianças e as ajudem a mergulhar em sua própria curiosidade”.

Despertar a curiosidade, o espírito crítico, emo-

cionar-se. Todas essas questões podem se tornar mais fáceis se “o acesso à informação não passar obrigatoriamente pelo professor”, diz Marta Bonet. “Isso fará com que ele possa dedicar mais tempo a uma interação de maior qualidade com os alunos. Só que a melhora na qualidade da interação não acontecerá somente entre aluno e professor, mas também entre aluno e máquina. A interação será mais complexa, mais rica e mais natural”, completa.

Segundo Víctor Sánchez, as coisas poderiam ir muito além. Para ele, essas ferramentas vão desenvolver várias capacidades paulatinamente e acabarão resolvendo desde perguntas frequentes e triviais até dúvidas complexas e transcendentais. “Um *chatbot* poderá talvez se converter em uma espécie de psicólogo, detectando e tratando problemas como depressão, déficit de atenção ou até o *bullying* real e digital”.

Esse potencial ressoa com a designer conversacional Camila Canonici, que desde 2001 acompanha os efeitos que os robôs têm, inclusive no público em idade escolar. “Depois que a Petrobras lançou o Robô Ed, em 2004, ele teve de passar a falar de problemas familiares com as crianças, pois esse tópico surgia direto nas conversas”.

NA MODERNA, o tema dos *bots* tem sido objeto de estudo há alguns anos. Em 2019, o trabalho vai dar seu primeiro fruto: o *chatbot* Stryx chega nas escolas com a missão de ajudar os alunos a estudar. “Detectamos em pesquisa que os alunos não querem mais estudar só com o livro, e que os professores acreditam que o principal desafio da profissão hoje é tornar a matéria mais atrativa e gerar interesse”, diz a coordenadora executiva de conteúdo digital, Ivonete Lucírio.

Em resposta a esses problemas, o núcleo de inovação criou um estudo guiado em forma de diálogos, que incentiva a retomada dos conteúdos e atende o aluno no momento em que ele mais precisa: quando está sozinho, sem o apoio do professor nem dos colegas. “A pesquisa mostrou que, nessa hora, muitos recorrem ao celular, mas têm dificuldade para fazer uso produtivo do dispositivo”, conta Ivonete. “Acreditamos que, com a ajuda da Stryx – uma coruja bem-humorada e amigável, sem ser sabichona –, esse tempo de tela vai ser mais eficaz, e o aluno vai ganhar autonomia”, acrescenta ela.

A proposta não é substituir o professor nem o livro, muito menos esgotar os temas. Stryx é, em essência, um colega virtual. “Ela recupera o principal de cada assunto por meio de uma conversa, em uma linguagem próxima do aluno. Usamos inclusive elementos típicos das trocas de mensagem, como *gifs*, *emoticons* e abreviações, mas sem perder em nenhum momento o rigor da informação”, garante a coordenadora.

Para o aluno que tiver dúvida ou quiser se aprofundar, o *chatbot* sugere *links* de recursos confiáveis, como videoaulas e aplicativos relacionados a cada matéria. Alinhada com a BNCC, a novidade acompanha a reformulação do projeto Araribá Plus, coleção destinada para o Ensino Fundamental 2, e está disponível nas disciplinas de Português, Matemática, História, Geografia e Ciências.

QUARTA PARADA: QUANDO OS *CHATBOTS* SERÃO REALIDADE NA EDUCAÇÃO?

Essa pergunta talvez seja a mais fácil de responder, pois a verdade é que já há *chatbots* disponíveis para uso educacional, tanto no Brasil quanto no exterior. Víctor Sánchez lembra que “hoje já temos o IBM Watson atuando como um professor assistente em fóruns de universidades americanas”. Na próxima década, segundo ele, poderemos ver “versões avançadas, difíceis de serem diferenciadas de professores reais, especialmente ao conversar sobre materiais e disciplinas específicas”.

Para Agustín Cuenca, fundador e CEO da empresa ASPGems, o fenômeno “acontecerá mais tarde do que acredito (5 ou 10 anos), mas antes do que calculam aqueles que pensam que ele não vai acontecer”.

Além do quando, Antonio Rodríguez acha que será muito relevante o como. “Desorientação e resistências serão inevitáveis no caminho. Deverá ser superado o preconceito de que isso significa automatizar a educação, de que a inteligência artificial coloca a função do professor em segundo plano, ou de que ela vai trazer um controle excessivo ao acompanhar e avaliar tão de perto a aprendizagem do aluno”.

Na mesma linha, Marta Bonet acredita que essas

ferramentas terão espaço desde que o ser humano entenda que máquinas têm a função de melhorar a qualidade de vida e não a de substituir outras coisas. “O ser humano é resistente a mudanças, mas a tecnologia tem colocado muitos paradigmas de pernas para o ar. Por isso, em relação à chegada da inteligência artificial, torna-se cada vez mais urgente trabalhar o espírito crítico dos alunos para que possam entender e gerenciar essa importante mudança”, explica.

O cenário é mesmo inquietante e, por ora, a única certeza talvez seja a de que, com a inteligência artificial, a transformação das formas e das relações será significativa. Por enquanto, vale continuarmos atentos às conversas das crianças com a Siri... ▣

FERNANDO HERRANZ

é responsável pelo Departamento de Inovação da Santillana na Espanha.

PARA SABER MAIS

- Blog Toyoutome, Cuando chatear significa aprender... y enseñar: mod.lk/twpjf
- Robô Ed Petrobrás: www.ed.conpet.gov.br/br
- Projeto Araribá Plus / Stryx: mod.lk/V44F2
- Relatório IBM - Possibilidades da inteligência artificial na educação: mod.lk/pesqibm



UM PROJETO **MULTIPLATAFORMA** CONECTADO AOS NOVOS TEMPOS

O novo **Araribá Plus** mantém seu compromisso com as metodologias mais eficientes e as melhores tendências educacionais. Sua proposta pedagógica, totalmente de acordo com a BNCC, potencializa o trabalho do professor e valoriza o desenvolvimento cognitivo e socioemocional, o protagonismo e a formação ética e cidadã do aluno.



NOVO ARARIBÁ APP

- Download dos objetos educacionais digitais do portal para visualização off-line.
- Leitor de código QR para acessar os conteúdos indicados no livro impresso.
- Acesso ao chat-bot exclusivo com trilhas do conhecimento para um aprendizado guiado e lúdico, em casa ou na sala de aula, sozinho, com o professor ou com os amigos.

Saiba mais em
www.moderna.com.br/araribaplus



EXPEDIÇÃO

2030

O DESAFIO **CERTO**
DE EDUCAR PARA UM
FUTURO **INCERTO.**

Para qual mundo estamos formando
nossas crianças e adolescentes?
Quais serão as habilidades e competências
exigidas para uma vida bem-sucedida?

TEXTO Anna Penido ILUSTRAÇÃO Otavio Silveira





ADIVINHOS e futurólogos nunca tiveram tamanha dificuldade para prever ou compreender o que o destino nos reserva. Diante da velocidade e profundidade das transformações que marcam este início de século XXI, não há nada mais certo em relação ao futuro do que a sua própria incerteza.

As mudanças climáticas transformam o planeta. As novas tecnologias redefinem a vida humana. Os processos migratórios e as mudanças de comportamento provocam choques culturais. A busca de competitividade modifica as relações econômicas e gera novos contextos políticos e sociais. E todas essas movimentações juntas aprofundam os níveis de insegurança e ansiedade dos indivíduos, que têm dificuldade de caminhar por terreno tão movediço e ameaçador.

No mundo atual, poucas são as garantias e muitos os desafios que nos afetam individual, local e globalmente, demandando novas capacidades, soluções e regulações. Simultaneamente, crescem as dúvidas e expectativas em relação à educação e seu poder de não apenas preparar as novas gerações para enfrentar uma realidade futura bastante nebulosa, mas também de capacitá-las para reduzir os impactos negativos e ampliar os benefícios trazidos por todas essas mudanças.

Conhecimentos tradicionais continuam sendo importantes, mas não se mostram suficientes para assegurar que as pessoas se realizem no âmbito pessoal, social e profissional, muito menos para que interajam com as questões próprias da contemporaneidade e participem da construção de um mundo melhor para si e para os demais. Cientes desse desafio, especialistas e organizações ao redor do globo apontam para a necessidade de revermos o que se ensina e se aprende nas escolas.

Como consequência, diversos países promovem reformas curriculares com o intuito de aproximar a educação do seu projeto de nação, de maneira que crianças e jovens sejam preparados para se orientar e se realizar em um mundo em constante mudança, bem como contribuir para o alcance de objetivos nacionais e globais de médio e longo prazo.

No Brasil, essa oportunidade surge com a construção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e com a Reforma do Ensino Médio, que reabrem a discussão sobre o que todos os estudantes brasileiros precisam aprender. O propósito, nesse caso, para além de resolver problemas recorrentes relacionados à equidade e qualidade da Educação Básica, também se constitui em oportunidade para oferecer aos alunos brasileiros as aprendizagens que eles

precisam para enfrentar os desafios da vida contemporânea, muitos dos quais ainda nem conhecemos.

DESAFIO PROFISSIONAL

As tecnologias modificam cotidianamente os fazeres e ambientes de trabalho, dos mais simples aos mais complexos. Tarefas repetitivas passam a ser realizadas por máquinas, enquanto os profissionais se diferenciam por suas habilidades humanas. Criam-se novas profissões, muitas se transformam e outras deixam de existir. Em grande medida, formamos estudantes para desempenhar funções que ainda nem existem.

Diante dessa nova realidade, cabe às escolas desenvolver a capacidade dos indivíduos de continuar aprendendo ao longo da vida, para que adquiram novos conhecimentos conforme se fizerem necessários. Para tanto, é importante motivar os alunos a valorizar e buscar o conhecimento de forma cada vez mais autônoma, acessando as mais diversas fontes, bem como selecionando, contextualizando e aplicando as informações que obtêm. Os estudantes também precisam ser estimulados a pensar sobre a sua própria aprendizagem, para serem capazes de identificar o que precisam aprender e como aprendem melhor.

O domínio das tecnologias é outro requisito indispensável para que os alunos estejam preparados para um mundo do trabalho cada vez mais automatizado. Ainda que o seu diferencial seja justamente realizar o que não pode ser delegado às máquinas, o profissional do futuro precisa saber utilizá-las com inteligência e habilidade. O não desenvolvimento dessa competência desde a idade escolar compromete significativamente as chances dos indivíduos de se inserirem e progredirem profissionalmente. Portanto, torna-se vital assegurar que todas as escolas ofereçam essa oportunidade aos seus alunos.

A rápida obsolescência de conhecimentos técnicos demanda ainda que os currículos das instituições de ensino contemplem competências mais transversais, que os apoiem a desempenhar qualquer profissão contemporânea, mesmo as que ainda não foram inventadas. Atributos como flexibilidade, criatividade, trabalho em equipe, resolução de problemas, inovação e empreendedorismo estão entre elas. Uma vez imbuídos dessas capacidades, as novas gerações terão mais facilidade de se adaptar às mudanças e de se inserir com mais dignidade, qualidade e sustentabilidade em um mundo do trabalho em constante mutação.



“

O DOMÍNIO DAS
TECNOLOGIAS É
OUTRO REQUISITO
INDISPENSÁVEL
PARA QUE OS
ALUNOS ESTEJAM
PREPARADOS
PARA UM MUNDO
DO TRABALHO
CADA VEZ MAIS
AUTOMATIZADO.

REALIZAÇÃO PESSOAL

Vivemos em um contexto de permanente instabilidade, marcado por ambiguidades e imprevisibilidade. A ausência de respostas únicas e a dificuldade de prevermos o que nos acontecerá potencializa o surgimento de tensões emocionais, que afetam crianças, adolescentes e jovens de forma cada vez mais precoce e aguda. Proliferam-se os casos de hiperatividade, apatia, agressividade, depressão, automutilação e suicídio.

Algumas dessas questões requerem tratamento psicológico ou psiquiátrico. No entanto, a escola que se propõe a preparar os estudantes para a vida também tem o papel fundamental de ensiná-los a lidar melhor com suas emoções e relações. Para tanto, os currículos, da Educação Infantil ao Ensino Médio, precisam desenvolver a capacidade dos alunos de conhecer, apreciar e cuidar de si mesmos, bem como de reconhecer, expressar e lidar com seus sentimentos. A proposta é oferecer aprendizagens que os ajudem a superar dificuldades e realizar toda a sua potência, respeitando e acolhendo a sua essência.

Especialmente em relação aos adolescentes e jovens, é imprescindível que as escolas os estimulem a ter aspirações e a identificar caminhos e metas para alcançar os seus projetos de vida, seja por esforço próprio, seja lutando por seus direitos. As práticas pedagógicas e o ambiente escolar também precisam favorecer o desenvolvimento de competências como determinação - para que perseverem e vençam obstáculos; resiliência - para que saibam lidar com frustrações, insucessos e adversidades sem desistir do seu intento; e autoconfiança - para que acreditem em sua própria capacidade de aprender, progredir e realizar os seus sonhos.

Os avanços na ciência e medicina impactam na longevidade e aprofundam as discussões sobre qualidade de vida, estimulando a mudança de hábitos pessoais. O cuidado consigo mesmo, portanto, também passa pela capacidade dos estudantes de promoverem a sua própria saúde e bem-estar. Cresce a importância dos currículos incluírem aprendizagens que levem ao desenvolvimento físico, à incorporação de atitudes saudáveis e à prevenção de situações de risco. A expectativa é garantir que corpo e mente saudáveis contribuam para que as novas gerações tenham perspectiva, garra e vitalidade para superar as turbulências que encontrarão pela frente. »



» CHOQUE CULTURAL

O mundo será cada vez mais urbano e grande parte da população continuará se movendo em direção às grandes metrópoles. Paralelamente, processos migratórios em todo globo já estão mudando a face dos países. Assim como as seleções europeias que disputaram a última Copa do Mundo, nações, comunidades, empresas e até mesmo escolas serão cada vez mais multiculturais. Porém, ao contrário do que acontece no futebol, fora de campo, o aumento da diversidade tende a ampliar os níveis de estranhamento, intolerância e xenofobia.

Conquistas civis e sociais também continuarão provocando transformações profundas na mentalidade e no comportamento de indivíduos e sociedades, muitas vezes se contrapondo a valores e tradições há muito estabelecidos. Mudanças de percepção e legislação em relação ao papel da mulher, identidade de gênero e orientação sexual, novos arranjos familiares, inclusão de minorias étnicas e raciais, legalização do aborto, descriminalização da maconha, entre tantas outras, seguirão desestabilizando o sistema de crenças e ameaçando os mais conservadores. Como consequência, prevê-se o acirramento dos preconceitos e da violência contra aqueles que, apesar de terem seus direitos garantidos por lei, ainda são percebidos como diferentes.

Vale lembrar que esses novos cenários modificam o próprio ambiente escolar, onde conflitos dessa natureza se intensificam. Diante dessa realidade, as instituições de ensino não têm como se eximir de abordar essas questões com seus alunos, muitos dos quais são vítimas cotidianas do preconceito e da exclusão.

Faz-se necessário, portanto, educar as novas gerações para valorizar e conviver com a diversidade. Dessa forma, além de aprender a transitar por contextos culturalmente diversos com competência, respeito e apreciação, também se conscientizarão da importância de atuar como mediadores culturais, construindo pontes entre os diferentes e minimizando os impactos negativos gerados pelas mudanças em curso.

TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Ao contrário do que se imaginava, o aumento da riqueza produzida no mundo não foi capaz de acabar com a pobreza, nem reduzir as desigualdades. A bem da verdade, pesquisas demonstram que a distância entre ricos e pobres está aumentando, tanto em relação às pessoas, quanto aos países. Crescem também os níveis de violência que têm

como origem as injustiças sociais.

A reversão dessas tendências depende em grande medida da forma como educamos as nossas crianças e jovens. Currículos conectados com os principais desafios da humanidade se preocupam em desenvolver competências como empatia, diálogo e colaboração, imprescindíveis para que as novas gerações tenham uma atitude mais justa, inclusiva e solidária em relação aos demais.

Torna-se fundamental desenvolver nos estudantes a capacidade de pensar criticamente sobre as questões sociais locais e globais, perceber-se como agente de transformação e criar soluções para os desafios que se apresentam. A realização de pesquisas e projetos de intervenção sobre a realidade tem grande poder de sensibilizar, ampliar a compreensão e engajar os alunos em iniciativas voltadas a melhorar a vida de populações e comunidades vulneráveis, inclusive se fizerem parte delas.

Importante ressaltar que se a educação não for capaz de fortalecer a coesão e a justiça social, colocaremos cada vez mais em risco a possibilidade de convivência entre os desiguais.

PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

O planeta também está se transformando de forma rápida e inequívoca, ainda que muitos tentem relativizar os efeitos das mudanças climáticas. O crescimento populacional e o impacto da vida humana na Terra exaurem recursos naturais, comprometem a qualidade de elementos vitais, como a água e o ar, e nos colocam o desafio de repensar a intensidade das nossas pegadas, sob pena de comprometermos a nossa própria existência.

Os prognósticos nessa área são críticos, mas não de todo irreversíveis. Ainda temos como utilizar a nossa inteligência e disposição para modificar a maneira como nos relacionamos com o meio ambiente. A mudança, no entanto, precisa começar desde cedo, para garantir a incorporação de atitudes e comportamentos mais sustentáveis.

A adoção de práticas associadas ao consumo consciente, à preservação de áreas ecológicas e à redução da emissão de poluentes, entre muitas outras, depende de uma mudança profunda de paradigma. E ainda que as legislações ambientais busquem regular esses processos, grande parte dessas decisões ainda acontecem no nível pessoal.

Mais uma vez, as escolas têm papel preponderante na formação de crianças, adolescentes e jovens para que se conscientizem sobre o impacto de suas ações no planeta, adotem comportamentos

ambientalmente responsáveis e sejam defensores e promotores da sustentabilidade. Cultivo de hortas escolares, campanhas de reciclagem de resíduos sólidos e visitas a parques e reservas continuam tendo valor. No entanto, é preciso ampliar a compreensão dos estudantes sobre grandes desafios ambientais, tanto os que fazem parte do nosso cotidiano – como o tempo debaixo do chuveiro –, quanto os dilemas de ordem global – como a escolha de nossas matrizes energéticas.

PARTICIPAÇÃO CIDADÃ

Em meio a todas essas mudanças, ampliam-se os questionamentos em relação aos sistemas vigentes, que se mostram incapazes de promover desenvolvimento econômico aliado a liberdades civis, direitos humanos, justiça social e preservação ambiental. Surgem novos arranjos, em geral acompanhados por divergências e polarizações, que se amplificam por meio de redes sociais. O cenário aprofunda o clima de instabilidade política e, ao mesmo tempo, potencializa a participação dos cidadãos na construção de novas alternativas.

Já no âmbito da ética, as ambiguidades se avolumam, colocando as normas vigentes em cheque e demandando mudanças importantes no campo da regulamentação. Novas legislações surgirão ou se modificarão para dar conta dos dilemas emergentes, muitos deles relacionados ao uso das tecnologias, especialmente as de informação e comunicação.

Essas novas circunstâncias demandarão novos papéis e responsabilidades por parte da sociedade civil, cujas formas de participação na vida pública também vêm se modificando velozmente, levando à criação de novos formatos de organização, mobilização, controle social e envolvimento popular na solução de questões de interesse público. A demanda crescente para os próximos anos diz respeito à capacidade dos cidadãos de serem agentes do seu próprio destino e das transformações que aspiram para o seu entorno e para o mundo.

Vale lembrar que grande parte desse empoderamento cívico e social tem seu início na escola, quando os estudantes dispõem de espaço para discutir e vivenciar a sua cidadania, aprendendo a tomar decisões éticas, a se envolver em processos democráticos e a se corresponsabilizar por desafios coletivos.

Ainda nesse sentido, é fundamental que os currículos escolares desenvolvam a sua capaci-

dade de compreender e refletir criticamente sobre os modelos políticos e econômicos vigentes, para que possam transitar por eles com propriedade e contribuir para a construção de propostas mais justas, inclusivas, democráticas e sustentáveis.

Em relação às tecnologias, os alunos precisam se conscientizar do impacto que geram na sociedade e aprender a utilizá-las de maneira ética e significativa, inclusive como instrumento de poder e participação. Além disso, devem se atentar para os riscos de manipulação e exposição, especialmente por parte das redes sociais.

Importante destacar que muitas das competências que passam a integrar os currículos escolares ao redor do mundo não são necessariamente novas, mas tornam-se cada vez mais indispensáveis apresentadas no século XXI. Mais relevante ainda constatar que redefinições em relação ao que os estudantes precisam aprender provocam mudanças diretas no como eles aprenderão.

Assim sendo, as reformas curriculares devem vir acompanhadas de revisões igualmente profundas sobre práticas pedagógicas, materiais didáticos, ambientes escolares e sistemas de avaliação da aprendizagem. Foco no aluno, personalização, uso de tecnologias e metodologias ativas, aprendizagem mão na massa, mobilidade e flexibilidade de espaços dentro e fora da escola são algumas das tendências que dialogam com essa proposta.

Uma vez que têm como foco a promoção do desenvolvimento dos estudantes em todas as suas dimensões (intelectual, social, emocional, física e cultural), os currículos contemporâneos também precisam ser compreendidos como um desafio que não se restringe às unidades escolares. Sua implementação demanda o esforço conjunto de diversos atores, incluindo-se as famílias, as comunidades do entorno, as áreas de saúde, cultura, esporte, tecnologia e desenvolvimento social, entre outras.

Só assim conseguiremos preparar as novas gerações para se manter no rumo ao navegar por mares de imprevisibilidade e incertezas. ■

ANNA PENIDO

é diretora do Inspirare. Jornalista formada pela UFBA, com especialização em Direitos Humanos pela Universidade de Columbia e em Gestão Social para o Desenvolvimento pela UFBA. Em 2011, participou do programa Advanced Leadership Initiative da Universidade de Harvard. Coordenou o escritório do Unicef para os estados de São Paulo e Minas Gerais. É fellow Ashoka Empreendedores Sociais.

TRADIÇÃO

PIONERISMO



A Moderna completa meio século e revisita sua trajetória de transformação da educação, sempre com foco no aluno.

TEXTO *Lara Silbiger* ILUSTRAÇÃO *Carlo Giovani*

PARA COMEMORAR os 50 anos da Moderna, a Educatrix preparou uma retrospectiva sob a ótica de seus colaboradores. Em busca de memórias, conversamos com profissionais de diversas áreas da empresa. Entre fotografias antigas, estantes repletas de livros, boas risadas e lágrimas, o que mais nos chamou a atenção foram as profundas conexões entre a história da Moderna e a difusão da educação e cultura no país.

Com obras que marcaram época, prêmios e inovações que revolucionaram a forma de fazer soluções para educação, a Moderna se consolidou como referência em projetos educativos. Por isso, não é raro que gerações de professores e alunos se lembrem de terem estudado com esses materiais ou de terem participado de formações e congressos pelo país.

Nas escolas privadas, a marca é líder de mercado de Educação Básica. No setor público, por sua vez, é a empresa que vendeu mais exemplares (24%) no PNLD 2018 - Ensino Médio e a que teve o maior número de obras aprovadas nas avaliações pedagógicas coordenadas pelo Ministério da Educação no PNLD 2019 - anos iniciais do Fundamental. Esse reconhecimento e credibilidade não vieram da noite para o dia, como revelam as páginas a seguir. Em uma linha do tempo que se inicia com a sua fundação, em 1968, vamos percorrer alguns marcos dessa trajetória. ➤



1968

A FUNDAÇÃO DA EDITORA



► **A HISTÓRIA** da Moderna começa em 22 de outubro, quando os professores de Química, Ricardo Feltre e Setsuo Yoshinaga, e Carlos Marmo, de Desenho Geométrico, se unem para publicar livros didáticos. Com vasta experiência em cursos pré-vestibulares e conhecedores das exigências dos principais exames da época, o objetivo era tornar o conteúdo mais acessível e adequado às demandas do então 2º grau. Mais tarde, professores de outras disciplinas, como Hildebrando Afonso de André, de Língua Portuguesa, e Nora Antunes, de Física, entram no time editorial. A distribuição das obras ficava por conta do cunhado de Yoshinaga, que trabalhava com a venda de livros porta a porta.

ANOS 1970

A CONSTRUÇÃO DO CATÁLOGO

EM 1970, o MEC implementa um sistema de coedição de livros com editoras nacionais para atender à demanda da rede pública. A indústria de livros didáticos ganha um novo fôlego no ano seguinte com a promulgação das Diretrizes e Bases para os ensinos de 1º e 2º graus (Lei nº 5692/71), que determina uma nova organização para o sistema educacional, define os conteúdos a serem ensinados e torna o ensino obrigatório para as crianças de 7 a 14 anos. Com a consolidação das Diretrizes e Bases, em 1976, o MEC assume a compra dos livros didáticos e a distribuição para parte das escolas e dos estados.

Paralelo a este cenário, a Moderna passa por uma reestruturação no quadro diretivo que leva o professor Feltre a assumir a presidência. Em 1974, o professor Yoshinaga se muda para os EUA, seguido do professor Marmo, que também deixa o negócio. Naquele momento, a Moderna – e seus seis funcionários – tem diante de si o desafio de completar o catálogo de disciplinas para o 2º grau. Até o final da década, o objetivo é atingido, e a editora passa a investir em obras para 5ª a 8ª séries.

Por volta de 1978, a Moderna volta seu olhar para a literatura infantil, que estava despontando no mercado nacional. “As universidades estavam introduzindo uma cadeira específica de Literatura Infantil nos cursos de Letras”, recorda Maristela Petrilli, diretora editorial de Literatura e a funcionária mais antiga em exercício, com 42 anos de Moderna. “Minha função era sair em busca de autores e bons originais, o que estreitou meus laços com acadêmicos, como Marisa Lajolo (Unicamp), Nelly Novaes Coelho (USP), Maria Antonieta Antunes Cunha (UFMG) e Regina Zilberman (UFRGS)”, comenta.



CASA NOVA

A primeira sede da Moderna foi em um sobrado, na capital paulista. Na época da fundação, além de Feltre, Yoshinaga e Marmo, trabalhavam uma secretária e um office-boy.

ANOS 1980

O BOOM DA LITERATURA E A CONSOLIDAÇÃO NO MERCADO

NA BIENAL DO LIVRO de 1980, a Moderna faz sua estreia no mercado de literatura infantojuvenil com o lançamento de suas primeiras obras: **Um Dono para Buscapé**, de Giselda Laporta Nicoletis, *O Soldado que Não Era*, de Joel Rufino dos Santos, e *Olhinhos de Gato*, de Cecília Meireles. Somente seis anos depois surgem os primeiros livros de não ficção.

Na Bienal de 1984, o catálogo cresce e ganha obras literárias de grandes autores como Mário Lago, Pedro Bloch, Ganymedes José, Stella Carr e Orígenes Lessa. Na feira seguinte, lança a primeira obra de Pedro Bandeira – hoje, autor exclusivo. A editora se destaca devido à variedade, à qualidade e aos autores literários e inova ao associar as obras de literatura ao público escolar, incentivando a formação de leitores.

Em 1985, surge o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) que estabeleceu regras para a compra de livros didáticos: os professores passam a escolher as obras; a aquisição e a distribuição gratuita às escolas públicas se dão com recursos do Governo Federal; e o atendimento do programa alcança todo o Ensino Fundamental (1ª à 8ª série). A universalização, porém, só veio 11 anos depois, com o PNLD a cargo do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação).

Na área de didáticos, a Moderna se consolida no mercado e ganha reconhecimento principalmente



por suas coleções de Ensino Médio. A empresa ganha projeção nacional e passa a contar com uma equipe própria de diagramadores e desenhistas, além de abrir duas filiais: uma em Ribeirão Preto (SP) e outra no Rio de Janeiro (RJ). Posteriormente, foram criados espaços denominados “Casa dos Professores”, onde todos podiam visitar e conhecer os materiais. Hoje, a Moderna possui um total de oito filiais e 21 representantes em todas as regiões.

“A cordialidade, o respeito e o diálogo sempre foram marcas da nossa cultura organizacional. O professor Feltre mantinha um ritual diário de cumprimentar os funcionários, chamando cada um pelo nome. Hoje, a empresa cresceu, somamos 850 colaboradores diretos e 250 indiretos, mas o clima amistoso continua o mesmo”, afirma Ângelo Xavier, diretor geral de Educação, que entrou na Moderna há 30 anos como divulgador de livros. ➤

Em 1980, a editora se mudou para a Rua Afonso Braz, na Vila Nova Conceição.



➔ A transferência para a atual sede aconteceu em outubro de 1996. A iniciativa fez parte de um plano de expansão, que escolheu o bairro do Belenzinho, zona leste da capital paulista, para dispor de uma infraestrutura que integrasse todos os departamentos.

ANOS 1990

SUPERAR CRISES PARA
CONQUISTAR RESULTADOS

► **O INÍCIO** da década vem acompanhado de um quadro de recessão, motivado pelo Plano Collor que lança pacotes radicais de medidas econômicas, incluindo o confisco dos depósitos bancários e das cadernetas de poupança. De acordo com reportagem da época, publicada no jornal O Globo, em 1990, a economia brasileira recuou 4,3% e a inflação chegou a 1.620% no acumulado dos 12 meses. No ano seguinte, cai para 472%, voltando a passar dos 1.000%, em 1992.

Internamente, a Moderna se vê temporariamente sem recursos para elaborar novas obras. “Mesmo assim, o professor Feltre não queria dispensar nenhum funcionário. Ele decidiu reeditar

seu livro, com mais de 600 páginas, e gerar trabalho suficiente para todos. Durante o tempo de vacas magras, ele abriu mão de seus direitos autorais, em favor das finanças da editora”, recorda Dalva Muramatsu, que se aposentou como analista de planejamento sênior em 2015, depois de 37 anos na empresa.

Não só a Moderna é afetada pelo confisco, como o próprio governo tem de restringir a compra de didáticos. Em 1992, as limitações orçamentárias do MEC comprometem a distribuição nacional e os livros chegam apenas aos alunos de 1ª à 4ª séries.

Um novo fôlego vem só em 1996, com a nova Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9.394/96), que amplia a Educação Básica. A inclusão da Educação Infantil e do Ensino Médio como obrigações do Estado tem reflexos diretos sobre a indústria de didáticos.

Nesse mesmo ano, o MEC constitui uma comissão para analisar a qualidade dos conteúdos e aspectos pedagógico-metodológicos das obras inscritas no PNLD. A avaliação é publicada no primeiro “Guia de Livros Didáticos”, a fim de orientar os professores em suas escolhas. Em 1997, são apresentados os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) do Ensino Fundamental, seguidos dos RCNs (Referenciais Curriculares Nacionais) da Educação Infantil, em 1998, e dos PCNs do Ensino Médio, em 2000. “Eles trouxeram novas perspectivas para a organização das nossas obras, agora alinhadas com documentos públicos”, conta Ricardo Seballos, diretor editorial e colaborador há 38 anos. As primeiras coleções lançadas no novo formato são *Projeto Presente*, para o Fundamental 1 e *Ciências Naturais – Aprendendo com o Cotidiano*, de Eduardo Leite do Canto, para o Fundamental 2.

Com obras desde a Educação Infantil até o Ensino Médio e literaturas de ficção e não ficção, a Moderna diversifica suas

EVOLUÇÃO
DO LOGOTIPO

A MARCA Moderna está presente desde os primeiros livros. A ideia era transmitir o ar de modernidade que inspirava os títulos, alinhados com as demandas da sociedade da época.

Os primeiros logotipos valorizam o formato em si, dando ênfase à produção de livros didáticos estruturados. Com o tempo, o ideal de inovação ganhou mais peso e destaque. Acompanhando as mudanças da sociedade, em 2012, o logotipo com livros deu lugar a um mundo dinâmico, sempre em movimento. Foi o momento em que a Moderna começou a se posicionar não apenas como uma editora de livros, mas como uma empresa global de educação, que respeita a diversidade do mundo e vê as necessidades de cada público por todos os ângulos, numa perspectiva 360°.

1968



ANOS 1980





áreas de atuação e adquire o controle acionário da Salamandra, selo especializado em obras de literatura.

UMA NOVA FORMA DE FAZER LIVROS

A Moderna incorpora clássicos da literatura universal para crianças ao seu catálogo. “Na época, estava em alta a coleção *Disquinho*, da Warner, que trazia contos como *Chapeuzinho Vermelho*, *Patinho Feio*, *Rapunzel* e outros, musicados por artistas brasileiros. Entre eles, estava o Braguinha, com quem fiz contato para liberar os direitos autorais e transcrever os versos para compor as narrativas da nossa futura coleção de livros”, recorda Maristela Petrilli.

No final da década, o PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola) distribui dois acervos de literatura: um com 215 títulos, dirigidos a 20 mil escolas públicas de Ensino Fundamental, e outro com 109 títulos infantojuvenis, distribuídos para 36 mil escolas públicas de 1ª a 4ª série.

Os anos 1990 trouxeram mudanças na gestão da empresa. Eduardo Arissa Feltre e Ricardo Arissa Feltre, filhos do fundador, assumem posições de liderança e dinamizam processos internos. Enquanto o primeiro foi responsável por introduzir a editoração eletrônica na produção, o segundo organizou as estratégias de venda e de cobrança.

Em 1997, acompanhando as necessidades do mercado escolar, o Sistema UNO de Ensino é criado com o objetivo de ampliar o leque de soluções da empresa. O colégio O Bosque, de Santo André, é o primeiro a firmar parceria, que se mantém até os dias atuais.

ANOS 2000

O INÍCIO DE UMA NOVA ERA

COM A GLOBALIZAÇÃO, muitas empresas ousam ir além de suas fronteiras em busca de oportunidades em mercados ascendentes. O Brasil, em crescimento econômico, atrai olhares e o mercado editorial nacional passa por uma verdadeira reconfiguração. Esse foi o caso da Santillana, braço editorial do Grupo Prisa, líder na Espanha nos segmentos de comunicação, entretenimento e educação em Línguas Espanhola e Portuguesa, que adquiriu a Moderna, em 2001.

A aquisição, orquestrada pelo fundador do Prisa, o espanhol Jesús de Polanco, marca o início de uma nova era. “Com o *know-how* da Santillana, deixamos de testar modelos para implementar o que já havia sido testado e funcionava em outros lugares, fazendo adequações à nossa realidade. Ganhamos velocidade de produção e processo de organização que antes não tínhamos”, conta Ângelo Xavier.

Em meio a esse cenário, a conexão emocional dos brasileiros com a Moderna se mantém intacta. De um lado, a tradição, a confiança e a proximidade atribuídas à marca contribuem para esse processo. De outro, o que salta aos olhos é a capacidade de se reinventar, inovar a partir de experiências concretas da Santillana em outros países e, ainda, associar tudo isso à compreensão das particularidades e hábitos nacionais. Essa união de forças entre as expertises nacional e global – com processos de economia de escala e investimentos em pesquisa e desenvolvimento – faz com que a Moderna revolucione a forma de fazer soluções para educação no Brasil. ➤

ANOS **1990**



EDITORA MODERNA

ANOS **2000**

Moderna

ANOS **2010**

MODERNA

» “Quando anunciou a venda, Feltre fez questão de destacar que a escolha dos compradores tinha sido feita a dedo. Não era de se estranhar as semelhanças entre ambas as empresas: de origem familiar, com investimento em educação e envolvimento direto do pai e seus filhos na gestão”, destaca a secretária executiva Patrícia Carvalho, que trabalhou diretamente com o professor Feltre por seis anos. A mudança, porém, impôs novos desafios. “Fui escolhida para secretariar o novo presidente, Andrés Cardó, mesmo sem falar espanhol. O jeito foi correr atrás dos meus objetivos e estudar. Quando me tornei fluente, fui promovida à secretária bilíngue”, conta ela, que está na empresa há 24 anos.

“No seu primeiro ano no Brasil, o presidente buscou entender o trabalho de cada um e valorizou quem estava aqui. Para aqueles que tinham potencial de assumir novas posições, deu a oportunidade de crescer”, explica Arnaldo Telles, diretor de Recursos Humanos, e funcionário há 22 anos.

A aquisição traz desafios para todas as áreas. Para o Marketing, foi necessário desenhar um plano para que a editora alçasse um novo patamar, crescesse e se firmasse como referência de inovação. “A Santillana decidiu remodelar a marca da Moderna para torná-la mais jovem e dinâmica aos olhos das escolas”, relata Márcia Carvalho, então gerente de Marketing e hoje diretora do Moderna Compartilha.

A Moderna ganha um aporte de investimentos e de tecnologias inovadoras e lança o conceito de projeto multidisciplinar coletivo, com o **Projeto Pitangua** (2002), seguido do **Projeto Araribá** (2003) e do **Projeto Buriti** (2005). “Era diferente de tudo que conhecíamos. Estávamos acostumados com obras em que um único autor entregava os capítulos prontos. O desafio agora era outro e incluía encomendar textos com diversos autores e editores, com especialidades variadas, orquestrar equipes, editando e diagramando ao mesmo tempo, e transformar tudo isso em uma obra completa. Confesso que, no início, ficamos apavorados”, lembra Maria de Lourdes Rodrigues, gerente de planejamento editorial, que está há 38 anos na Moderna.

Com isso, a lógica de organização do conteúdo sofre mudanças. “Toda a estruturação ficou mais coerente com a metodologia didática das escolas, com unidades padronizadas e linguagem mais direta e objetiva”, ressalta Ricardo Seballos. Outra inovação da época é a inserção do *design* instrucional nas coleções, que associa projeto gráfico, imagem, foto e infografia ao texto de forma coerente, com maior hierarquia na apresentação dos conteúdos.

O resultado é disruptivo no mercado. “No lançamento do Pitangua, batemos nosso recorde de vendas, com 20,5 milhões de exemplares no PNLD”, lembra Ronaldo Cardoso, supervisor de logística de PNLD e das filiais da Moderna.

Os desafios da transição e a introdução de novas tecnologias são lembrados pelos colaboradores. “A equipe editorial é um dos patrimônios da Moderna. A gente brinca

que quem faz materiais para educação precisa ter uma dose extra de paixão pelo que faz, dado o ritmo acelerado”, destaca Marta Cerqueira Leite, coordenadora de Design e Projetos Visuais.

Ricardo Seballos destaca a importância de encontrar soluções que não tenham sido imaginadas. “Propor projetos inovadores, exequíveis e viáveis, que inspirem estudantes, professores e o mercado é a minha maior motivação e a principal recompensa pelo trabalho que realizo.”

Em paralelo, novas estratégias comerciais são estabelecidas. “Direcionamos os consultores de vendas para as escolas com potencial de adoção, segmentadas de acordo com cada perfil pedagógico, e criamos a figura do assessor pedagógico, cuja missão é orientar a utilização do material em instituições adotantes”, explica Márcia Me-



nezes, diretora de Operações Comerciais, que entrou na Moderna há 26 anos como auxiliar de tesouraria. Hoje, a rede de assessoria se tornou a embaixadora da marca junto às escolas, oferecendo formação continuada ao longo do ano e estreitando relacionamento.

Com sólida carreira em escolas, Solange Petrosino, gerente de Serviços Educacionais, ressalta a importância das formações pedagógicas oferecidas pela empresa em sua trajetória. “Se eu tivesse que voltar para a escola hoje, seria outra como professora, orientadora e diretora dadas as inúmeras possibilidades e conhecimentos que a Moderna me abriu e me proporcionou nas visitas a escolas de todo país, seminários e congressos.”

Maria Gilda Bendasoli, consultora comercial e

primeira mulher da equipe de divulgação, destaca a importância de reinventar o relacionamento com as escolas. “Nos meus 22 anos aqui, vi a Moderna se renovando e se profissionalizando. Entrei como divulgadora dos livros e, hoje, meu foco se dá no relacionamento assertivo com as escolas, no conhecimento pleno do material que apresento e na parceria estratégica com as áreas pedagógica e de marketing.”

Na Literatura, a Moderna inicia a reestruturação do seu catálogo, à luz de uma proposta consistente para escolas. Em 2003, nasce o projeto “Contigo criamos leitores”, voltado para escolas particulares. Em 2009, a Salamandra lança o conceito de autores exclusivos, uma iniciativa inédita no mercado de livros para crianças e jovens. A primeira a fazer parte desse time foi Ruth Rocha e, com isso, a empresa passa a ter exclusividade na publicação de suas obras. »

POR DENTRO DA SANTILLANA BRASIL

FUNDADA em 1960, na Espanha, a Santillana está presente em 22 países como braço editorial de educação e de formação do Grupo Prisa, que também controla a marca El País.

No Brasil, a Santillana inicia suas atividades em 2001, com a aquisição da Moderna. Por conta do reconhecimento das marcas nacionais, até meados dos anos 2000, a Santillana aparece associada aos trabalhos de sua Fundação, braço do grupo para a promoção de ações culturais e de responsabilidade social. A empresa cria bases para estreitar relações com órgãos de mercado e professores, além de participar de iniciativas como o Instituto Pró-Livro

e o Prêmio VivaLeitura e colaborar com o movimento Todos pela Educação.

Para se aproximar ainda mais dos profissionais da educação, a Fundação Santillana dá início a ciclos de congressos. A primeira edição contou com a participação do Nobel português José Saramago, que atraiu 5 mil professores ao evento no Anhembi, em São Paulo (SP). “Era uma época em que a Santillana precisava dar à Moderna uma nova dimensão. Foi o ponto de virada para a editora deixar de ser um negócio familiar e se projetar como uma grande empresa de educação”, conta Luciano Monteiro, diretor de Relações Institucionais.

ATUALMENTE, A SANTILLANA BRASIL ATUA NOS SEGUINTE SEGMENTOS:

- ➔ Soluções didáticas e serviços educacionais (Moderna).
- ➔ Plataforma de educação (Moderna Compartilha).
- ➔ Assessoria, livros e projetos de literatura infantojuvenil (Moderna e Salamandra).
- ➔ Soluções para ensino de Inglês e Espanhol e programa bilíngue (Richmond, Santillana Español e Educate Bilingual Program).
- ➔ Sistemas de ensino (UNOi Educação e Sistema Farias Brito).
- ➔ Avaliação e assessoria educacional (Avalia Educacional).
- ➔ Novos negócios (Smartlab – plataforma de conteúdos, formação de professores e ambiente colaborativo).
- ➔ Responsabilidade social (Fundação Santillana).

ANOS 2010

INOVAÇÃO MULTIPLATAFORMA

► **A LITERATURA** ganha força e a Moderna passa a ter exclusividade na representação das obras de Pedro Bandeira e Eva Furnari. A exemplo do que acontecia com Ruth Rocha (exclusiva do selo Salamandra), os livros são organizados por faixa etária e formam coleções que facilitam o trabalho nas escolas. Em 2012, Walcyr Carrasco se junta ao grupo e, em 2018, Ilan Brenman, um dos mais queridos autores da literatura infantil da atualidade, assina o seu contrato de exclusividade – as obras serão reeditadas, relançadas e incorporadas à nova Biblioteca Ilan Brenman, a partir de 2019.

Em 2017, o lançamento do Território da Leitura propõe uma nova experiência com literatura nas escolas. O projeto propõe que profissionais da escola, alunos e famílias sejam verdadeiros contadores de histórias, a partir de uma curadoria literária, formação e materiais de acompanhamento para dinâmicas de leitura.

Até os anos 2010, as obras em papel predominam no catálogo, mesmo com conteúdos *on-line* e em DVDs. O ponto de virada chega em 2011, com a criação do departamento de Tecnologia Educacional para desenvolvimento de conteúdos digitais. A concretização das novas ideias chega com o lançamento do Moderna Plus, que apresenta uma revolução na forma e no conteúdo com um novo conceito de materiais para o Ensino Médio, abrangendo ao livro impresso objetos multimídia, banco de questões, planejador de aulas, portal etc. A aceitação foi tanta que o modelo foi gradativamente replicado e aprimorado para outras coleções que, edição a edição, ganham novas funcionalidades como rotas didáticas, aplicativos, entre outros.

A REVOLUÇÃO DIGITAL

Em 2012, a introdução dos livros digitais em HTML5 coloca a empresa na vanguarda da navegabilidade. O livro se torna mais portátil e interativo e o texto fica responsivo em qualquer dispositivo móvel. “É possível agregar vídeos, simuladores, imagens ampliadas e outros materiais que não estão no impresso”, acrescenta Seballos. Segundo ele, naquele ano,

todas as obras do catálogo passaram a ter seus respectivos livros digitais. “Ao todo, produzimos 200 obras em HTML5 em seis meses”, conta. Tudo para tornar o aprendizado uma experiência intensa e transformadora e o trabalho do professor mais prático e dinâmico.

Argeu Pereira da Ivenção, gerente de Tecnologia Educacional, destaca também a preocupação de oferecer uma educação igualitária e acessível. “A Moderna sempre foi atenta à responsabilidade social e à inclusão, por isso, apoiamos e damos suporte à geração de conteúdos acessíveis e, mais recentemente, fizemos novos investimentos nesta área, tanto no que tange a sites e portais como na produção de livros acessíveis”.

Por trás dessa evolução, está a transformação de uma editora tradicional em uma produtora de conteúdos educacionais multiplataforma. Hoje, seus serviços e conteúdos são entregues nos mais diferentes meios e formatos. “É claro que o livro ainda existe, mas agora convive com o mundo digital, repleto de inovações pensadas para melhorar a experiência do professor e do aluno”, comenta Luciano Monteiro, diretor de Relações Institucionais. “Há 12 anos, entrei em uma editora de livros e hoje me vejo em uma *editech*, com a tecnologia a serviço do aprendizado”, enfatiza.

Nesse cenário, nasce o Moderna Compartilha, com uma proposta de uso dos materiais didáticos com infraestrutura tecnológica e formação para a escola se integrar à cultura digital. “Ele parte de uma demanda das escolas de instalar tecnologia e dispor de conteúdo digital, bem como da necessidade de ensinar seus professores a usá-los em favor do aprendizado”, explica Márcia Carvalho, diretora do projeto. Assim, desenvolve um modelo de assessoria para os professores, inédito no mercado editorial brasileiro,

PERSPECTIVAS DE FUTURO





Ângelo Xavier, diretor geral de Educação, projeta cenários para o material didático, o papel do professor e a atuação da Moderna nos próximos anos.

“PENSAR no futuro da sociedade e da educação é um exercício difícil. Afinal, não sabemos que tipo de geração teremos. Sabemos que os alunos vêm mudando sua forma de encarar a escola e o professor. Com isso, o material didático ganhou outros usos e o professor, a missão de articular os conhecimentos adquiridos em casa e na roda de amigos com a dinâmica escolar.

A velocidade dessas mudanças criará abismos ainda maiores se não atentarmos para elas a tempo. Os aprendizados serão totalmente interdisciplinares e experienciais, não se prendendo a um único lugar ou material didático. Se o professor quiser falar sobre moléculas, o conteúdo poderá ser vivenciado na prática, reduzindo as distâncias entre o aluno e quem realmente construiu aquele conhecimento, seja na forma de um holograma, seja numa videoconferência – a influência da realidade virtual é uma certeza desde já.

Isso não quer dizer que o professor e a escola deixarão de existir, mas que o aprendizado será menos fragmentado em séries e disciplinas e mais integrado a um ambiente de experiências, compartilhamentos, pesquisas e desenvolvimento de soluções. O ambiente escolar, cada vez mais, será palco de produção de conhecimentos entre alunos e professores.

Nesse contexto, caberá à solução didática fazer a curadoria continuada dos conteúdos, agregar os conhecimentos de diversas fontes, indicar sua relevância, promover a experimentação dos conceitos e estruturar a gradação do aprofundamento da informação de acordo com o perfil do aluno. Sempre oferecendo dados e relatórios personalizados para a gestão do professor e propostas de projetos que integrem tudo isso.

Imaginamos para a Moderna uma relação mais direta com as famílias. Se queremos ser verdadeiros agentes de transformação, não podemos apenas prover soluções educacionais. Precisamos estar dispostos a nos relacionar. Afinal, o leitor poderá falar sobre o conteúdo em tempo real, não só com o professor, mas com o autor e o editor. Se hoje uma publicação dura cerca de 3 ou 4 anos, no futuro, ela vai nascer e morrer no mesmo dia. O passado e o presente serão mais fluidos, assim como as barreiras geográficas.

Tudo isso vai demandar mais capacidade de pesquisa e curadoria de conteúdo. Ainda teremos um núcleo editorial sólido, mas poderemos buscar em qualquer parte do mundo os especialistas que dominam determinado assunto para escrever sobre ele. Por fim, ousar dizer que não teremos mais livro de papel. E arriscaria dizer que o modelo de negócio de assinatura será uma alternativa plausível para esse novo, e ainda desconhecido, mundo para o qual caminhamos.”

baseado em *mentoring coaching*. Em 2018, estrutura o Programa de Desenvolvimento Docente para aplicação em suas mais de 500 escolas parceiras, a partir de 2019. O serviço propõe uma estrutura de níveis de desenvolvimento do professor, alicerçado em *coaching* digital e subsídios para avançar.

Em 2015, a Moderna, referência em formação integral, fecha parceria com a Organização Educacional Farias Brito, referência em aprovações nos exames mais concorridos do país, para criar o Sistema Farias Brito, com foco numa educação de resultado para toda a vida.

Nos últimos anos, a Moderna evolui para uma perspectiva educacional baseada no desenvolvimento e entrelaçamento de competências cognitivas, digitais e socioemocionais. “Essa busca incansável pela construção de caminhos rumo ao equilíbrio na sala de aula está em nosso DNA. Movida pelo espírito de vanguarda, a Moderna lança seu olhar sempre inquietante sobre novas formas de potencializar o uso da tecnologia, gerar relevância e atratividade, promover a autonomia do aluno, a criticidade e ajudá-lo a desenvolver as habilidades e competências exigidas”, comenta Lulcey Ribeiro, diretora de Marketing.

“O segredo para essa transformação ganhar aceitação nas escolas tem sido empoderar professores e coordenadores. Nossos canais de relacionamento presencial e a distância têm foco na implementação, no acompanhamento e na geração de conteúdo”, assegura Ivan Aguirra, gerente de Marketing. Entre os destaques, a Moderna promove a própria Educatrix, uma plataforma de conteúdo inovador periódico; o portal Modernamigos; o blog Redes Moderna; e as redes sociais, como Instagram, YouTube e Facebook, no qual são realizados atendimentos e transmitidos programas de formação educacional, como o Café Literário Moderna e o Vozes da Educação Moderna. “Nosso foco é humanizar nosso público a partir de campanhas institucionais bem estruturadas e privilegiar o marketing de conteúdo para construir uma rede intensa de profissionais que se identifica com a personalidade da Moderna e ajuda a promover nossa marca”, finaliza. »

2018

VOZES DA MODERNA

Os 50 anos não poderiam ser mais bem contados do que por aqueles que trilharam um caminho profissional e dividiram suas histórias de vida com a empresa.



RICARDO SEBALLOS

“O entusiasmo e a perseverança com que aprimoramos a qualidade de nossos produtos e serviços, enriquecendo-os com soluções inovadoras, geram o ambiente propício para o contínuo aprendizado e aprimoramento profissionais. Esse é o principal motivo para se trabalhar e viver na Moderna.”



ARNALDO TELLES

“Quando a Moderna me convidou para trabalhar como analista de Recursos Humanos, encontrei um ambiente que — até hoje — proporciona desenvolvimento e oportunidades.”



ÂNGELO XAVIER

“Minha relação com a Moderna é intensa, tanto pelo tempo quanto pela trajetória. Cheguei como divulgador, vim do interior para a capital, casei, tive filhos e passei por todas as funções comerciais até chegar a diretor. Minha vida aconteceu aqui.”



MARISTELA PETRILLI

“Nesses 42 anos, nunca me senti no mesmo lugar, tamanha a capacidade de renovação da empresa. Não há rotina. Cada original que cai nas minhas mãos é uma vida nova que surge.”

LUCIANO MONTEIRO



“ A Moderna tem coragem de propor coisas novas, com embasamento. Isso fortalece minha convicção de que tudo que fazemos tem em si um diferencial.”

HIURY LEONEL



“ Minha história de vida se mistura com a própria Moderna. Foi ela que me deu uma nova carreira, que eu sequer imaginava.”

MARTA CERQUEIRA LEITE



“ Quem faz livro é apaixonado pelo que faz. E eu sou.”

ANA CLAUDIA FERNANDES



“ O livro é uma grande sinfonia. Todos contribuímos para uma etapa do processo até a obra soar perfeitamente bem.”

RONALDO CARDOSO



“ Aqui, as pessoas são dinâmicas e estão sempre se atualizando – características que não têm como passar despercebidas.”

MARIA DE LOURDES RODRIGUES



“ O melhor da Moderna são as pessoas – sempre comprometidas com tudo que fazem.”



MÁRCIA MENEZES

“ Em 1998, fui reconhecida como profissional do ano. Mais que o troféu, o grande prêmio foi o certificado assinado pelo próprio feltre. Sempre vou me lembrar dele dando ‘bom dia’ para todo mundo e nos chamando pelo nome.”



LULCEY RIBEIRO

“ Tenho orgulho de trabalhar em uma empresa respeitada e reconhecida pela atuação ética, pela agilidade ao responder às demandas e pela qualidade de suas estratégias.”



ANDREA CRUZ

“ Moro perto da Moderna e sempre sonhei em trabalhar aqui. Por isso, trabalhar no RH e ver o brilho nos olhos de quem está começando uma carreira é uma das coisas mais gratificantes.”



JOÃO THOMAZINI

“ Em 22 anos aqui, a Moderna tem sido minha escola, minha paixão, minhas conquistas e, sem dúvida, meus sonhos realizados.”



LUCIANO BANEZA

“ Já formado em Publicidade, entrei como *office-boy* na Moderna, visando às oportunidades que a empresa poderia me oferecer. Hoje, sou coordenador da área de Iconografia e tudo que construí e sou devo a essa empresa.”



SOLANGE PETROSINO

“ A Moderna me abriu um mundo de possibilidades, de aprendizados, ao me enviar Brasil a fora para conhecer escolas de todo o país.”



MARIA GILDA BENDASOLI

“ Há 22 anos, fui a primeira mulher a atuar na Moderna como consultora comercial. Desde então, abracei o desafio diário de levar seu nome para as escolas, em uma trajetória de afetos e realizações.”



DALVA MURAMATSU

“ Saí da Moderna depois de 37 anos de carreira, mas ela não saiu de mim. O vínculo, inclusive de amizades, se mantém tão presente que continuo colaborando, a distância.”



CLEBER LOBATO

“ Sou grato à Moderna pela atenção e oportunidades que recebi durante um dos períodos mais críticos da vida, quando precisei cuidar da minha saúde.”



GLAUCE NEVES

“ Saí do interior de Minas em busca do sonho de trabalhar em uma editora, o que se tornou realidade quando a Moderna abriu suas portas para mim no ano passado. Vejo tantas histórias de crescimento que decidi voltar à sala de aula para batalhar pelo meu próximo sonho: virar editora da casa.”



PATRICIA CARVALHO

“ A Moderna é a extensão da minha vida. Nos 24 anos em que estou aqui, casei, tive filhos, perdi meus pais, comprei casa e carro, entre tantos outros marcos da minha história.”



Soluções locais para um mundo global



Richmond e Santillana Español se consolidam na liderança do mercado de soluções para ensino de idiomas, aliando experiência e qualidade internacionais com a atenção para as demandas do país.

TEXTO Lara Silbiger

“**THINK GLOBALLY, ACT LOCALLY**” (em português, pense globalmente, aja localmente) é um dos maiores desafios que o mundo atual impõe ao ensino de idiomas. Ao mesmo tempo em que ele nos convida a transcender qualquer barreira — geográfica, espacial e temporal —, nos faz refletir também sobre as diferentes demandas que existem ao redor do mundo para se aprender uma segunda língua. Nesse exercício dialético do chamado glocal, equalizar as especificidades das escolas brasileiras com a inovação e o padrão internacional de qualidade é a principal missão da Richmond e da Santillana Español (marcas-irmãs da Moderna) no mercado nacional de soluções educacionais para Inglês e Espanhol, respectivamente.

A Richmond foi fundada pela Santillana em 1992, no Reino Unido, para produzir e editar materiais didáticos de Língua Inglesa, além de soluções para os professores dos mais de 20 países onde atua nos

continentes europeu e americano. Já a Santillana Español foi criada em 1991, a partir de uma parceria com a Universidade de Salamanca, na Espanha, para desenvolver conteúdos voltados ao ensino da língua e cultura espanholas para estrangeiros. Ambas chegaram ao Brasil ainda nos anos 1990.

No início da década seguinte, seus títulos foram adicionados ao catálogo de idiomas da Moderna, a partir da incorporação da editora brasileira pela Santillana em 2001. “O objetivo era aliar a experiência de sucesso e consagração internacionais com a liderança da Moderna no mercado nacional de didáticos”, explica Sandra Possas, diretora editorial da Richmond e da Santillana Español no Brasil. A partir de então, grandes investimentos foram feitos no país para expandir a atuação da Moderna na área de idiomas. “A iniciativa fez parte de um esforço maior do Grupo para assumir a liderança nos países onde atua.” ➤



TRAJETÓRIA DE SUCESSO

- **1991** A Santillana firma parceria com a Universidade de Salamanca, na Espanha, para criar e editar livros e materiais didáticos para ensino da língua e cultura espanholas para estrangeiros.
- **1992** A Santillana cria a marca Richmond, com sede no Reino Unido, para produzir e editar materiais para o ensino de Língua Inglesa.
- **ATÉ O FINAL DA DÉCADA DE 1990** A Richmond e a Santillana Español consolidam sua presença no Brasil. Na época, a Moderna também possui um robusto catálogo de obras didáticas de Inglês e Espanhol.
- **2001** A Moderna é incorporada ao Grupo Santillana e alia a liderança desta no mercado nacional de Educação Básica com a força global da Richmond e da Santillana Español. O catálogo da Moderna passa a incorporar os títulos dos dois selos internacionais.
- **A PARTIR DE 2001** A Santillana faz grandes investimentos para expandir a atuação da Moderna na área de Idiomas. Deles resulta a formação de equipes editoriais próprias para os dois selos internacionais.
- **2002** Início da produção editorial da Richmond e da Santillana Español no Brasil.
- **2003** Consolidação da sinergia entre as equipes editorial e comercial, o que confere à produção da Richmond e da Santillana Español maior entendimento das demandas do professor – e, portanto, um diferencial de mercado.
- **2011** O lançamento da coleção *Kids' Web* marca uma nova era do design para didáticos de idiomas. “Ao integrar a imagem ao texto escrito, incentivamos o desenvolvimento da leitura imagética no aprendizado de Línguas Estrangeiras”, explica Adriana Pedro de Almeida.
- **2012** As obras coletivas *Free Way* e *UpGrade*, destinadas ao Ensino Médio, são aprovadas no PNLD.
- **2014** Lançamento da coleção *English ID* para escolas de idiomas. “A obra foi especialmente pensada para os falantes de Português-Espanhol e, por isso, se baseia nos paralelismos com a língua materna para acelerar o aprendizado”, comenta Izaura Valverde.
- **2015** Lançamento dos programas Richmond Solution e Solución Santillana, oferecendo um pacote de produtos e serviços integrados para as escolas.
- **2016** Lançamento da 8ª edição de *Our Way* (Amos, E., Prescher, E & Pasqualin, E.), a coleção líder no Fundamental 2.
- **2017** A coleção *Students for Peace*, de Eduardo Amos, vence o prêmio internacional ELTons 2017, do British Council. Lançamento do Programa Bilingüe Educate by Richmond.
- **2018** Coleção *Orbit* é finalista do prêmio ELTons 2018.

» Ainda nesse contexto, em 2002, os dois selos ganharam equipes editoriais próprias no Brasil. Elas foram encarregadas de realizar pesquisas junto a professores, bem como desenvolver e editar materiais adequados às nossas salas de aula. No ano seguinte, ambos voltaram a ter identidade e catálogo próprios. E, dali por diante, tiveram a participação de autores brasileiros e estrangeiros que conhecem a realidade escolar e as diretrizes educacionais vigentes.

Hoje, a relevância das soluções desenvolvidas no país faz da Richmond reconhecida globalmente pelo perfil inovador – além de líder de mercado na rede privada. No ano passado, a coleção *Students for Peace* recebeu o prêmio ELTtons, do British Council, na categoria ‘Excelência em inovação de materiais didáticos para ensino do idioma inglês como língua estrangeira’. “Esta foi a primeira vez que uma produção editorial totalmente concebida no Brasil recebeu tal condecoração”, comemora Sandra.

O destaque da Santillana Español é igualmente notável, tendo se consolidado como a editora de didáticos de Língua Espanhola mais adotada por todos os segmentos nas escolas particulares. A inovação também é sua marca registrada, com coleções que trazem não só recursos didáticos e pedagógicos de ponta como temáticas de vanguarda. Esse é o

caso, por exemplo, da obra *Travesía Español*, que aborda o tema projeto de vida e motiva o aluno do Ensino Médio a refletir sobre um tema diferente a cada livro: autoconhecimento, vida em sociedade e escolhas profissionais.

O segredo do sucesso das duas marcas no Brasil é potencializar seu olhar internacional a fim de encontrar a melhor solução para as especificidades locais. “É fundamental compreender que cada grupo de países tem características próprias com relação à carga horária, ao currículo, às temáticas e, principalmente, ao contexto geral de aprendizagem de idiomas”, comenta Sandra. É com base nesse conjunto de informações que nossas equipes editoriais se estruturam para atender a demanda brasileira, seja importando materiais ou criando novos conteúdos por aqui. “Nossa preocupação é sempre estar em consonância com as metodologias mais recentes de ensino”, destaca Adriana Pedro de Almeida, gerente de produção.

Atualmente, a Santillana possui polos de produção de materiais didáticos de Língua Inglesa na Inglaterra, México, Espanha e Brasil. Enquanto a primeira visa ao mercado internacional, os demais atendem ao público interno e a países vizinhos. Hoje, as publicações criadas pela Richmond Brasil já são exportadas para a América Latina.

Já as produções de Língua Espanhola têm seus polos editoriais apenas na Espanha e no Brasil. “Somos um mercado promissor, especialmente pela percepção das escolas de que oferecer mais um idioma é uma vantagem competitiva”, diz Sandra. Vale lembrar que a expansão do Espanhol se deu principalmente a partir de 2005, incentivada pela Lei nº 11.161/ 2005.

EQUIPE ESPECIALIZADA

Em boa medida, o sucesso da customização e adoção das soluções da Richmond e da Santillana Español no Brasil se devem à qualificação dos profissionais envolvidos no desenvolvimento editorial. “Todos os nossos editores de texto têm formação em Letras e pós-graduação. Além disso, os designers também são especialistas em materiais didáticos para ensino de Idiomas, assim como a equipe de tecnologias educacionais, composta por programadores, produtores de conteúdo, infografistas, editores, designers, entre outros profissionais”, destaca Izaura Valverde, gerente editorial.

Outro diferencial está no atendimento especializado. “O apoio às escolas vai do contato comercial, com consultores graduados em Letras (Inglês ou Espanhol) ou em Pedagogia, à assessoria pedagógica”, explica Izaura.



Adriana Pedro de Almeida (à esq.), Sandra Possas (centro) e Izaura Valverde (à dir.).

ENTENDER AS DEMANDAS DO PÚBLICO BRASILEIRO E APLICAR TENDÊNCIAS INTERNACIONAIS AO PERFIL DESSE PÚBLICO SÃO DIFERENCIAIS QUE COLOCAM A RICHMOND E A SANTILLANA ESPAÑOL COMO REFERÊNCIAS NO MERCADO DE IDIOMAS.

Um brinde à inovação

HÁ DOIS ANOS consecutivos, a Richmond é destaque no prêmio internacional ELTons, promovido pelo British Council para celebrar a inovação em recursos educacionais de Língua Inglesa ao redor do mundo.

Além da consagração da Richmond, o prêmio simboliza um divisor de águas para os didáticos de idiomas no Brasil, que teve pela primeira vez reconhecida no exterior uma obra totalmente produzida e editada no país.

Students for Peace — para anos finais do Fundamental — foi idealizada pelo autor brasileiro Eduardo Amos, que lançou luz sobre a educação para a paz como tema central da obra. Até então, a temática era inédita nos materiais de idiomas. “Entre os recursos pedagógicos da coleção, destacam-se a plataforma social na qual professores e alunos podem compartilhar atividades e projetos; atividades com QR code, que expandem os limites do livro impresso e dão acesso a conteúdos complementares; e o livro digital, com exercícios cujo feedback é imediato, vídeos e atividades interativas”, conta Adriana Pedro de Almeida.

Em 2018, também na categoria de inovação, a Richmond foi finalista com a coleção *Orbit*. Elaborada especialmente para atender às necessidades do mercado brasileiro, ela se destaca pelo alinhamento dos temas e conteúdos com as demais disciplinas dos anos iniciais do Fundamental; pela abordagem multicultural voltada à cidadania global; e pelo foco no desenvolvimento de competências socioemocionais. “Cabe ainda destacar a ênfase nas metodologias ativas, com games e atividades makers, e a plena integração do livro impresso com os recursos multimídia da obra”, comenta Adriana.

DESAFIOS PARA INOVAR

Graças ao profundo entendimento que têm do mercado de idiomas, a Richmond e a Santillana Español hoje são capazes de antever tendências, acompanhar a evolução do setor e, até mesmo, identificar oportunidades. Contudo, inovar não é uma tarefa fácil. Segundo estudo da Nielsen (empresa de pesquisa e informação de mercado), somente 10% das iniciativas inovadoras no mundo obtém sucesso. Ela ainda afirma que o sucesso não é algo aleatório ou imprevisível, mas uma ciência. Por trás dele, está uma relação de causa e efeito com as coisas que precisam de ajuda para enfrentar um desafio.

Não por acaso, conhecer de perto as necessidades e particularidades da sala de aula nos diferentes segmentos de idiomas no Brasil é uma das prioridades da Richmond e da Santillana Español. “Um dos aspectos que nos coloca em destaque no mercado é justamente a proximidade que temos com os professores, seja

durante as visitas dos consultores comerciais, nas assessorias pedagógicas com escolas parceiras ou nos cursos de formação que promovemos”, afirma Izaura Valverde.

Conheça, a seguir, algumas das características e demandas dos diversos setores do mercado nacional de idiomas.

ESCOLAS PRIVADAS DE ENSINO REGULAR

Integram o ensino de idiomas ao projeto pedagógico, que valoriza a formação integral do aluno. “Por isso, é essencial que os materiais didáticos e serviços de idiomas também contemplem essa dimensão e ofereçam projetos interdisciplinares, bem como recursos que favoreçam o desenvolvimento de capacidades e habilidades que transcendam o âmbito linguístico. É o caso, por exemplo, das competências socioemocionais, afirma Sandra Possas.

ESCOLAS PRIVADAS DE ENSINO BILÍNGUE

Nos últimos anos, é crescente a demanda pelo bilinguismo em escolas. Nelas, a língua estrangeira se coloca como idioma a serviço de outras disciplinas. “Quanto mais a instituição se aprofunda no ensino bilíngue, mais o ensino de idiomas tende a se diluir na formação integral do indivíduo. Cabe aos recursos didáticos acompanhar essa demanda”, diz Sandra.

ESCOLAS DE IDIOMAS

Visam se inserir no cenário global com um ensino que tenha a mesma eficiência de uma escola no exterior. “Têm aspiração internacional e, por isso, buscam o que há de mais moderno no aprendizado de língua estrangeira”, comenta Sandra.

ESCOLAS DE SISTEMA DE ENSINO

Levam consigo a metodologia geral e uma série de serviços e materiais do sistema de ensino a que pertence.

ESCOLAS DA REDE PÚBLICA

Aspiram um material que lhes dê autonomia. “Como parte dos professores não tem formação específica no ensino de idiomas, as escolas demandam materiais cuja metodologia seja amigável. Além disso, precisam de apoio pedagógico para que o professor desenvolva plenamente seu trabalho na sala de aula”, comenta Sandra. Segundo ela, o desafio nesse caso é equalizar a flexibilização — de forma que seja suficiente para o professor fazer as customizações que julgue necessárias — com as diretrizes gerais da Educação. »

Bilinguismo **dinâmico**

► **UM NOVO** conceito começa a ser aplicado no universo do ensino de idiomas. Trata-se do bilinguismo. Mais que ser fluente em duas línguas, ele requer que o aluno entenda a complexidade linguística e cultural do mundo e que se adapte às inúmeras formas de interação e comunicação bilíngues, desenvolvendo assim a tolerância frente às diferenças. “Na prática, tudo isso demanda um aprendizado que expanda as fronteiras do conhecimento para além do simples domínio de duas línguas”, explica Izaura.

Para apoiar as escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental nesse desafio, o programa **Educate by Richmond** oferece uma proposta educacional bilíngue baseada na aprendizagem por meio de vivências e atividades colaborativas. “O objetivo é consolidar o conhecimento e os novos conteúdos de forma motivadora, inteligente e divertida – por exemplo, em aulas de culinária e de teatro, experiências científicas, com recursos impressos e digitais integrados, com kits de brinquedos acompanhados de roteiros de aprendizagem, entre outros”, complementa Adriana.

Educate se vale do método da pedagogia de projetos e pode ser implementado no turno ou contraturno da escola, bem como na grade ou no currículo estendido. O programa ainda oferece *coaching* para os professores, treinamentos, acompanhamento pedagógico contínuo e progressivo e certificações internacionais TOEFL e de Cambridge (para os alunos e professores). ■



Orbit

Conteúdos alinhados com os assuntos estudados nas outras disciplinas.



Orbit, a nova coleção de inglês para alunos conectados com as transformações do mundo, apresenta os temas gramaticais e lexicais de forma inovadora, pensados para fomentar a curiosidade e o espírito explorador das crianças, sempre respeitando as etapas do seu desenvolvimento.



NOSSOS DIFERENCIAIS

- Desenvolvimento de **competências socioemocionais**.
- **Multiculturalismo**.
- **Integração** entre o livro impresso e os recursos digitais.
- **Metodologias ativas** – o aluno como protagonista do seu aprendizado.

Entre em contato com o consultor **Richmond** da sua região ou solicite uma visita pelo e-mail:

 richmondbr@richmond.com.br

Aberturas de unidade com uma aba interativa

#MAKERS

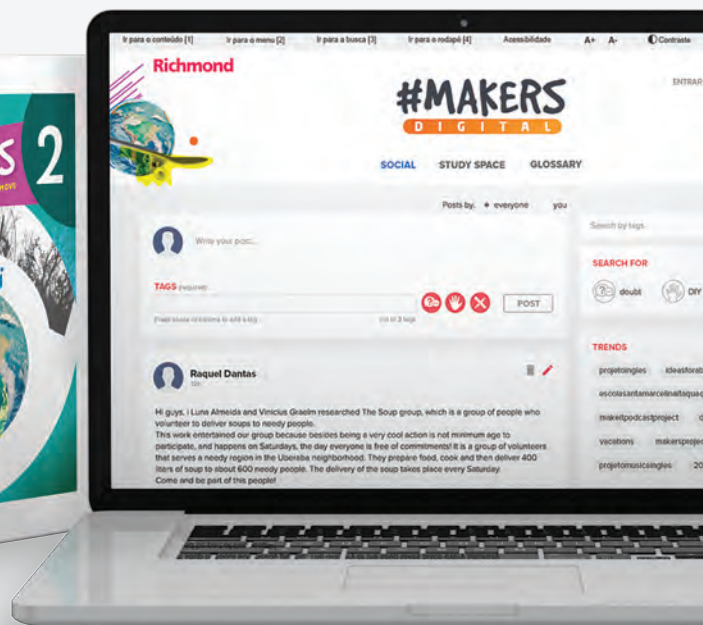
ENGLISH ON THE MOVE

#MAKERS é a mais nova coleção da **Richmond** cuja abordagem para o ensino de inglês coloca o aluno no centro do processo de aprendizagem.

LANÇAMENTO



Totalmente alinhada à BNCC.



Nossos diferenciais

- Movimento *Maker*.
- Metodologias ativas.
- Metodologia científica.
- Competências socioemocionais.

Coleção Multiplataforma

- ◆ Site próprio **#MAKERS DIGITAL**.
- ◆ Livro digital interativo.
- ◆ Projeto digital **Make it!**
- ◆ Portal Educacional Richmond.
- ◆ Canal **#MAKERS** para o professor no YouTube.



SEJA O PRIMEIRO A CONHECER

Entre em contato com o consultor **Richmond** da sua região ou solicite uma visita pelo e-mail: richmondbr@richmond.com.br

Richmond

0800 771 8181
www.richmond.com.br

educate

by **Richmond**



CONFIRA A AMPLITUDE DO NOSSO PROGRAMA BILÍNGUE



Experiência de
aprendizagem completa



Certificações
internacionais



Desenvolvimento
profissional progressivo



Assessoria
de marketing

Parcerias estratégicas



Mais do que falar bem uma nova língua, é viver novas experiências.

Educate Bilingual Program é o novo programa bilíngue que possui a força da marca Richmond e que nasceu com a missão de empoderar seus alunos para serem, de fato, cidadãos globais. Educate é uma experiência única, com infinitas possibilidades para seus alunos e para sua escola!



Design thinking: espantos, coletividades e rituais na educação

Como uma abordagem vinda de outra área do conhecimento pode apoiar processos de ensino e de aprendizagem mais significativos?

TEXTO Priscila Gonsales ILUSTRAÇÃO Guilherme Aranega

O CÉLEBRE educador mineiro Rubem Alves, falecido em 2014, costumava apontar a necessidade de formarmos professores de “espantos”, ou seja, professores que possam cada vez mais ensinar a pensar e a provocar nos estudantes o despertar da curiosidade, objetivo primordial da educação.

Quem é curioso costuma ir além do que lhe é pedido. Quer investigar, saber mais, descobrir nuances e, para isso, precisa fazer muitas perguntas! Passa a contestar certezas e conhecimentos em vez de aceitá-los como únicos e absolutos, como diria o educador francês Edgar Morin. »





PESQUISAR

COMO PODEMOS

IDEIA

DESIGN THINKING

Planejar

PLANO DE AÇÃO

PROTÓTIPO

A

B

C



» Por serem vozes contemporâneas, Rubem Alves e Edgar Morin convalidam o que muitos outros pensadores notórios da educação já ressaltavam no passado em relação à importância da aprendizagem significativa, do professor como um facilitador, da cooperação em equipe e, substancialmente, do preparo para um futuro incerto.

PAUSA PARA UM SUSPIRO

Em pleno 2018, ainda temos muito o que caminhar nessas premissas. É certo que avançamos em relação a vislumbrar possibilidades de integração das tecnologias digitais na educação, considerando tantas plataformas multimídias existentes, aplicativos móveis ou mesmo ferramentas adaptativas focadas nas avaliações oficiais.

Mas será que é possível dizer que estamos na mesma toada em relação a mudanças e transformações profundas nas pedagogias, nos tempos e espaços ou na promoção de atitudes e valores? Será que estamos rigorosamente em dia com os quatro pilares da educação elencados pela Unesco em 1996: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser?

Mudar é sempre difícil. É uma ação que gera, inevitavelmente, desequilíbrio. Sair da chamada zona de conforto, arriscar novas posturas e práticas. Talvez por isso que ainda vemos tantos casos e projetos educativos em que a mudança se dá somente do suporte físico para o digital.

Nesse contexto, surge um assunto relativamente desconhecido, que já chegou chegando no mundo da educação: o *Design Thinking*. A boa notícia é que, embora pareça distante e pertencente a outra área do saber, o *DT* tem muito mais conexão com educação do que se pode imaginar. A começar pela quantidade considerável de “espantos” que ele pode gerar nos estudantes, nos professores, nos gestores e na comunidade escolar.

O QUE É DESIGN THINKING?

Não há como traduzir a palavra “design” para a Língua Portuguesa. Pode significar projeto, concepção ou criação, a depender do sentido e do contexto. Como área formal de conhecimento, o *Design* surge no final do século XIX, no auge da Revolução Industrial, mas foi no início do século XX que passa a ganhar força, especialmente com a criação da Escola Bauhaus, na Alemanha, até hoje referência de vanguarda artística.

Um dos legados da Bauhaus foi mostrar a importância de desenvolver produtos e serviços a partir do equilíbrio entre os avanços tecnológi-

cos da época com o fazer artesanal sob medida de antes, mais personalizado, centrado nas pessoas usuárias daqueles produtos ou serviços. Despontava aí o conceito-chave do *Design Thinking*: combinar qualidade estética com funcionalidade e utilidade.

Mas o termo *Design Thinking*, de fato, começou a ser popularizado nos anos 2000 pela IDEO, premiada agência de inovação do Vale do Silício, na Califórnia (EUA), cujos fundadores são professores Escola de Design da Universidade de Stanford (D School). No Brasil, chegou formalmente em 2010 por meio de cursos de extensão universitária e menção em grandes eventos como a conferência TED no Rio de Janeiro.

Podemos definir o *Design Thinking* (*DT*) como um novo jeito de pensar e abordar problemas ou, dito de outra forma, um modelo de pensamento que coloca as pessoas no centro da solução de um problema. Isso porque os designers não pensam somente na beleza estética de um produto ou serviço, mas também na funcionalidade para quem vai utilizá-lo. Essencialmente, o *DT* funciona como uma abordagem a partir de três pilares que se inter-relacionam: empatia, colaboração e experimentação. Nesse sentido, e é muito importante frisar, o *DT*, ao contrário do que possa parecer, não é uma metodologia de ensino.

DESIGN THINKING COMO UMA ABORDAGEM

Não é raro encontrarmos o *DT* sendo anunciado como “metodologia inovadora” ou mesmo como meio de “criar inovação”. O *DT* não tem essa pretensão, é preciso ficar claro. O *DT* é uma abordagem. Bastante poderosa, sem dúvida, se for bem utilizada. Ou seja, tudo vai depender das pessoas envolvidas no processo e da colaboração entre elas.

Antes de continuar, é importante compreender bem como os três pilares são fundamentais quando se reconhece uma prática educativa de qualidade. Empatia é uma habilidade social de se colocar no lugar de outra pessoa e compreender, sob a perspectiva dessa pessoa, sentimentos, sensações, formas de se relacionar, de trabalhar e de agir. Colaboração significa cocriação, acreditar que uma boa ideia surge da somatória de várias ideias. E experimentação evidencia a importância de testar possibilidades, considerar hipóteses, valorizando as tentativas (protótipos) e os erros como partes primordiais de qualquer aprendizado.

O que o *Design Thinking* traz, de fato, para a educação é a possibilidade de encarar seus desa-

fios — sejam de didática de sala de aula, relações interpessoais ou currículo — como oportunidades. E mais: o *DT* favorece o reconhecimento da autoria dos docentes na organização de planos e projetos pedagógicos, de forma a torná-los um ritual.

Todo desafio começa com “como podemos” justamente para enfatizar o processo coletivo — pensar e fazer junto — sugerido pela abordagem. Valorizar coletividades no ambiente escolar é um aspecto chave no *DT*. Uma grande ideia pode surgir da fusão de muitas ideias, além do que a implementação dela vai envolver o comprometimento de várias pessoas que se sentiram mobilizadas para resolver um dado desafio.

DT E A INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO

Se tem uma palavra que fica martelando na mente dos profissionais da educação e cuja definição, de certa forma, depende de interpretações subjetivas, essa palavra é inovação. Meu projeto é inovador? Uma nova ferramenta digital é inovadora? Nossa proposta curricular é inovadora? São muitas as dúvidas e respostas possíveis. Para o *Design Thinking*, no entanto, inovação tem a ver com valor percebido pelas pessoas e isso, normalmente, não é imediato, depende da apropriação, da utilidade de um produto ou serviço na vida das pessoas. A inovação no *DT* não surge, é consequência.

Um exemplo desse conceito de inovação como consequência e que tem a ver com experimentação é o uso dos famosos *post-its*. Poucas pessoas sabem que o produto não foi lançado exatamente como é hoje. Bem longe disso, ele foi resultado de uma cola que “não deu certo”, pois era fraca, não grudava direito. Algum tempo depois, alguém viu que poderia usar aquele papel que colava e descolava com facilidade em diversas superfícies, para manter anotações em uma agenda, por exemplo, ou organizar ideias em uma reunião. Tal possibilidade foi se alastrando entre as pessoas até que se pudesse categorizar o produto como inovador. Em resumo, o produto, serviço ou projeto criado precisa ser comprovadamente útil e apreciado por quem vai usufruí-lo. Sem isso, não existe inovação sob a perspectiva do *DT*.

Outro aspecto importante relacionado à inovação é que ela não acontece apenas “fora da caixa”, mas também “dentro da caixa”, ou seja, nem sempre é possível estabelecer grandes mudanças de gestão ou de processos para que haja inovação. Apenas “pensar fora da caixa” não é o bastante, mas sim considerar os entraves existentes e buscar alternativas de enfrentá-los. »



BIG IDEA



VANTAGENS DO DESIGN THINKING NA EDUCAÇÃO

- 1** Facilitar a mediação da aprendizagem, pois o educador sugere, provoca, instiga e suscita que os estudantes façam muitas perguntas e busquem eles mesmos as possíveis respostas;
- 2** Planejar um trabalho diversificado com perfis de alunos, incluindo aulas invertidas (ensino híbrido), para privilegiar a troca e o compartilhamento de descobertas no momento presencial;
- 3** Organizar reuniões de formação de professores, para torná-las mais efetivas, priorizando desafios que precisam ser solucionados;
- 4** Criar dinâmicas para sensibilização das famílias, visando maior participação no cotidiano escolar.



DESIGN THINKING NA PRÁTICA

1 Crie o desafio!

Sonhos

Pesadelos

Desafio:

Como podemos... ?

O objetivo é olhar para o(s) problema(s), compreendê-lo(s) e refiná-lo(s), transformando-o em um desafio de “design”. Vale a pena escolher um problema por vez. Mas, como chegar ao desafio? Vamos lá!

- 1 Pegue uma folha de papel ou uma cartolina. De um lado, peça para os alunos escreverem **Sonhos**. Do outro lado, eles escreverão **Pesadelos**.
- 2 Escolha com seu grupo qual vai ser o contexto (a escola, o bairro etc.).
- 3 Proponha que os estudantes pensem no tema e escrevam em pequenos papéis coisas boas (sonhos). Depois, do outro lado da folha, peça que escrevam “pesadelos”, considerando coisas ruins sobre aquele tema.
- 4 Feito isso, é hora de escrever o desafio! Use como base os sonhos e pesadelos apontados pela turma e inicie a frase com “Como podemos... [aqui escrevam um verbo para a ação que desejam realizar e depois o objetivo a ser atingindo na solução]. Exemplos: “Como podemos evitar brigas na hora do recreio?”; “Como podemos conscientizar as pessoas do bairro a não jogar lixo nas ruas?”.

2 Seja curioso!

Mapa de empatia

O que pensa?
 O que vê?
 O que fala?
 O que escuta?
 O que sente?
 Quais suas dores?
 O que faz?
 Quais seus objetivos?



Para poder criar uma solução para um desafio, é preciso entendê-lo bem. Convide os estudantes para sair em busca de muitas informações, peguem bloco de papel para fazer anotações, ou outros recursos como gravadores e câmeras. Peça uma pesquisa breve na internet sobre o tema. Desafie-os a se imaginarem como um repórter, observar o redor, visitar lugares e entrevistar pessoas de interesse para o desafio estabelecido.

- 1 Reúna as informações e construa um painel em cartolina sobre as descobertas feitas pelos alunos sobre as pessoas envolvidas no desafio.
- 2 É possível separar em: **Pensamentos** (o que as pessoas pensam sobre o tema); **Sentimentos** (o que sentem, como reagem ou reagiram); **Falas** (o que falam, quais as informações mais comuns sobre o tema); **Ações** (o que fazem, o que já se sabe sobre atividades relacionadas ao tema); **Dores** (o que incomoda, qual a dificuldade); e **Objetivos** (o que querem, o que precisam, o que desejam).

Apresentamos aqui um roteiro de como adaptar as fases do DT para uso em sala de aula ou em projetos integradores. Essas fases não precisam ser realizadas numa única ordem e são flexíveis para serem modificadas e adaptadas conforme a intencionalidade do educador.

3 Entenda o sentido!

Características mais importantes das pessoas envolvidas

Informações que coletamos, histórias que ouvimos

Insights (percepções) que tivemos

O grupo de estudantes juntou um monte de informações e precisa entender melhor como elas se ligam. Juntos, em roda ou em grupos, proponha uma conversa para entender o problema, seguindo alguns pontos chave:

- 1 Quais as coisas que mais apareceram?
- 2 Quais coisas não apareceram muito, mas merecem atenção?
- 3 Que perguntas podemos fazer?

Depois de conversado em grupo, tentem fazer um esquema (pode ser um desenho, uma linha do tempo, um mapa, um fluxo, uma tabela, um diagrama) para transmitir facilmente o que de mais importante vocês conseguiram apurar. E, se possível, promover um momento de compartilhamento entre os diferentes grupos.

4 Gere ideias!

Painel de ideias:

1 _____	6 _____
2 _____	7 _____
3 _____	8 _____
4 _____	9 _____
5 _____	10 _____

Ideia escolhida:

Chegou o momento de usar a criatividade! Como seria possível resolver o desafio? Que ideias podem ajudar a inventar uma coisa bem bacana para solucionar o problema? Importante! Nesse momento não existe ideia ruim, feia, sem graça, boba, errada... todas as ideias são válidas (muitas vezes dentro de uma ideia que achamos ruim existe um tesouro muito especial escondido!). Então, neste processo, as únicas coisas que são proibidas são: caçoar, julgar e criticar as ideias dos outros. Cada um pode escrever sua ideia individualmente num post-it e colar numa cartolina, quanto mais ideias melhor, assim todos podem tentar combinar as várias ideias em uma única ideia!

5 Invente algo!

Plano de ação:

Quem pode nos ajudar? (parcerias)

O que vamos fazer? (atividades)

Que recursos temos? (materiais, equipe etc)

Como nossa ideia vai ajudar? (o valor dela)

Como vamos interagir com as pessoas?

Como vamos comunicar?

Quem vamos ajudar? (pessoas e desafio)

Que custo teremos?

Que resultados queremos? (como vamos avaliar)

Para representar a ideia, é preciso construir um protótipo. Para isso, vale usar brinquedos ou blocos de montar, produzir um vídeo, elaborar uma história em quadrinhos, e várias outras possibilidades de dar vida à ideia. Acompanhe a evolução da ideia, apresente para outras turmas ou pessoas da comunidade.



» Usar o *DT* na educação pressupõe empreender processos inovadores dentro de modelos estruturais pouco flexíveis (alguém lembrou de escola?). Somente a colaboração entre as pessoas e alguma dose de ousadia vão permitir solucionar desafios com criatividade. Motivar e mobilizar para a ação tem tudo a ver com *DT*, ainda mais na educação.

Sem dúvida, estamos falando aqui de coletividade, de atividades em equipe, cooperação entre pares. No entanto, mesmo sozinho em sala de aula, o professor pode criar metodologias baseadas no *Design Thinking* para trabalhar diferentes assuntos. A abordagem pressupõe intencionalidade pedagógica, claro, mas não se pode confundir-lo com metodologia de projeto, pois existe sempre um elemento inesperado a ser considerado no processo e, principalmente, o erro (o não dar certo).

Uma das principais referências em formação docente, o pedagogo norte-americano Donald Schön, em seu livro *Educando o Profissional Reflexivo: um Novo Design para o Ensino e a Aprendizagem* ressalta o componente surpresa da prática educativa como geradora de conhecimento e também uma possibilidade de refletir no meio da ação, sem precisar interrompê-la e, se preciso for, dar nova forma a essa mesma prática. Schön já antevia os benefícios do *DT* para a educação.

DISSEMINANDO RITUAIS

O *Design Thinking* na educação pode ser visto como uma ritualização de boas práticas educativas. Ritualizar significa criar um ritual, algo presente em diferentes culturas e que envolve, na maioria das vezes, a realização e o compartilhamento de técnicas, procedimentos, hábitos ou regras ao longo dos tempos, por gerações.

Isso significa que o *DT* não traz em si uma inovação para a educação se não possibilitar que novas práticas surjam e outras já consistentes possam continuar sendo feitas continuamente ao longo dos tempos. Ao conhecer ou vivenciar as fases do *DT*, muitos educadores vão se reconhecer em várias situações e dinâmicas. Por isso, o *DT* na educação remete a aplicar boas práticas pouco sistematizadas, reconhecidas e valorizadas. Ou seja, permite evidenciar o processo como um resultado em si mesmo.

AS ETAPAS DO DESIGN THINKING

- 1 **DESCOBERTA** Todo processo de *DT* começa com uma observação das pessoas envolvidas no desafio para que possamos entender quais são suas necessidades antes de começar a pensar em um projeto.
- 2 **INTERPRETAÇÃO** Nessa fase, é preciso deixar as percepções (*insights*) surgirem na con-

versa com o grupo envolvido. Compartilhar anotações e registros de pensamentos, observações e histórias é fundamental.

3 **IDEAÇÃO** Momento conhecido como *brainstorming* em que todos os participantes apresentam diversas ideias por meio de palavras ou desenhos. Sem preocupação com seleção, o importante é a quantidade.

4 **EXPERIMENTAÇÃO** Essa é a fase para dar vida às ideias. Criar protótipos para torná-las ideais tangíveis e depois apresentar a outras pessoas que possam analisar e dar sugestões para refinar a ideia.

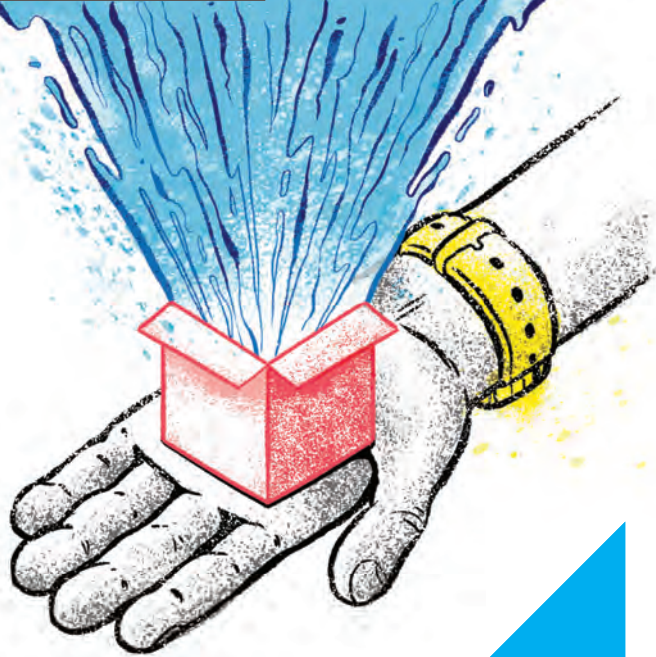
5 **EVOLUÇÃO** Uma vez criado o projeto, é importante planejar os próximos passos para que ele seja realizado e também acompanhado e avaliado. A construção e o aprendizado são permanentes.

Vejamos o gráfico com as fases do *DT* na educação. As duas primeiras, Descoberta e Interpretação, correspondem à “empatia”, ou seja, primeiro é preciso levantar informações, pesquisar, observar as pessoas envolvidas e, em seguida, analisar e fazer escolhas. A terceira fase chama-se Ideação, para enfatizar o momento da “colaboração”. A quarta fase é a Experimentação, quando se planeja e se cria protótipos. Observe que logo após a Experimentação vemos uma quinta fase, a Evolução, bastante pertinente para a educação, pois envolve avaliação e acompanhamento constante das soluções e/ou projetos criados.

O *Design Thinking* para Educadores tem sido utilizado no desenvolvimento do projeto Aprender a Conviver, realizado pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) em parceria com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação (MEC). O objetivo é melhorar a convivência escolar em 114 escolas de Curitiba (PR) e região metropolitana e oferecer formação teórica e prática para cerca de 350 educadores, visando a adoção de estratégias eficazes para o combate ao *bullying* e para o monitoramento e atendimento de múltiplas formas de violência, preconceito e discriminação na escola, a partir da perspectiva da educação e direitos humanos.

FOGO NA CONVIVÊNCIA ESCOLAR

Um estudo recente da Unicef revela que 43% dos estudantes sofreram *bullying* nas escolas. Esse dado global convalida o levantamento feito pelo projeto Aprender a Conviver, em 2016, em uma fase piloto. Realizado pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) em parceria com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação (MEC), o pro-



DESIGN THINKING X METODOLOGIA DE PROJETO

MUITO difundida na educação, a metodologia de projeto (ou aprendizagem baseada em projetos) visa a propiciar ao estudante uma aprendizagem significativa, gerar motivação e integrar disciplinas. *Design Thinking* e metodologia de projetos têm origens e enfoques diferentes, mas guardam semelhanças:

- 1** Analisar o problema e definir objetivos (no *DT* chamamos de “desafio”);
- 2** Planejamento do projeto (no *DT* buscamos entender o contexto e as pessoas envolvidas);
- 3** Desenvolvimento e execução (no *DT* também há uma ação a ser feita).

O *DT* pode ser usado como abordagem no desenvolvimento da metodologia de projetos, mas não é a metodologia de projetos. Outra diferença substancial é que o *Design Thinking* considera a imprevisibilidade em seu

desenvolvimento; não se almeja, necessariamente, chegar a um projeto específico como resultado. É aqui que surge o elemento surpresa, que o pensamento abduutivo enfatiza, se sobressai.

Da mesma forma, não devemos nos referir ao *DT* como uma “metodologia ativa”, não apenas porque o *DT* não é metodologia, mas também porque qualquer boa prática educativa considera o estudante como sujeito ativo no processo de aprendizagem.

Muitas escolas hoje criam projetos pedagógicos que pouco representam novas concepções de aprendizagem. A maioria ainda cumpre o tradicional objetivo de favorecer a acumulação de conteúdos, em um enfoque apenas cognitivo. Mas educar não é só isso. Educar envolve vários outros aspectos complexos como afetividade, emoção, espiritualidade, ética, convivência, dentre outros.

Fonte: *Design Thinking* e a Ritualização de Boas Práticas Educativas, Educadigital, 2018.

projeto entrevistou mais de 1200 estudantes do Ensino Fundamental de 114 escolas de Curitiba (PR) e região metropolitana: e o resultado mostrou que 57% já teriam sofrido agressões no ambiente da escola e 36,3% pela internet.

O objetivo do projeto é melhorar a convivência escolar e oferecer formação teórica e prática para cerca de 350 educadores, visando a adoção de estratégias eficazes para o combate ao *bullying* e para o monitoramento e atendimento de múltiplas formas de violência, preconceito e discriminação na escola, a partir da perspectiva da educação e direitos humanos.

Quanto mais pessoas estiverem comprometidas na busca de soluções para um problema, mais fácil é encontrar as soluções. Com esse pressuposto, cursos *on-line* e oficinas presenciais são oferecidas aos educadores, coordenadores e gestores das escolas para que todas as escolas passem juntas por cada uma das fases do *DT* e possam trocar experiências e aprendizados entre si.

“Queremos apoiar as escolas a criarem planos de ação inovadores para essa temática e o *Design Thinking* é a abordagem ideal, pois permite mobilizar toda a comunidade para colaborar em prol de um desafio comum que é melhorar a convivência, além de incentivar o diálogo entre as escolas participantes para compartilhamento de caminhos e soluções possíveis”, ressaltou o coordenador do projeto, professor Josafá Moreira da Cunha.

Conviver tem a ver com estabelecer relações e isso acontece o tempo todo no ambiente escolar, por isso precisa ser tema central das instituições de ensino. Para resolver conflitos, é fundamental falar sobre eles, refletir e debater sobre respeito às diferenças. Nesse sentido, o *DT* oferece um potencial gigante para apoiar os formatos e atividades baseadas em empatia, colaboração e experimentação de possibilidades. ▣

PRISCILA GONSALES

é diretora-executiva do Instituto Educadigital. Atua na área de educação e tecnologia digital desde 2001, desenvolvendo projetos e formações em recursos educacionais abertos e *Design Thinking* para Educadores.

PARA SABER MAIS

- Design Thinking para Educadores: www.dtparaeducadores.org.br
- Design Thinking e a Ritualização de Boas Práticas Educativas: www.gg.gg/LivroNovoDTE
- Documentário Rubem Alves: youtu.be/eBomNDRq1s
- Escola de Design da Universidade de Stanford: dschool.stanford.edu
- Criativos da Escola: criativosdaescola.com.br
- Comunicação não-violenta: <https://goo.gl/ZfNYxz>
- Projeto Aprender a conviver: <http://conviver.ufpr.br>
- Estudo Unicef bullying: <http://mod.lk/unicef1>

A cor do narizinho mais querido do Brasil

As aventuras e reações literárias de Monteiro Lobato rendem bons debates. Vamos adentrar as porteiras do Sítio do Picapau Amarelo e conhecer mais sobre alguns dos personagens mais queridos da literatura brasileira.

TEXTO *Pedro Bandeira* ILUSTRAÇÃO *Pedro Correa*

PASSADAS sete décadas da morte de Monteiro Lobato, estamos cansados de ouvir um furioso alarido de detratores procurando destruir sua memória:

- Racista!
- Eugenista!
- Supremacista branco!

Está bem, está bem! É verdade que Lobato fez afirmações absurdas, chegando, em uma carta para o médico Arthur Neiva, a defender a criação, no Brasil, de um similar da criminosa Ku-Klux-Klan. Barbaridade! Sim. Também é verdade que, pretendendo fazer humor, ele pôs na boca de pano da boneca Emília desaforos racistas impiedosos contra a pobre Tia Nastácia. Mas terá José Bento Monteiro Lobato sido somente isso? O que é uma pessoa? É uma só? Creio que não. Para mim, cada um deve ser avaliado pelo conjunto de suas ações, de seus feitos, de suas ideias. Se, ao final da análise, a balança pender para o lado mais obscuro, tudo bem, ou tudo mal: posso concluir que esse analisado terá sido uma pessoa má.

E Lobato? Quantos Lobatos e quantos Monteiros há em sua trajetória? Será que a maior parte do que ele nos legou foi ódio? Tenho certeza de que não, mas não pretendo discutir nem defender o lado sombrio de sua personalidade multifacetada. De que adianta argumentar que na primeira metade do século XX o mundo era racista? Que o Brasil era racista? (Ah, e não é mais?) Que por aqui, até a 2ª Guerra Mundial, a Alemanha nazista gozava do maior apoio? Que os descendentes de africanos arrastados à força para cá jamais foram plenamente emancipados? E que só aos poucos nossa sociedade vem discutindo modos de fazer com que, na prática, a afirmação de que no Brasil todos são iguais venha um dia a corresponder à verdade?

Dou um pequeno exemplo de tal racismo: um amigo meu,

o falecido Rubens de Barros Lima, contou-me que, nos tempos em que foi diretor da extinta Companhia Editora Nacional, numa conversa com Octalles Marcondes Ferreira, o fundador da editora, e outros três diretores, concluíram que um livro de receitas poderia ser um sucesso editorial. Assim nascia *Dona Benta – Comer bem*, publicação famosa até hoje, cuja capa contou com o talento de Augustus, um dos ilustradores dos livros do Sítio do Picapau Amarelo. Na vistosa capa, vemos Dona Benta erguer um cheiroso bolo observada por seu neto Pedrinho (um menino loiro como um inglesinho da gema). “Mas como? – argumentou-se. – Dona Benta era uma intelectual que nem entrava na cozinha! A cozinheira do Sítio era Tia Nastácia!”. E essa objeção foi calada pelo próprio Octalles: “Ora se eu puser uma negrona dessas na capa, ninguém vai comprar esse livro!”.

Mas não é esse aspecto lobatiano que eu abordarei. O que eu quero mostrar é o bem que Lobato fez a mim, o escritor Pedro Bandeira. Eita, Lobato velho de guerra! O pai de todos, o furabolos e o mata-piolhos de uma mão da qual eu adoraria ter sido pelo menos o mindinho, mas de onde só consegui tornar-me o “seu-vizinho”. Desde pequeno confesso-me um “filho de Lobato”. Depois de tornar-me escritor, muitas vezes retornei a seus livros e, a cada releitura, minha admiração por seu talento só aumentou. Quando eu o lia e relia, cada vez encontrava mais razões para amar suas histórias. Isso porque sempre o li, primeiro como admirador, e em seguida como aprendiz.

Não sei quantos autores podem gabar-se de terem sido, ao mesmo tempo, o maior autor infantil de seu país em todos os tempos e também o maior contista para adultos de sua geração. Desculpem, mas, para ocupar o ponto mais alto desses dois pódios, só posso citar Monteiro Lobato. Sem o trabalho dele, não sei como eu e tantos outros autores para crianças teríamos nos formado.



O FAZER LITERÁRIO LOBATIANO

Monteiro Lobato sem dúvida foi um leitor voraz dos clássicos infantis e juvenis. Leu Perrault, os Grimm, Andersen, Carroll, Barrie, Poe, Twain, Swift, Defoe, apaixonou-se pelo cinema nascente (principalmente pela cena muda) e isso se percebe em seus livros. Seu retumbante sucesso, a partir de dezembro de 1920, com *A menina do Narizinho Arrebitado*, levanta âncora de carona a bordo de *Alice no País das Maravilhas* e deixa sua criatividade navegar no leito do seu próprio rio de fantasia.

Carroll fez Alice adormecer ao ouvir sua irmã lendo um livro e criou sua imortalidade ao descrever brilhantemente o que ocorre com os sonhos: imagens, lugares e situações sem lógica alguma que se sucedem e se avolumam aos borbotões. Seguindo essa tri-

lha, Lobato faz Narizinho pegar no sono à beira de um riacho e logo sentir um peixinho dourado e um besouro cascudo andarem por seu nariz para, em seguida, sem qualquer ajuda mágica, encontrar-se do mesmo tamanho do peixinho e, “de braço dado com ele”, passear por dentro de um regato onde, ao lado de sardinhas e traíras, vivem baleias, tubarões, beija-flores e aranhas. Carroll teve de inventar biscoitos e líquidos mágicos para justificar o encolhimento de sua Alice, mas Lobato, num lance de gênio, encolheu sua personagem sem mais delongas, sem explicações, intuindo (e acertando na mosca!) que as imaginações infantis não precisam de justificativas lógicas. Ora, ora, a lógica na fantasia! Quem precisa disso? ➤

» A partir daí, tudo é reflexo da imaginação sonhadora da menina de 7 anos: sua boneca de pano consegue falar, um caramujo cura todas as doenças, uma aranha costura vestidos belíssimos, um sabugo vira um sábio de cartola, um leitão fala bobagens, um burro filosofa, um rinoceronte gramatiquêia, toda a mágica acontece com as mentes dos pequenos brasileiros acompanhando o poder da imaginação do autor. Emília fala porque assim a imaginou Narizinho e tudo o mais é produto de sua criatividade, desde o dragão da Lua até o pó de pirlimpimpim. Emília, Visconde, Rabicó, Quindim, o Burro Conselheiro e Faz-de-Conta são criações da inventividade de Narizinho.

E o menino Pedrinho? É o mais fraco de todos os personagens do Sítio. Não pensa nada, não imagina nada, nada resolve. É uma empada! Até no livro criado para dar-lhe protagonismo ele não serve para coisa alguma. Em *Caçadas de Pedrinho*, o menino se propõe a matar uma onça que assombra os sitiantes ao devorar-lhes os leitões e parte à caça com Narizinho, Emília, o Visconde e o porquinho Rabicó. Mas é só, pois é a fome do leitão que descobre o esconderijo da onça e são os besourinhos da Emília que denunciam os planos de vingança dos animais ferozes. E, mais tarde, será também da boneca a ideia das salvadoras pernas de pau e das granadas de vespas para livrar a todos do ataque das feras vingadoras.

Pedrinho é figurante. Até em *O saci*, seu papel é ouvir sobre diferentes entidades do folclore brasileiro, de norte a sul do país. Anos depois, na certa por pena de seu personagem, Lobato faz o menino proibir Narizinho de participar de *Os doze trabalhos de Hércules* e lá parte ele para a Helade só para assistir Emília e Visconde lidarem as aventuras. Provingo da “capital” para o “isolamento” do sítio, Pedrinho se deixa levar pela imaginação da prima e tudo o que faz durante as aventuras é enfurecer-se com os perigos ameaçando-os com “bodocadas”, como no Vale do Paraíba eram apelidadas as “estilingadas”. Lobato errou quando criou um personagem que, vivendo na cidade, dela nada traz, nenhuma informação urbana, dos progressos, de sua escola, nada! Ele age como se tivesse nascido e sido criado naquele sítio. Esqueçamos Pedrinho.

Voltemos a Narizinho. Muito antes de a psicologia mapear os cérebros infantis em seu desenvolvimento, Lobato já intuía o que se pode chamar de “menina”. Alguém que não mais é uma criança e que ainda não se pode chamar de pré-adolescente. Narizinho é o perfeito quadro do que foi, é e sempre será uma “menina de 7 anos”. Ele observou que essa é a idade da imaginação solitária, da criação ermitã de mundos maravilhosos, o momento em que se começa a aprender a ler e, genialmente, adivinhou que a menina traria para dentro de si (o espaço mágico do sítio) os personagens dos mundos de aventuras e de fadas dos livros que agora é capaz de ler. Brilhante! E é por isso que, em *Reinações*, ocorre a invasão de todos os personagens dos Grimm, de Andersen, de Perrault, de Barrie, das Mil e uma Noites, de tudo o que existia na Literatura infantil do seu tempo – tudo são as leituras de Narizinho! E, então, é lógico que uma menininha de 7 anos fosse apresentada à grande novidade do cinema mudo e “traria para o sítio” o Gato Félix, o caubói Tom Mix, Shirley Temple e o marinheiro Popeye! Sim! Os personagens virem a habitar o Sítio do Picapau Amarelo equivale a eles instalarem-se na

imaginação fervilhante de Narizinho, da mesma forma como se mudaram de malas e bagagens para a minha pequena e solitária imaginação e para o imaginário das crianças do meu tempo!

De tudo, Lobato lançava mão: numa história eslava contada de avó em avó, um menino chamado Piotr sai à caça de um perigoso lobo acompanhado apenas de um gato, de uma pata e de um passarinho. Mais ou menos ao mesmo tempo em que Lobato (1924) inspirava-se nesse conto para criar *A caçada da onça*, Sergei Prokofiev compunha sua famosa suíte *Pedro e o Lobo*, sem que um soubesse dos planos do outro... Mais tarde, em 1931, Lobato viria a ampliar *A caçada da onça* para publicar *Caçadas de Pedrinho*, introduzindo o episódio da vingança das feras e da defesa com as pernas de pau, rematando com o episódio da não caça ao rinoceronte, descaradamente chupado de *O rapto do elefante branco*, genial conto de Mark Twain, publicado no século anterior. De tudo ele se aproveitava, desde “inspirações” como esta do Twain até a apropriação indevida de *Peter Pan*, um personagem de James Barrie acabado de sair de um forno inglês e ainda muito longe de cair em domínio público...

Costumo pensar e argumentar com meus colegas escritores que a vida de todo ser humano pode ser comparada às camadas de uma cebola. Nascemos bem no miolinho dela e, ali encerrados, só vemos a primeira pequena camada que nos envolve. Só sabemos da mãe e do seio que nos alimenta; nem desconfiamos das outras camadas. Aos poucos, vamos tomando contato com mais uma camada, primeiro aquela que contém um pai, depois uma avó, logo algum irmão... Notam quando uma amiga vem falar com a gente com seu bebê de um ou dois anos no colo? Notam como a criança nos estranha? Notam como ela recua e se encolhe quando a gente tenta acariciá-la? É claro! Nós vivemos em uma camada da cebola que ela desconhece! Mais tarde, lá pelos 4 ou 5 anos, o ser humano já conquistou outras camadas, já sabe que há uma professora, a sala de sua escolinha, colegas com quem interagir. Para esse pequeno ser, não há nem ideia de que haja outras camadas acima dela, que haja bairro, cidade, país, mundo. É por isso que Piaget nos ensina que somente a partir dos 12 anos o ser humano consegue entender que há países, que há oceanos, que há uma imensidão de camadas da cebola que ele agora pode compreender e abarcar com sua inteligência, mesmo sem precisar estar pisando nesses territórios tão distantes.

Assim, entendemos que, para comunicarmo-nos com alguém, temos de adaptar nosso discurso de acordo com o que essa pessoa domina das camadas da cebola onde está e por onde passou. Se encontramos uma criança de 3 anos, nosso discurso vira *tatibitate* e falamos com ela afinando a voz, perguntando-lhe “como é seu nominho?”, “quantos aninhos você tem?”, “cadê mamãe?”... Se nosso interlocutor é um adolescente, perguntamos a ele qual sua banda predileta, para qual time torce e demais detalhes que supomos ser camadas da cebola que ele já domina e onde se sente confortável. Nem ousamos, porém, citar detalhes de camadas que ele já ultrapassou, pois na certa ele dirá que “isso é coisa de criança!” e não falamos das que ele ainda não atingiu, pois na certa ele se desinteressará de nosso discurso. Por outro lado, se é com um adulto que nos encontramos, nosso discurso

só se modifica por preconceitos sociais, uma vez que falaremos de modo diferente com um gari e com um embaixador. Vou chamar esses conteúdos das camadas de “pré-requisitos”. Assim, por experiências já vividas, sabemos que não podemos exigir que nosso interlocutor atente para nosso discurso se lhes pretendemos impor pré-requisitos que ainda estão além da bolha que o envolve, além da camada da cebola que ele já atingiu.

E em que camada da cebola está uma menina de 7 anos? Qual a forma de nos comunicarmos com ela?

Perguntem ao Lobato.

O símbolo das meninas de 7 anos é a nossa Menina do Narizinho Arrebitado. Lobato sabia que essa é a idade da imaginação solta, voadora, criadora, em que tudo cabe, nada é impossível, e onde tudo se transforma em mirabolâncias como se essa criança fosse fazedora de mundos. Nesse mundinho dos 7 anos, meninas conversam com suas bonecas (e elas respondem, por que não? Todas as bonecas falam com suas pequeninas donas, como Emília!), meninos discutem com sua própria imagem no espelho, narram uma partida de futebol de botão enquanto jogam consigo mesmos, e todos, enquanto esperam o soninho chegar, imaginam-se Super-Homens, Batmans, Mulheres-Maravilha, fadas, cavaleiros com espadas de sabre nas mãos! Todos nós já fomos Narizinho um dia!

NARIZINHO, A MENINA DO NARIZ ARREBITADO

Essa personagem tão bem elaborada surgiu em 1921, nas 48 páginas publicadas sob o título *A menina do Narizinho Arrebitado*. E seu sucesso não teve precedentes nem terá repetição! Se compararmos a pequena população do Brasil e sua frágil alfabetização com este planeta superpovoado de hoje, a performance comercial do livrinho de Lobato foi tão ou mais significativa do que J.K. Rowling com *Harry Potter*. Todo mundo que sabia ler neste país deve ter lido as primeiras aventuras dessa menina maravilhosa.

Aproveitando essa estupenda aceitação, nosso autor atirou-se à criação de outras aventuras ao longo de mais 10 anos, até, em 1931, reuni-las e publicar *Reinações de Narizinho*. As historinhas acrescentadas à primeira são boas, têm graça, inventividade, mas não passam de “mais do mesmo”. Lobato aproveitou-se das características do que criou e inventou brincadeiras muito interessantes, mas todas menos fortes do que as das primeiras 48 páginas.

Na vida real, tanto quanto na Literatura, Monteiro Lobato era desses que dizem “não ter papas na língua”. Pensava o que queria, dizia o que pensava e escrevia o que dizia, sem envergonhar-se de mudar de opinião e repentinamente estar defendendo opiniões que ele mesmo criticou com entusiasmo antes. Primeiro o lavrador brasileiro é um vagabundo, logo depois sua vagabundagem seria devida às verminoses que lhe corroem as entranhas, para por fim sua situação precária justificar-se pela opressão do sistema que o explora, e cuja solução seria aliar-se ao comunismo de Luiz Carlos Prestes!

Como idealista e combatente, lutava por seus ideais de justiça e de perfeição. Dentre esses ideais já lá estão seu supremacismo branco, seu europeísmo, seu americanismo, seu classicismo e seu... hum... racismo.

O homem não aceitava nem mesmo as modernidades nas artes plásticas e propugnava pinturas e esculturas que imitassem com perfeição a realidade, sem dar nenhum direito ao artista de repensar e reinterpretar o que vê. Daí vem então o seu ideal helênico de perfeição, onde o branco, o europeu, seriam seus modelos. Mas como, se Lobato era um homem mirrado, magérrimo, baixinho e feio como ele só? E branco? Como assim?! Não temos fotos dele em cores, mas sabemos, por descrições de contemporâneos, que sua tez era escura “da cor dos indianos”! Para nos desorientar ainda mais, sabe-se que sua avó paterna se chamava Anacleto Augusta do Amor Divino, como também se sabe que sobrenomes como “dos Santos”, “dos Anjos”, “da Cruz”, “de Jesus” ou “do Amor Divino” eram distribuídos como um sobrenome de família para os escravos! E Lobato, então, poderia ser neto de escravos e mulato!

Neste contexto, como foi a criação de Narizinho, essa menina tão maravilhosa, essa que é uma das personagens mais perfeitas da Literatura brasileira, ao lado da Capitú, nem um milímetro abaixo? Vamos, lá, porque a confusão agora é das grandes.

Lobato foi um escritor maior, desses que não precisa ficar descrevendo detalhadamente a aparência de cada personagem. Bastava-lhe informar leves indícios para caracterizar sua criação, como citar “óculos de ouro na ponta do nariz” para que o leitor fizesse uma imagem da idosa e tradicional Dona Benta. Aliás, essa senhora surge para o mundo em 1920 com “mais de 70 anos”, mas uma década depois remoça, pois ficamos sabendo que ela tem “mais de 60 anos”. Narizinho, ele descreve um pouquinho mais: na primeira edição, Lobato diz que ela “era uma netinha órfã de pai e mãe. Menina morena, de olhos pretos como duas jabuticabas”. Uma década depois, ao reunir as novas aventuras da menina em um só volume, a descrição diz que “Lúcia, a menina do narizinho arrebitado (...) tem sete anos, é morena como jambo” e...

Como?! Morena como jambo?

Quer dizer então que o “racista” José Bento Monteiro Lobato criou sua mais importante personagem como uma menina negra? De onde veio essa origem? Na edição original, ele nos informou que Narizinho “era uma netinha (de Dona Benta) órfã de pai e mãe”. Depois disso, ele nunca mais tocou no assunto, nunca mais alguém citou de quem a menina era filha, se de um filho ou de uma filha de Dona Benta. Sabe-se que Pedrinho é filho de uma certa Antonica, filha de Dona Benta, que mora em São Paulo, sem jamais sabermos quem é o pai do menino. Quanto a Narizinho... nada! Sabe-se que seus pais morreram e que ela vive com sua avó e com a cozinheira “Tia” Nastácia. Mas, se ela é da cor do jambo, talvez essa “Tia” fosse, na verdade, outra avó! Narizinho teria sido criada então pelas duas avós: Vó Benta e Vó Nastácia! Por que não, para uma menina morena da cor do jambo? Então, é provável que, no passado, uma segunda

filha de Dona Benta tenha se apaixonado por um belo rapagão filho da ex-escrava Nastácia e... E o quê? Como foi esse romance no seio de uma fazenda aristocrática do Vale do Paraíba? Como os dois morreram? Assassinados pela fúria preconceituosa do avô, um poderoso fazendeiro casado com a jovem Benta? Ou...

Ah, eu ainda vou escrever essa história! ■

PEDRO BANDEIRA

é um dos mais reconhecidos e premiados autores da Literatura infantojuvenil no Brasil. É autor exclusivo da Moderna.

**PARA QUEM AMA
HISTÓRIAS E A HISTÓRIA
DE QUEM CONTA.**



Neste livro, Eva Furnari, Pedro Bandeira, Ruth Rocha e Walcyr Carrasco, contadores de histórias por linhas e traços, nos contam um pouco de sua própria história.



moderna.com.br [0800 17 2002](tel:0800172002) [/editoramoderna](https://www.facebook.com/editoramoderna)



EDUCAÇÃO A FAVOR DA EQUIDADE E CIDADANIA

Fomentar o **desenvolvimento da educação** e a redução das desigualdades educacionais. Esta é a missão da **Fundação Santillana**, que atua para beneficiar estudantes, educadores e instituições de ensino por meio do estímulo e qualificação do debate e promoção da **educação cidadã**.



EQUIDADE



GESTÃO E
AVALIAÇÃO



FORMAÇÃO
E VALORIZAÇÃO
DO PROFESSOR



INCENTIVO
À LEITURA

MKT • MODERNA

Fundação **Santillana**

 fundacaosantillana.org.br

 fb.com/fundacaosantillana

Uma rede de soluções

Como um esforço
combinado de várias
iniciativas pode mudar
a Educação Brasileira.

TEXTO *Priscila Cruz*

ILUSTRAÇÃO *Otavio Silveira*



» **EDUCADORES**, técnicos ou profissionais da Educação conhecem as limitações e os inúmeros desafios que surgem quando entramos em uma sala de aula, ocupamos uma mesa de direção ou um gabinete na Secretaria de Educação, para não citar as outras dezenas de funções envolvidas no processo de ensino-aprendizagem. A situação é, para muitos, uma longa jornada solitária, dentro e fora da escola. De um lado, o público em geral sabe muito pouco sobre os bastidores da Educação e suas particularidades; de outro, faltam redes de cooperação bem organizadas dentro e fora da escola que aumentem a velocidade das tomadas de decisão, impactando positivamente o acesso, a permanência e a aprendizagem dos alunos.

Esse descompasso não aparece apenas nos testes internacionais e nacionais, ainda que eles sejam o termômetro mais evidente; ele surge, sobretudo, no dia a dia escolar, na verba que não chega, nos professores e diretores sobrecarregados e nos estudantes que vão à escola, mas não aprendem. Em um país como o Brasil, em que uma de suas faces mais nefastas é a desigualdade social, a falta de estratégia no apoio à Educação atinge com mais dureza os estudantes em situação de mais vulnerabilidade. Enquanto entre os jovens mais ricos, a taxa de conclusão do Ensino Médio aos 19 anos é de 85%, entre os mais pobres, o índice é de apenas 41,8%.

Mudar essa rota não é um problema nem de professores, nem de familiares, nem de alunos e nem de gestores educacionais individualmente, mas de toda a sociedade brasileira. A situação exige um ataque estratégico, um esforço combinado e inteligente de vários setores e profissionais da Educação, para criar uma rede de políticas públicas que se influenciem mutuamente, reforçando as características positivas umas das outras.

PARA UM SALTO NA EDUCAÇÃO: EDUCAÇÃO JÁ!

Desse diagnóstico nasceu o Educação Já!, uma iniciativa suprapartidária liderada pelo movimento Todos Pela Educação e formada por um grupo plural de especialistas, movimentos e instituições. Guiados pela pergunta “O que devemos fazer para dar um salto na Educação nos próximos anos?”, o grupo aponta prioridades que podem impulsionar a Educação brasileira nos próximos quatro anos de gestão (2019-2022), como uma base nacional de aprendizagem, alfabetização, Ensino Médio, professores, governança e gestão e, por fim, financiamento. A sinergia entre essas ações combinadas pode alterar as trajetórias escolares e de vida de milhares de brasileiros.

A ideia é que, na hora de estabelecer planos para a Educação, o próximo Presidente da República e os governantes estaduais levem em conta tais propostas e compreendam que uma política pública de Educação isolada tem efeito limitado, mas em conjunto, é possível transformar o país. A insistência na ideia do conjunto não é insignificante, pois ações combinadas podem desencadear um círculo virtuoso, onde uma apoia as demais.

O QUE PODEMOS FAZER AGORA?

Diagnosticar com qualidade os desafios e elaborar políticas com base em evidências e experiências exitosas pode ser a chave para que, em um curto espaço de tempo, o ensino brasileiro retome o pulso. E, na verdade, algumas iniciativas dentro desse processo já estão em andamento, mas precisam ser reforçadas.

1 PNE A primeira delas, como não poderia deixar de ser, é o Plano Nacional de Educação (PNE), que, em 20 grandes metas, estabelece o norte para diferentes áreas educacionais. O documento foi um marco para a Educação do país, mas ainda precisa de uma estratégia de execução para vencer os atrasos no cumprimento de suas metas – hoje, conforme levantamento do Ministério da Educação (MEC), apenas uma das ações foi cumprida. Tirar o plano do papel, portanto, exigirá de nossos próximos governantes uma visão de curto e médio prazo que dê atenção à continuidade das políticas públicas.

2 BNCC Outro tópico cujo prosseguimento é essencial é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Se quisermos transformar o futuro da escola e, no processo, o do Brasil, a mudança precisa enfrentar a crise de aprendizagem em que vivemos. Dito de outra maneira, é urgente aprimorar o tempo de ensino-aprendizagem dentro das salas de aula. Ao contrário de ser a causa dos problemas, os alunos que não aprendem são, na verdade, uma das consequências de um sistema de ensino que há muito não tem conseguido cumprir seu dever. A Base Nacional pode colaborar para mudar esse quadro.

O documento deve guiar (e não engessar!) mais de cinco mil redes de ensino na elaboração e adaptação de saberes mínimos para crianças de todo o país. A BNCC é uma oportunidade para que as redes e escolas discutam sobre o que, como e para que seus alunos aprendem. Além disso, o texto é uma chance de potencializar a atuação dos educadores que passarão a ter um referencial para guiar os conteúdos dados em classe. Para a Educação Infantil, por exemplo, esse é um acontecimento inédito.

ONDE PRECISAMOS AVANÇAR?

3 PROFESSORES Apesar de algumas iniciativas relevantes, há muito a se fazer para criar um leque de políticas públicas bem amarradas. Especialmente no que diz respeito aos professores. Ao olharmos

para o cenário brasileiro, pouca gente aventura-se a seguir a carreira docente: apenas 15,4% dos jovens do Ensino Médio dão resposta afirmativa a esse questionamento, conforme apontou levantamento do Todos Pela Educação. Além disso, os que escolhem dar aulas enfrentam muitos desestímulos, a começar pelo despreparo para o que vem pela frente. Segundo o último Censo Escolar, 46% dos professores do Ensino Fundamental e Médio lecionam disciplinas para as quais não foram formados.

O Brasil que queremos é um Brasil em que ser professor é sinônimo de orgulho. Esse profissional deve estar no centro das políticas públicas para a área educacional e o motivo é muito simples: sem ele, qualquer avanço é limitado. É justamente o acúmulo de dificuldades desse profissional que explica, em parte, o preocupante quadro de nossa educação. Se o objetivo é formar alunos transformadores do espaço e do mundo, o professor é o coração dessa missão, atuando como mediador entre as potencialidades dos estudantes e as habilidades necessárias para a autonomia crítica.

Diante disso, iniciativas que ressignifiquem o que é ser professor no Brasil não podem mais ser adiadas. Além de melhorarmos a remuneração dos docentes, é preciso investir em ações que favoreçam a profissionalização e a valorização social da carreira, como a criação de referências básicas para a atuação desses profissionais e a reformulação dos cursos de formação, trazendo o dia a dia da escola para dentro da pedagogia/licenciatura, para ficarmos apenas em duas políticas.

🕒 ALFABETIZAÇÃO + 1ª INFÂNCIA = EQUIDADE

Para alterarmos o final de uma rota, é preciso ajustá-la ainda no começo. Outra perspectiva que precisa guiar não apenas nossos governantes, mas toda a sociedade, é que os déficits de aprendizagem são obstáculos impostos aos estudantes desde os Anos Iniciais que reverberam lá no final da Educação Básica. Não adianta tentar estancar as dificuldades no final da etapa, é necessário, acima de tudo, preveni-las ainda na Primeira Infância (de 0 a 6 anos) e no processo e alfabetização.

Essas fases representam a base de todo o restante de saberes que serão apresentados ao longo da Educação formal. O planejamento para os próximos quatro anos tem de começar, literalmente, no berço. As ações para essas áreas devem ser capazes de identificar as populações de crianças mais vulneráveis e suas necessidades, e propor soluções intersetoriais

que garantam sua aprendizagem. Quanto mais cedo as desigualdades forem combatidas, mais amplas serão as oportunidades de desenvolvimento e menores os núcleos de privilegiados.

Esse último ponto, aliás, está ligado a um desafio transversal que deve estar no horizonte de todos os que pensam Educação no Brasil: a falta de equidade. Em todo o país e em todas as etapas de ensino, nossos alunos não estão recebendo as mesmas chances de aprender.

Independentemente da área em que se queira avançar na Educação, os desafios socioeconômicos permanecem diferenciando pobres e ricos. Para se ter uma ideia, no 3º ano do Ensino Fundamental, os alunos de famílias de nível socioeconômico muito baixo têm índice de alfabetização adequada cinco vezes menor do que os de famílias no extremo oposto. Essa diferença chega à vergonhosa marca de 22 vezes maior, no 9º ano do Ensino Fundamental.

3 SNE Para fechar esse ciclo, voltamos ao início: colaboração. Abrir essa reflexão chamando a atenção para a necessidade de um esquema inteligente que combine diferentes políticas educacionais, um esquema tático, por assim dizer. Não apoiar só a Base, mas também criar incentivos para o professor; não apoiar apenas os docentes, mas impulsionar a alfabetização, e assim por diante. Pois bem, de maneira mais concreta, uma rede de execução dessas ideias também precisa ser estabelecida. Trata-se de uma rede de segurança para nossa Educação; um pano de fundo, em que governo federal, governos estaduais e prefeituras contem com regras claras de como apoiarem um ao outro. Dito mais explicitamente, nossos futuros gestores precisam de um Sistema Nacional de Educação (SNE) e precisam o quanto antes.

Saber a quem recorrer financeira e administrativamente é um dos fatores invisíveis que fazem toda a diferença na atuação das redes de ensino e pode determinar mudanças dentro das salas de aula. Os esforços conjuntos já deram frutos em contextos locais, como no Ceará. Ainda que possa ter passado ao largo dos holofotes, a ação articulada entre governo estadual e municípios cearenses tem rebatido lá na sala de aula, onde cada vez mais crianças alcançam a alfabetização adequada aos 8 anos, graças ao apoio mútuo entre essas duas instâncias.

Esses são apenas alguns dos muitos pontos a serem trazidos pela iniciativa Educação Já! À primeira vista, o esforço a curto prazo pode parecer grande, mas será recompensado com os frutos sociais a serem colhidos por inúmeras gerações. A educação pode não resolver todos os nossos problemas, mas certamente é parte de todas as soluções e cabe a nossos representantes levar a cabo esta que é a vontade de todos: ter Educação Já! 📌

PRISCILA CRUZ

é mestre em administração pública pela Harvard Kennedy School (EUA) e cofundadora e presidente-executiva do movimento Todos Pela Educação.

Educar cidadãos globais para manter a paz no mundo

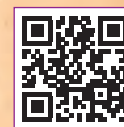
A educação é a principal ferramenta para combater um mundo cada vez mais intolerante.

TEXTO *Fernando M. Reimers* TRADUÇÃO *Rafael Spigel* ILUSTRAÇÃO *Vinicius Matsuei*

EM 1925, o professor Isaac Kandel, da Universidade de Columbia, discursou para a associação de diretores de escolas do ensino médio e defendeu veementemente a educação para a cidadania global. Ele argumentou que se as escolas norte-americanas não preparassem seus alunos para uma compreensão global, os Estados Unidos não se tornariam um poder para a paz, mas sim um poder para a instabilidade no mundo. Kandel fez tal discurso apenas sete anos após o fim da Primeira Guerra Mundial e 14 anos antes do principal conflito global que estava por vir. Nascido na Romênia e tendo imigrado para os Estados Unidos, ele conhecia a dor e o sofrimen-

to causados pela guerra e sentiu, à época de seu discurso, como a paz é frágil, como o conflito nunca está tão distante e como a paz requer o cultivo de disposições. Outros educadores que sobreviveram às duas guerras tiveram percepções semelhantes sobre a importância da educação para a paz. Em seu famoso discurso sobre *Paz e Educação* em 1932, Maria Montessori defendeu uma pedagogia que motivasse a criança a fazer escolhas e contestou a educação autoritária, que preparava o aluno para seguir governantes autoritários. Seu discurso foi publicado pelo Bureau Internacional de Educação da Unesco, do qual Jean Piaget era diretor. Anos mais tarde, o próprio Piaget escreveria uma biografia de Jan Amos Comenius, destacando o papel de Comenius na promoção da educação para a paz. »





CONFIRA O
MAKING OF
DA CRIAÇÃO
DO GRAFITE:
MOD. LR/EDUCAGRA

» A conscientização da devastação e do sofrimento causados pela Segunda Guerra Mundial levou governos ao redor do mundo a procurarem condições para a paz sustentável, o que se refletiu na criação das Nações Unidas, na adoção da Declaração Universal dos Direitos Humanos e na inclusão da educação como um direito humano. A Declaração tinha como base os valores de liberdade, igualdade e solidariedade global, que foram o alicerce de boa parte do trabalho dos governos e das instituições globais criadas no pós-guerra. E não há um lugar no qual esses valores são melhor refletidos do que no relatório da Unesco sobre Educação para o século XXI, *Educação: um tesouro a descobrir*. No entanto, tais valores são cada vez mais contestados por movimentos populistas e nacionalistas, com nuances de xenofobia e intolerância.

OS ATUAIS E CRESCENTES DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA GLOBAL

Uma ideologia populista emergente desafia as aspirações do ensino público, em especial da educação para a cidadania global, bem como o trabalho de instituições que promovem os valores de liberdade, igualdade e solidariedade. Os populistas defendem mais poder para grupos locais definirem as metas da educação e menos ação das instituições governamentais e intergovernamentais. Além disso, contestam a ideia de direitos humanos universais. Se o nacionalismo é a nova força organizadora, a noção de pertencimento e não pertencimento é definida pela cidadania, e não por associação à humanidade, uma contestação à educação para a cidadania global. Tal questionamento aos direitos humanos universais leva à contestação dos direitos das minorias culturais e étnicas, por exemplo, o direito de se enxergarem representadas no currículo. Nos Estados Unidos, indivíduos e grupos pressionam escolas por mudanças no currículo que reduzem a ênfase em tópicos e conteúdos globais. Grupos conservadores discutem há muito tempo sobre o currículo e os livros didáticos nas escolas, e tais conflitos têm

aumentado desde a última campanha presidencial, segundo relatos que ouvi de professores e diretores.

O populismo representa um risco ao enfrentamento dos desafios globais. Ao renegar uma ação conjunta para enfrentar desafios globais, como a mudança climática ou os direitos humanos, cria-se um contexto social no qual professores encontrarão cada vez mais dificuldade para lecionar sobre tais temas.

Um estudo do Southern Poverty Law Center, mostra que, além do nacionalismo e do populismo, há um aumento de grupos de ódio e manifestações odiosas em muitas partes do mundo. Nos Estados Unidos, cresceram os casos de intolerância, dentro e fora das escolas e universidades, na forma mais explícita de antissemitismo, supremacia branca, islamofobia e ódio a negros e imigrantes.

Nesse contexto, é imprescindível redobrar nossos esforços para educar os alunos para a cidadania global. A inclusão disso como uma das metas dos *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável* representa uma oportunidade. O comprometimento da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) para incluir a avaliação da competência global nos estudos do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) trará muita da atenção necessária para esse domínio de competência do aluno, assim como os estudos comparativos internacionais sobre educação cívica conduzidos pela IEA (Associação Internacional para a Avaliação da Conquista Educacional).

Para contribuir com esses esforços a favor da educação para a cidadania global, publiquei recentemente três recursos curriculares, desenvolvidos com meus alunos da pós-graduação. O livro *Empoderar Crianças e Jovens para a Cidadania Global* defende que a educação deve auxiliar o aluno a entender e a promover os direitos humanos e oferece um rigoroso currículo para apoiar a educação para a cidadania global desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. O livro *Empoderando Alunos Para Melhorar o Mundo: Um Guia Prático* explica por que uma ênfase renovada sobre a cidadania global é essencial em face do crescente populismo e ódio. Ele oferece protocolos para ajudar os professores e diretores a desenvolverem estratégias escolares amplas que defendem a educação e o currículo para a cidadania global, alinhados com os *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*; e um complemento para a Declaração dos Direitos Humanos em que expõe nossas obrigações para alcançar um mundo que seja inclusivo, pacífico e sustentável.

O livro *Learning to Collaborate for the Global Common Good* é uma análise dos desafios que a democracia enfrenta ao redor do mundo e traz uma série de recursos para promover competências e habilidades para a participação cívica democrática. Os cinco princípios a seguir conduzem as três publicações:

1 PLANEJAR O CURRÍCULO COM O OBJETIVO EM MENTE

Uma abordagem eficiente para desenvolver o currículo é iniciá-lo com os objetivos em mente. Embora a maioria dos planejamentos comece com a orientação em termos de conhecimento ou competências com às quais estão alinhados, eles raramente estendem tal meta a uma visão mais ampla que informe a seleção de tais competências. Como resultado, embora possa haver uma visão implícita de longo prazo que forneça orientação para as competências que conduzem o desenvolvimento do currículo, tal visão não é pública e, portanto, a hipótese central que conduz tal currículo (“se os alunos adquirirem essas competências, eles serão capazes de alcançar as seguintes”) não é de conhecimento público e, dessa forma, não é avaliável. Proponho uma abordagem alternativa que torne pública as duas hipóteses-chaves que reforçam qualquer currículo: se envolvermos os alunos em

experiências de aprendizagem específicas, eles vão adquirir certas competências; se eles adquirirem tais competências, serão capazes de alcançar resultados específicos a longo prazo, com consequências para eles e para as comunidades das quais fazem parte.

Esses recursos dão ao currículo uma visão pública, não partidária e que tem sido endossada por governos ao redor do mundo. Isso é o mais próximo que conseguimos chegar de um pacto público que reflita a aspiração compartilhada do “bem comum” da humanidade. Os *17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas*, incluídos na estrutura adotada por mais de 150 líderes mundiais na Assembleia Geral da ONU em 2015, oferecem uma visão otimista de um mundo que é inclusivo, pacífico e sustentável. Os objetivos conduzem uma série de metas específicas e mensuráveis. Por exemplo, o *Objetivo 1 – Erradicação da Pobreza* propõe a erradicação das formas mais extremas de pobreza no planeta e traz seis metas específicas:

1 Até 2030, reduzir pelo menos à metade a proporção de homens, mulheres e crianças, de todas as idades, que vivem na pobreza, em todas as suas dimensões, de acordo com as definições nacionais.

2 Implementar, em nível nacional, medidas e sistemas de proteção social adequados, para todos, incluindo pisos, e até 2030 atingir a cobertura substancial dos pobres e vulneráveis.

3 Até 2030, garantir que todos os homens e mulheres, particularmente os pobres e vulneráveis, tenham direitos iguais aos recursos econômicos, bem como o acesso a serviços básicos, propriedade e controle sobre a terra e outras formas de propriedade, herança, recursos naturais, novas tecnologias apropriadas e serviços financeiros, incluindo microfinanças.

4 Até 2030, construir a resiliência dos pobres e daqueles em situação de vulnerabilidade, e reduzir a exposição e vulnerabilidade destes a eventos extremos relacionados com o clima e outros choques e desastres econômicos, sociais e ambientais.

5 Garantir uma mobilização significativa de recursos a partir de uma variedade de fontes, inclusive por meio do reforço da cooperação para o desenvolvimento, para proporcionar meios adequados e previsíveis para que os países em desenvolvimento, em particular os países menos desenvolvidos, implementem programas e políticas para acabar com a pobreza em todas as suas dimensões.

6 Criar marcos políticos sólidos em níveis nacional, regional e internacional, com base em estratégias de desenvolvimento a favor dos pobres e sensíveis a gênero, para apoiar investimentos acelerados nas ações de erradicação da pobreza. »

Fonte: Nações Unidas

» Alcançar cada uma dessas metas requer ações específicas que, por sua vez, requerem capacidades específicas. Como essas metas globais só podem ser alcançadas se as comunidades locais fizerem a sua parte, elas necessariamente implicam em ações e escolhas feitas por muitas pessoas ao redor do mundo. Proporcionar às pessoas as capacidades para fazer escolhas e tomar atitudes é tarefa da educação.

Ao envolver os educadores na análise de quais competências são necessárias para alcançar as metas, e, por sua vez, discernir quais pedagogias e experiências ajudarão os alunos a adquiri-las, a abordagem que seguiu fez mais do que começar com o objetivo em mente. Ela proporcionou um nível de transparência e responsabilidade profissional e pública para as escolhas feitas em qualquer planejamento de currículo que raramente estão disponíveis em normas estatais ou com livros didáticos e recursos curriculares.

2 ATIVAR REDES DE MELHORIA PARA PROJETAR O CURRÍCULO

O segundo princípio é que a tarefa de planejar o currículo, especialmente quando envolve domínios inovadores ou complexos, requer a colaboração de colegas. Embora possamos apreciar o ideal de que cada professor seja capaz de desenvolver o seu próprio currículo, na prática, o trabalho de ensinar é estruturado de tal forma que limita consideravelmente a quantidade de tempo dedicada ao planejamento do currículo. Não é surpresa que existem muitos recursos *on-line* para ajudar o professor a compartilhar currículos e aulas e que, na prática, muitos docentes recorrem a recursos já existentes.

A razão pela qual os professores já criaram redes informais para compartilhar recursos, ou dependem de recursos existentes, é a complexidade do desenvolvimento curricular de alta qualidade. Tradicionalmente essa tem sido a vantagem das editoras de livros didáticos: a capacidade de envolver diversos editores especialistas, autores e outros profissionais, produzindo materiais de alta qualidade e distribuindo os custos necessários para financiar sua produção pelo grande número de usuários.

No entanto, existem limites para a forma convencional de alcançar economias de escala ao produzir materiais instrucionais, e um deles é que esses recursos devem ter como alvo algum grupo específico, razão pela qual muitos livros didáticos estão alinhados com as normas dos estados onde há mais alunos. Um dos méritos da ideia da Base Nacional Comum Curricular, um conjunto nacional de normas curriculares, é justamente o de capacitar tais economias de escala no desenvolvimento de recursos instrucionais de alta qualidade.

As redes profissionais têm uma nítida vantagem

como forma de alavancar a inteligência coletiva. Elas podem se adaptar dinamicamente ao *feedback* decorrente dos ciclos rápidos da experimentação e podem aumentar o aprendizado decorrente de ciclos similares que ocorrem concomitantemente em diversos cenários. Nesse sentido, as redes profissionais têm um potencial inerente para aprendizagem e adaptação que foge das formas mais convencionais de produzir currículo e livros didáticos.

3 APRENDER FAZENDO

Os profissionais devem necessariamente experimentar como uma forma de criar novos conhecimentos. De fato, uma rede de desenvolvimento é um amplo laboratório para experimentações contínuas em busca de soluções para desafios complexos.

A epistemologia que reforça esse princípio é que o conhecimento profissional deve se valer da prática, não pode ser gerado na ausência de ou desprovido de prática. Ser professor é uma profissão não apenas porque aqueles que a praticam devem dominar o conhecimento especializado para conduzir seu trabalho, mas também no sentido de que aqueles que a praticam devem contribuir para o desenvolvimento de conhecimento especializado. Para tal conhecimento, baseado na prática, se tornar conhecimento profissional, disponível para outros, ele deve ser público, e não privado. Uma rede profissional é uma forma de fazer que o conhecimento oriundo da prática se submeta à análise essencial para se tornar público. Ademais, a confiança nos princípios de pensamento com base em planejamento e em redes de desenvolvimento proporciona um contexto para a experimentação sistemática e teste de hipóteses que estão implícitas em qualquer currículo.

4 O PODER DE UMA EDUCAÇÃO BASEADA EM PROBLEMAS

Algumas das competências necessárias para prosperar no século XXI são melhor adquiridas ao envolver os alunos em problemas reais e ao convidá-los a testarem soluções. Tal educação, baseada em problemas e projetos como esses, vale-se das tradições da educação progressiva desenvolvida por John Dewey e é consistente com o atual conhecimento sobre como defender um aprendizado mais profundo.

5 O PODER DA COLABORAÇÃO EM EQUIPES DIVERSAS

A realização dos *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável* exigirá colaboração sem precedentes em todos os níveis. Se há uma habilidade que todos os alunos precisarão desenvolver é a colaboração. Os recursos apresentados nesses livros sobre metodologias baseadas em projetos ajudam a desenvolver tais habilidades colaborativas. Mas se os professores devem ensinar os alunos a colaborar, eles próprios devem aprender a colaborar profissionalmente.

A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO GLOBAL E O MOVIMENTO DA EDUCAÇÃO GLOBAL

Ao alinhar o currículo à estrutura dos *Objetivos de Desenvolvimento das Nações Unidas*, pretende-se cultivar uma mentalidade entre os alunos para educá-los como cidadãos globais.

O projeto de educar todos os alunos é um movimento global que começou com a disseminação do ensino público. Esse movimento de educação global acontecia de duas formas: envolvia colaborações entre a fraternidade de educadores de várias nações e ensinava os alunos a compreender o poder de tais colaborações globais para promoverem as suas próprias, bem como desafios compartilhados.

Não é por acaso que o ensino público expandiu significativamente ao redor do mundo após o direito à educação ser incluído como um dos direitos na Declaração Universal adotada pelas Nações Unidas em 1948. Foi o resultado da solidariedade global e da cooperação mobilizada para promover a paz mundial e da estabilidade que fez o ensino público expandir o seu alcance para incluir metade das crianças do mundo que foram excluídas antes da adoção da Declaração.

De forma semelhante, a expansão do ensino público antes da adoção da Declaração Universal dos Direitos Humanos beneficiou-se também da cooperação e das trocas entre as fronteiras nacionais.

Tais interesses e esforços sempre contestaram (e foram contestados por) visões mais paroquiais da educação. Atualmente, um nacionalismo e isolacionismo intolerante e ressurgente desafia as colaborações globais e a própria aspiração de educar alunos a serem cosmopolitas. Vemos tal ascensão do nacionalismo intolerante, ao qual o ex-vice-presidente norte-americano Joe Biden denominou “populismo falsificado e nacionalismo falso”, como um perigo ao princípio democrático básico, tal como à ideia de igualdade fundamental de todas as pessoas ou à ideia democrática de que os indivíduos devem colaborar com os outros para o bem comum.

Esses desafios aos valores democráticos são exatamente a razão para envolver os alunos na educação global.

A educação global é sempre um caminho para desenvolver um conjunto mais amplo de competências necessárias para a participação em um mundo em constante mudança, que alguns denominaram “habilidades do século XXI” ou “aprendizado mais profundo” (Reimers e Chung 2016 e 2018). Como professores buscam novas formas de aprendizagem para preparar os alunos para as exigências do século XXI, descobrir pontos eficazes de entrada para a renovação pedagógica é fundamental. Mudanças são desafiadoras. As noções de que os alunos deveriam se envolver em problemas reais, ou de que eles deveriam fazer isso de forma colaborativa, por exemplo, embora raramente novas, já provaram ser bem difíceis de serem traduzidas para novas abordagens pedagógicas que

foram dimensionadas para servir a todos os alunos. A educação global, largamente ausente em muitas escolas, proporciona um conveniente ponto de entrada para a renovação pedagógica, de uma forma que não ameaça diretamente culturas escolares estabelecidas, mas que pode, gradual e fundamentalmente, modernizar a instrução.

UMA NOVA LIDERANÇA PARA O ENSINO PÚBLICO

As instituições de ensino público estão sob ataque das mesmas forças que atacam a democracia e os direitos humanos. Manter escolas públicas vai exigir a mesma liderança eficaz que a manutenção da democracia exige. Professores e suas organizações têm um importante papel para cumprir ao liderar um movimento amplo em apoio às escolas públicas.

Se for para mobilizar um movimento democrático de apoiadores de forma bem-sucedida, tal liderança deve se concentrar nas necessidades dos estudantes. Ou seja, tal liderança deve estar no centro da prática profissional do educador, e não apenas em questões básicas do dia a dia. Construir essa liderança vai exigir novas abordagens que deverão começar no ensino e no aprendizado. A rede profissional que desenvolvemos é uma forma de construir uma liderança profissional em que os professores se envolvem com o desafio de reinventar o currículo e a pedagogia a fim de servir aos alunos, para prepará-los para um mundo de constantes e rápidas mudanças.

Ao fazer esse trabalho, esses líderes dos professores estão desenvolvendo as habilidades necessárias para a colaboração e para a liderança colaborativa. Como o processo que esses professores seguiram incluía a aproximação de colegas em suas escolas, persuadindo-os a experimentar as novas aulas e recursos, essa experiência desenvolveu a liderança e cultivou habilidades necessárias para exercer influência sem autoridade, apoiando-se em conhecimento profissional e no comprometimento com um processo aberto e sujeito à responsabilidade profissional e pública.

Quase um século depois de Isaac Kandel defender a promoção do entendimento internacional nas escolas norte-americanas, para educar cidadãos globais que poderiam ser emissários da paz, as ameaças crescentes do populismo e da intolerância fazem isso tão necessário hoje em dia quanto era naquela época. Devemos renovar nossos esforços ao avançar na educação dos direitos humanos, na educação para a paz, na educação para a sustentabilidade e no desenvolvimento para a cidadania global, mesmo que esse trabalho se torne ainda mais difícil de fazer e os riscos de fazê-lo se tornem maiores. ■

FERNANDO M. REIMERS

é especialista na área de políticas educacionais globais e inovação. É professor de Práticas Internacionais de Educação da Fundação Ford, diretor da Global Education Innovation Initiative e do Programa de Políticas de Educação Internacional da Harvard University.

PARA SABER MAIS

- REIMERS, Fernando M.; CHOPRA, Vidur; CHUNG, Connie K.; HIGDON, Julia; O'DONNELL, E.B. *Empoderar Crianças e Jovens para a Cidadania Global*. Download em mod.lk/ed15empo
- REIMERS, Fernando M. *Empoderando alunos para melhorar o mundo: um guia prático*. Download em mod.lk/ed15guia
- 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas. Disponível em mod.lk/17objsus
- Educação: um tesouro a descobrir (Unesco, 2010). Disponível em mod.lk/ed15ten1
- Southern Poverty Law Center. *Hate map*. Disponível em mod.lk/hatemap



SISTEMA FARIAS BRITO DE ENSINO

A liderança no mercado editorial se une a uma das escolas mais conceituadas do Brasil: Editora Moderna e Organização Educacional Farias Brito.

Sistema Farias Brito de Ensino é resultado da soma de experiências e competências de duas instituições, que compartilham os mesmos valores e estão alinhadas pela mesma missão: **uma educação multicultural e de resultado para as novas gerações.**

*MATERIAL DIDÁTICO DE ALTA QUALIDADE ALIADO À
excelência pedagógica
que você conhece!*



O SISTEMA DE ENSINO *que já* **NASCEU NO TOPO**

EFICIÊNCIA E CREDIBILIDADE COMPROVADAS PELOS
RESULTADOS EXPRESSIVOS DE SEUS ALUNOS



1º

do Brasil no:

ITA

Instituto
Tecnológico de
Aeronáutica
(2018)

IME

Instituto Militar
de Engenharia
(2017/2018)

ENEM

Exame Nacional
do Ensino Médio
2017/2018



30

vezes campeão do Brasil,
em Olimpíadas Científicas, em Escolas
Militares e no ENEM.

FALE CONOSCO



www.sistemafb.com.br



contato@sistemafb.com.br



smartlab

O aprendizado da nova geração



Imagem de uma sala SmartLab

Com SmartLab, sua escola amplia as oportunidades de aprendizagem para turno e contraturno

O SmartLab é uma inovadora plataforma de conteúdos educacionais complementares para alunos do Ensino Fundamental que tem como um dos seus principais propósitos ajudar a transformar a educação com tecnologia, conectividade e prazer em aprender.

O SmartLab está estruturado sobre 3 pilares:

▶ **PLATAFORMA DE CONTEÚDOS**

Na plataforma SmartLab sua escola tem conteúdos relevantes de diversas áreas do conhecimento, como matemática, português, idiomas, tecnologia, cidadania digital, dentre outros. Na plataforma, os seus alunos e professores têm a facilidade de acessar todas as atividades com apenas um único login e senha.

▶ **FORMAÇÃO CONTINUADA**

O SmartLab acompanha professores e tutores de sua escola ao longo de um processo de formação continuada, entregando a eles recursos para potencializar as oportunidades de aprendizado e criar experiências significativas para estudantes.

▶ **AMBIENTE COLABORATIVO**

Projetado e desenvolvido por especialistas em educação e ambientação colaborativa, o Espaço Smartlab é um ambiente de estímulo ao aprendizado, promovendo criatividade, autonomia e trabalho colaborativo.

ENTRE EM CONTATO COM UM DE NOSSOS CONSULTORES E CONHEÇA NOSSOS PLANOS E OPORTUNIDADES EXCLUSIVAS PARA SUA ESCOLA.

Google for Education
Partner

Microsoft
AEP
Authorized Education
Partner

11 2790.2436 / 2790.1484
contato@smartlab.me

    smartlab.me

Ensino Médio: o país que abandonou seu futuro

Em meio às expectativas sobre a BNCC e a Reforma do Ensino Médio, incertezas e inseguranças assustam instituições de ensino e refletem um problema em longo prazo no segmento.

TEXTO Paulo de Camargo **ILUSTRAÇÃO** Mariana Salimena

O ANO DE 2017 começou com um fio de esperança para a etapa educacional historicamente mais crítica da educação brasileira: no dia 16 de fevereiro, foi publicada, na forma de medida provisória, a Lei nº 13.415, conhecida como Lei da Reforma do Ensino Médio. Para os defensores da medida, a reforma foi assertiva ao enfrentar pelo menos três dos mais graves desafios que há décadas assombram a escola, no que se refere à educação de adolescentes e jovens: o excesso de disciplinas; a obrigatoriedade de um único percurso escolar, que não atende à diversidade de caminhos dos estudantes; e o crescente

desinteresse demonstrado pelos alunos.

Mais de um ano depois da promulgação da medida, seu futuro ainda continua incerto. Os especialistas condicionam o sucesso da reforma a pelo menos duas outras variáveis, que devem ser definidas agora. A primeira é a publicação da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) do Ensino Médio, prevista para novembro. A segunda é tão complexa quanto: trata-se de efetivamente garantir que os sistemas educativos e as escolas tenham condições de ofertar diferentes itinerários, bem como haja oferta de qualidade de educação profissional. »

JOVENS
NEM-
NEM

JOVENS
15-17



+ Base
Nacional
Curricular
Comum

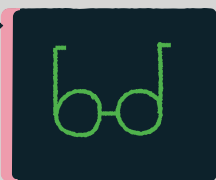
☠
EFEITOS DA
EVAÇÃO
CRIMINALIDADE
PROBLEMAS DE
SAÚDE

ENSINO
MÉDIO

21%

ENSINO
PROFIS-
SIONALI-
ZANTE

VESTIBULAR
+ ENEM



UNIVERSIDADE
18%

está-
gio

TRABALHO

» Entre tantas indefinições, há pelo menos um consenso: a urgência. O Brasil joga fora todos os anos uma parte de seu futuro. É um desperdício que pode ser medido em valores. Nas estimativas do economista Ricardo Paes de Barros, do Insper, são pelo menos R\$ 100 bilhões anuais, se forem levados em conta o custo da repetência e da evasão, bem como os impactos sociais decorrentes da falta de educação, como mais gastos em saúde e segurança, por exemplo.

Mas não há desperdício maior do que o de vidas humanas. Segundo o estudo *Políticas públicas para redução do abandono e evasão escolar de jovens*, realizado por Barros em 2017, por encomenda do Instituto Brava e de outras organizações da sociedade civil, apenas 59% dos 10,3 milhões de jovens brasileiros de 15 a 17 anos conseguem se formar com, no máximo, 1 ano de atraso. São quase 3 milhões que anualmente repetem de ano, se evadem ou abandonam os estudos.

Uma das consequências desse fenômeno é o crescimento da chamada geração nem-nem (nem estudam, nem trabalham). Segundo os dados mais recentes do IBGE, são 11,1 milhões de pessoas com idade entre 15 e 29 anos que não trabalham, nem estão matriculadas em qualquer curso. Enquanto países desenvolvidos lutam para atrair força de trabalho jovem, o Brasil literalmente joga fora um bônus demográfico, enquanto rapidamente vê crescer seu contingente de idosos.

É o caminho inverso do que se vê mundo afora. No mesmo estudo, Barros demonstra pela primeira vez que 74% dos países que integram a ONU têm conseguido aumentar a porcentagem de jovens na escola em ritmo superior ao do Brasil. Estamos atrás de 63% dos países no que se refere à capacidade de inclusão dos jovens de 15 a 17 anos na escola.

Não bastasse estar na contramão global, o Brasil ainda rema no sentido contrário. Segundo o próprio coordenador de Ensino Médio do MEC, Wisley João Pereira, o IDEB, principal índice que avalia a qualidade da Educação brasileira, está estagnado desde 2011. Além dis-

so, o desempenho em Português e Matemática chega a ser inferior ao verificado há duas décadas, que já era baixo. Hoje, segundo cálculos do movimento Todos pela Educação, quase 65% dos alunos têm desempenho abaixo do considerado adequado em Matemática. Em Português, o mesmo ocorre para 51% dos estudantes. As diferenças se agravam ainda mais quando se levam em conta critérios como raça, cor, renda e região.

O retrato da tragédia pode ser expresso em números diversos, pois há um painel bastante amplo dos problemas. Não é por falta de evidências científicas que os jovens brasileiros deixam de contar com uma boa educação de Ensino Médio, especialmente na rede pública. O pesquisador José Francisco Soares, presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CNE), costuma resumir seu diagnóstico em uma simples frase: “o Ensino Médio brasileiro é para poucos”.

A frase tem um sentido histórico. Desde o surgimento da primeira escola brasileira, o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, a escola média é um caminho bem-sucedido apenas para uma pequena parcela da população. Nos documentos oficiais, estava claro e assumido que, para as camadas mais pobres, o caminho seria o da educação profissional, que nunca chegou a ser ofertada em qualidade ou quantidade suficiente. Daí a tradição marcadamente propedêutica do Ensino Médio, ou seja, um curso que chegou a 13 disciplinas obrigatórias, com a ambição de levar o adolescente a algo que não é exigido de nenhum outro cidadão: o domínio aprofundado de todas as ciências humanas, naturais e da Matemática.

Desde essa perspectiva, igualmente, consolidou-se a cultura do Ensino Médio unicamente como um caminho para o bacharelado universitário. Na falta de um currículo nacional, o programa das principais universidades brasileiras, notadamente as estaduais paulistas, passou a guiar o trabalho da escola de Ensino Médio. Mais recentemente, esse papel passou a ser cumprido também pelo Enem, que surgiu com o objetivo ex-



A REFORMA E A BNCC SÓ TERÃO SUCESSO SE LEVAREM EM CONTA A VALORIZAÇÃO E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA OS NOVOS TEMPOS.



presso de induzir as escolas a focar o ensino no desenvolvimento de habilidades e competências, mas tornou-se a si próprio um novo referencial curricular.

Não pareceria tão despropositado se este fosse, de fato, o caminho de todos os jovens. Na educação brasileira, excludente e desigual, 82% dos jovens de 18 a 24 anos não chegam ao Ensino Superior, e não encontram nenhum outro caminho. Por isso, há um consenso entre os especialistas que a implementação da reforma do Ensino Médio tem como pré-condições a aprovação da BNCC, bem como a estruturação da oferta de educação profissional, que hoje capenga no país.

O total de matrículas na educação profissionalizante vem caindo desde 2014, especialmente na rede privada. Hoje, são 1,75 milhão de alunos, sendo 1 milhão matriculados na rede pública. Isso representa 21% do total de matrículas do Ensino Médio. Mas além da pequena oferta, não há controle da qualidade oferecida pelas instituições de ensino que deveriam trabalhar estreitamente conectadas com o mercado de trabalho e, em especial, com os contextos locais da região onde estão inseridas.

Quando se fala em educação profissional pública, sempre vêm à lembrança experiências bem-sucedidas, como os Institutos Federais de Tecnologias, cujo crescimento foi estimulado na última década, e das escolas técnicas estaduais. É fácil constatar, porém, que uma porcentagem significativa dos egressos procura, na verdade, o acesso à universidade, e apenas aproveitam a escola pública de qualidade.

Não há, portanto, solução fácil. “Os problemas da educação brasileira são tão grandes que não será com qualquer latim que vamos resolvê-los. Temos de buscar soluções novas com nossas cabeças, corações e entusiasmo”, escreve Francisco Soares, no livro *Os desafios do Ensino Médio*, publicado em 2018 pela Editora FGV.

A REFORMA E A BNCC

A própria Reforma do Ensino Médio se insere no campo das ideias novas, embora tenha se inspirado em propostas e políticas já discutidas ao longo dos últimos anos.

Entre as iniciativas lançadas por governos anteriores estão o Programa do Ensino Médio Inovador, o Pacto Nacional pelo En-

sino Médio e os Protótipos Curriculares de Ensino Médio e Ensino Médio Integrado. Todos buscaram, por diferentes caminhos, flexibilizar essa etapa, reorganizar o currículo, trazer o trabalho como um princípio e atender aos diferentes perfis dos jovens.

Na visão dos seus defensores, a implantação da Reforma por meio de uma Medida Provisória responde a uma fragilidade de propostas anteriores, que tinham um caráter mais indutor e de modelagem do que de políticas públicas de implantação obrigatória. Com isso, prevaleceu um modelo que o educador Arthur Fonseca Filho, diretor do Colégio Uirapuru, classifica como hegemônico, ou seja, uma escola formatada para preparar alunos para um certo tipo de processo seletivo para ingresso no Ensino Superior. “O Ensino Médio brasileiro moderno se definiu a partir do que o vestibular e, mais recentemente, o Enem, cobraria dos alunos”, diz.

Por isso, a seu ver, o futuro da Reforma do Ensino Médio depende fortemente do sucesso da proposição da nova Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio. É esse parâmetro que, a seu ver, poderá trazer a escola para trabalhar com competências hoje valorizadas internacionalmente. “O Ensino Médio precisa deixar de ser treinamento para fazer exercícios, mas ensinar as competências do século XXI. Nosso compromisso é com as novas demandas da sociedade”, finaliza Fonseca Filho.

O diretor acredita que o desafio mais difícil será o da implantação, pois se trata de mudar práticas pedagógicas, formar equipes a partir de novos paradigmas, construir novas formas de avaliação e transformar a própria cultura dos alunos. “É mais fácil o aluno se convencer a estudar se pensar que precisa passar no vestibular”, diz.

Nos últimos tempos, o Uirapuru vem trabalhando para flexibilizar o trabalho pedagógico, na forma de matérias eletivas, bem como buscar práticas inovadoras, como as aulas invertidas. “É preciso começar a ampliar desde já a flexibilidade de nossa arquitetura curricular”, afirma Fonseca Filho. »

O QUE AFASTA OS JOVENS DA ESCOLA?

Pesquisa reúne as causas do desengajamento juvenil

A REFORMA do Ensino Médio representa uma política pública que deve ser complementada por Estados e municípios, conforme seus próprios contextos. Afinal, os problemas da educação dos jovens possuem causas múltiplas, de origem social, pedagógica, individuais, de diferentes ordens. O estudo *Políticas públicas para redução do abandono e evasão escolar de jovens*, realizado pelo pesquisador Ricardo

Paes de Barros, é o mais completo sobre o tema.

O pesquisador reuniu estudos e evidências nacionais e internacionais e estabeleceu 13 principais fatores do que chama de desengajamento dos jovens, com o objetivo de orientar as políticas públicas voltadas para os adolescentes. Esses fatores são agrupados em 3 conjuntos: ❶ fatores que não decorrem da falta de interesse, mas sim da existência de impedimentos; ❷ a falta de interesse como decisão bem informada e racional, e, ❸ fatores determinantes que dizem respeito à falta de interesse sem informação adequada.

Do primeiro grupo fazem parte, por exemplo, o acesso limitado pela existência de vagas ou transporte; a impossibilidade física, a gravidez e a maternidade na adolescência, as atividades ilegais (uso de drogas, por exemplo); o mercado de trabalho; a pobreza; a violência.

O segundo é composto pelo impacto do déficit de aprendizado; da falta de significado da aprendizagem; da baixa flexibilidade; da qualidade da educação e do clima escolar.

Por fim, há fatores ligados à percepção equivocada ou parcial da importância da escola e da educação; e a baixa resiliência emocional.

A partir de agora, a pesquisa vai subsidiar diferentes ações do Instituto Brava para sensibilizar a sociedade e oferecer instrumentos aos gestores públicos para a implementação de práticas bem-sucedidas de inclusão dos jovens na escola. Entre elas, estão a publicação de um site que esmiúça os resultados do trabalho e facilita o acesso às políticas pesquisadas (www.gesta.org.br).

Entre outras contribuições, o estudo buscou ampliar o conceito de garantia dos direitos de educação, hoje focado unicamente na oferta e na qualidade de ensino. A proposta abrange os indicadores mais comuns, como o evasão, abandono e repetência, e foca na importância do engajamento. Segundo as projeções do autor, no ritmo atual e sem que nada seja feito, o Brasil levará até 200 anos para atingir metas que o próprio país estabeleceu, em documentos legais como o Plano Nacional de Educação.



» Para o diretor do Colégio Alef Peretz, João Guedes, trata-se de reverter um processo de instrumentalização do conhecimento para o acesso à universidade. “O Ensino Médio é o endereço onde os jovens podem buscar conhecimentos que nossa sociedade julga importante. Mas reverter a carga genética de foco único na preparação para o vestibular é muito difícil, pois ela está muito enraizada na família, nos professores, nas escolas e nos jovens”, comenta.

Segundo o diretor, na Alef Peretz, o projeto pedagógico busca encontrar equilíbrio entre processo de conhecimento instrumental, uma vez que não é possível fugir do funil do vestibular, e um espaço de discussão livre sobre temas relevantes dessa mesma tradição. “A questão não é nem curricular, tampouco vinculada às estratégias pedagógicas. Nossas fichas são colocadas no fortalecimento da figura do professor. Se esse profissional for o guia da criança e do jovem no encontro com as inúmeras contradições existentes no plano da discussão intelectual, possivelmente esse jovem estará mais preparado para enfrentar as contradições imanentes da vida adulta”, diz.

A Reforma e a BNCC não terão sucesso se não levarem em conta a valorização do professor. Para Guedes, no entanto, o caminho parece apontar no sentido contrário. “Queremos formá-los com plataformas editadas, recicla-los. Aparentemente, isso garante a qualidade do ensino, mas, na verdade, enfraquece”, finaliza.

PROBLEMAS QUE PERMANECEM

No contexto de grande incerteza que cerca a implantação efetiva da reforma e da BNCC do Ensino Médio, alguns pontos permanecem em aberto. Evidentemente, o maior ponto é o investimento necessário para se ampliar o tempo de permanência do aluno em sala de aula, que passa de 800 para 1400 horas anuais, com a implantação do ensino em tempo integral em pelo menos metade das escolas, como estabelece o Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024.

Esse certamente será um dos objetos de discussão e negociações entre os governadores dos Estados, onde se dão 90% das matrículas do segmento escolar. É preciso lembrar que o teto de gastos imposto pela emenda institucional 95, uma das primeiras medidas do governo Temer, dá pouca margem de expansão dos investimentos já restritos em Educação.

Além disso, o tempo de implantação da Reforma e da BNCC coincide com a expiração do principal mecanismo de financiamento da educação brasileira: o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), com vigência até 2020. Há, portanto, muita negociação pela frente e não são poucos os que acreditam em mudanças profundas nas propostas do governo federal.

Mas, mesmo que se resolvam as condições materiais de implantação da Reforma, ainda resta saber como as escolas lidarão com a liberdade de definição curricular e a oferta dos itinerários formativos previstos. Afinal, a base curricular estabelece diretrizes para 60% da carga horária. Os 40% restantes se darão em projetos e disciplinas de livre escolha do aluno, dentro das áreas de Línguas, Matemática, Ciências da Natureza e formação técnica e profissional.

Para Fonseca Filho, que foi Secretário de Educação de Sorocaba e membro do Conselho Nacional de Educação e do Conselho Estadual de Educação de São Paulo, as escolas devem fugir de uma visão bancária da oferta de itinerários. “Isso é empobrecedor. O que está em jogo é a capacidade de oferecermos aos alunos alternativas curriculares para atender suas diferentes expectativas. Os custos dependem obviamente do que será feito. Não se trata de número de horas”, argumenta.

Para ele, a capacidade das escolas de dialogarem com o futuro será testada. “Quanto mais espaços fujam do tradicional formato da aula em uma sala de aula, quanto mais conseguirmos evitar de levar o mesmo conteúdo para todos indistintamente, mais atenderemos a essas demandas”, comenta. ■

UM PROJETO QUE ESTIMULA A COMUNICAÇÃO E A FLUÊNCIA LEITORA

De acordo com as competências gerais da BNCC.

Uma série de recursos:

- ★ Kit literário para os alunos e para a escola
- ★ Projetos de leitura com sugestões de atividades
- ★ Guia do professor
- ★ Recursos visuais - vídeos especiais com referências de leitura e contação de histórias
- ★ Materiais para dinâmica de leitura em sala de aula
- ★ Assessoria com profissionais especializados para a implantação e acompanhamento



Formação para o professor e o bibliotecário

Curso
**A ARTE DE LER E
CONTAR HISTÓRIAS**

ministrado por
Ilan Brenman

Curso
**COMO ORGANIZAR
A BIBLIOTECA DA
MINHA ESCOLA**

ministrado por
**Ana Carolina
Carvalho**

E mais! Aplicativo **Contadores de Histórias**
Mais interatividade e diversão para a sala de aula.



Verdadeiro ou falso?

Fenômeno das *fake news* põe em xeque a capacidade reflexiva e investigativa e confirma a Competência em Informação, intrínseca dos bibliotecários, como pré-requisito para interagir em ambientes digitais de expressão e construção do conhecimento.

TEXTO Lara Silbiger ILUSTRAÇÃO João Montanaro

AO QUE TUDO INDICA, o velho ditado “a mentira tem perna curta” está ultrapassado. Hoje as notícias fraudulentas – também conhecidas como *fake news* – têm 70% mais chances de viralizar que as verdadeiras, segundo revela um estudo do MIT (*Massachusetts Institute of Technology*) publicado em março deste ano na revista *Science*. Nesse cenário de incertezas, desenvolver habilidades, atitudes e a Competência em Informação – campo de estudo da Biblioteconomia – para avaliar o nível de confiabilidade de qualquer notícia virou questão de sobrevivência no ciberespaço.

Para navegar com segurança e não se tornar pre-

sa fácil das *fake news*, o primeiro passo é reconhecer os mecanismos que estão por trás delas. Entre eles, está a chamada *clickbait*, uma disputa por cliques como fonte de renda na internet. Quanto mais gente acessa os *links*, mais dinheiro de publicidade entra no bolso dos proprietários de sites. “Com isso, disseminar notícia – independente da sua procedência e veracidade – acabou virando negócio. Ganha quem tiver as manchetes mais chamativas e sensacionalistas, com carga dramática ou polêmica”, afirma o bibliotecário Leonardo Ripoll, mestrando em Gestão da Informação na UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina). »





» Os interesses puramente comerciais, no entanto, não são os únicos propulsores desse tipo de informação. Há grupos de diversos espectros políticos e ideológicos que também fazem uso dela em sites e redes sociais. Um dos casos mais emblemáticos se deu na eleição de Donald Trump à presidência dos EUA, em 2016, quando se levantaram suspeitas de que *fake news* tivessem influenciado o debate à disputa norte-americana. Quatorze meses depois, uma pesquisa publicada pelo cientista político Brendan Nyhan (Dartmouth College), Andrew Guess (Princeton University) e Jason Reifler (University of Exeter) mostrou que, durante a campanha, 27% do eleitorado (65 milhões de pessoas) leram ao menos um texto de sites de *fake news* e que a maioria das visitas a esses sites (65%) procedia de um grupo formado por 10% dos eleitores identificados como mais conservadores.

Nesse cenário de incertezas, as *fake news* ganham ainda mais fôlego com a enxurrada de conteúdos lançados diariamente sobre os usuários. “Não bastasse a explosão informacional, que eleva o volume de informações a um nível muito mais difícil de acessar e interpretar, soma-se a isso a mistura de informação verdadeira com informações e dados falsos, propagados muitas vezes de forma negligente e até intencional”, constata Ripoll em seu artigo *Zumbificação da informação: a desinformação e o caos informacional*. Como consequência, ele destaca a perda da criticidade em atividades usuais como a leitura e a interpretação, seguida da mecanização do comportamento das pessoas em relação à informação. “A tal ponto que acabam agindo como propagadoras de poluição informacional”, explica.

COMPARTILHAMENTO INDISCRIMINADO

De acordo com a pesquisa do MIT, liderada pelo cientista Soroush Vosoughi, em Cambridge, as informações falsas se disseminam mais rápido e com maior alcance que as verdadeiras, o que fica ainda mais evidente quando o tema é política. A conclusão é fruto da análise de 126 mil notícias compartilhadas no Twitter 4,5 milhões de vezes, entre 2006 e 2018, por 3 milhões de pessoas.

Nesse universo, os pesquisadores identificaram que, enquanto a verdade raramente chegava a mais de mil usuários, as *fake news* rotineiramente alcançavam mais de 10 mil pessoas. Para entender a participação dos *bots* nesses números, os estudiosos usaram uma sofisticada tecnologia de detecção para remover da análise os compartilhamentos gerados por eles. Ainda assim, as estatísticas mostraram que as notícias falsas se espalharam na mesma



CAÇA-BOATOS

UMA TURMA de 25 alunos do Ensino Médio do Colégio Super Ensino, em Ourinhos (SP), está se especializando no que eles chamam de *HoaxBusters* (em português, caçadores de boatos). Aliás, esse é o nome do site de checagem de notícias que eles mesmo desenvolveram – liderados pelo professor Estêvão Zilioli, coordenador de tecnologia educacional do colégio – e que deve ser lançado no segundo semestre deste ano. A iniciativa é fruto da participação de Zilioli no programa Google Innovators 2017, do qual derivou o projeto de combate a *fake news* na escola. Os encontros com os estudantes se dão no contraturno das aulas, sempre às sextas-feiras. O desafio é determinar o grau de confiabilidade das notícias selecionadas naquele dia como estudo de caso. A trilha de checagem dá origem a infográficos que, por sua vez, alimentarão o site do projeto. “É uma experiência que deixa o senso crítico dos alunos cada vez mais apurado. Assim, vão deixando de ser consumidores passivos da informação”, afirma.

proporção e para a mesma quantidade de pessoas, revelando que os responsáveis pela viralização são os próprios usuários.

O resultado fez os cientistas direcionarem seus olhares para os usuários. E, ao contrário do que supunham, descobriram que quem mais divulgou notícias falsas tinha menos seguidores. O dado intrigante os levou a analisar o que potencializava a disseminação. Para começar, os *tweets* falsos traziam mais novidades que os verdadeiros, com informações que os usuários jamais tinham visto na rede social. Além disso, provocavam diferentes reações emocionais em quem os replicava, com expressões exacerbadas de surpresa, medo ou revolta.

A explicação para esse fenômeno está no conceito da pós-verdade, segundo o qual a adesão a crenças pessoais, apelos emotivos e sensações subjetivas acabam influenciando mais a formação da opinião pública que a própria objetividade dos fatos. “O desejo de que algo seja verdadeiro muitas vezes acaba se sobrepondo à realidade”, comenta Ripoll.

Outro fator que ajuda a viralizar notícias fraudulentas, criadas deliberadamente para enganar não só pela mentira, mas pela imprecisão e polarização, é o chamado viés de confirmação. Trata-se de uma tendência cognitiva que faz as pessoas terem mais propensão de lembrar, pesquisar ou interpretar fatos e informações que confirmem suas ideologias. O problema se agrava quando se tem em conta que nem sempre o ato de compartilhar tem como objetivo final informar. “As pessoas não necessariamente leem tudo que replicam. Muitas vezes, é apenas um impulso narcísico, uma busca por interação”, diz o bibliotecário.

EM BUSCA DE VERDADES

Na obra *Oração aos Moços*, Rui Barbosa já dizia que “vulgar é o ler, raro o refletir”. Hoje, provavelmente, ele diria que vulgar é o compartilhar, raro o ler, escasso o refletir. “O cognitivo já não dá conta de ler tudo que lhe é enviado pelas redes sociais e WhatsApp, o que gera cegueira diante de tanta informação”, diz Ripoll.

Para tirar as vendas e navegar com segurança no ciberespaço, é fundamental que as pessoas aprendam a buscar informações e gerenciá-las em favor da construção do conhecimento. Essa demanda resgata a importância da figura do bibliotecário, cujas habilidades o destacam entre as dez profissões mais promissoras da próxima década, segundo revela a pesquisa *O futuro das habilidades: empregabilidade em 2030*, realizada pelo grupo Pearson em parceria com a fundação Nesta e a Oxford Martin School. O estudo se baseou na análise de sete tendências globais com maior probabilidade de impactar o futuro do trabalho: mudança tecnológica, globalização, mudança demográfica, sustentabilidade ambiental, urbanização, desigualdade crescente e incerteza política. A partir de entrevistas com especialistas dessas áreas, que alimentaram um algoritmo de *machine learning* (sistema autodidata), foi possível prever os empregos e as habilidades que teriam aumento ou queda na demanda até 2030.

O bibliotecário do futuro, porém, está longe de ser um

guardador de livros. “A partir do momento em que a informação migrou para o meio virtual e virou *commodity*, toda a teoria de pesquisa do impresso começou a ser adaptada. É um movimento recente, com os profissionais se atualizando agora”, explica Ripoll. Segundo ele, o bibliotecário assumirá o papel de mediador, com foco na criticidade do pensamento. “Caberá a ele avaliar a procedência da informação, de que modo e por que chegou ao usuário, o que está nas entrelinhas, entre outros parâmetros.”

NATIVOS SIM, FLUENTES (POR ENQUANTO) NÃO

Ainda paira o mito de que a geração nativa digital nasceu sabendo navegar na internet. As escolas, porém, já sabem há tempos que a realidade não é tão simples assim. A inclusão no meio digital não acontece naturalmente.

A Competência em Informação prega a necessidade de alfabetizar digitalmente os cidadãos para que se tornem competentes no mundo informacional, com habilidades específicas para atuar no ciberespaço. Entretanto, ainda são raras as iniciativas de formação nas bibliotecas escolares do país. “Em tempos de *fake news* e Wikipedia, é preciso muito mais que apenas se colocar à disposição do aluno para ajudar em uma pesquisa na web. Em parceria com os professores, o bibliotecário deve propor minicursos e ações que ensinem onde encontrar uma informação confiável e como reconhecê-la”, comenta a bibliotecária Gisele Pinna, mestre em Ciência da Informação pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Ela ainda sugere que esses programas de formação aumentem gradativamente o grau de dificuldade de acordo com a etapa de ensino. “Com os anos finais, por exemplo, é possível explorar parâmetros de checagem da informação, como as normas da ABNT e a estrutura de um artigo científico”.

JOÃO MONTANARO

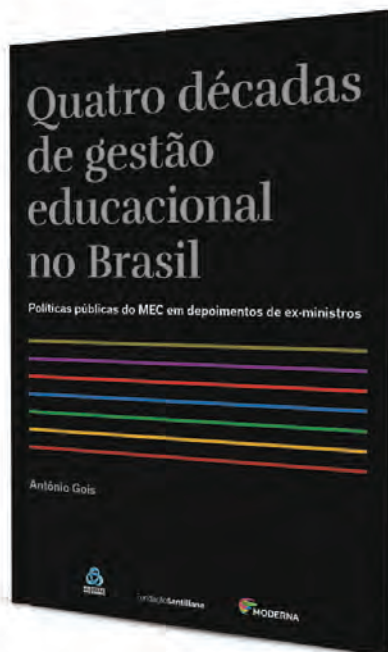
é um cartunista, chargista e ilustrador brasileiro, nascido em 1996. Começou a desenhar aos seis anos, copiando desenhos na televisão e tiras de jornal, tendo publicado suas primeiras tiras em um blog pessoal. Aos doze anos, teve sua primeira publicação na revista MAD. Em 2010, tornou-se chargista da Folha de S. Paulo. É autor de dois livros: “Cécegas no Raciocínio”, premiado com um Troféu HQ Mix como melhor publicação de cartuns em 2011, e “Eu Não me Arrependo de Nada”, além de ter participado da coletânea MSP Novos 50, dos Estúdios Maurício de Sousa e do projeto Osmose, de intercâmbio entre ilustradores brasileiros e alemães, patrocinado pelo Goethe Institut.

PARA SABER MAIS

Artigo - Zumbificação da informação: a desinformação e o caos informacional - mod.lk/zumbinfo



Livros



QUATRO DÉCADAS DE GESTÃO EDUCACIONAL NO BRASIL

POR *Antônio Gois*

Ao longo de entrevistas com 14 ex-ministros da Educação do Brasil – que ocuparam a pasta entre os governos João Baptista Figueiredo (1979-1985) e Dilma Rousseff (2011-2016) –, este livro conta uma parte importante da história do setor educacional no país, resgatando parte da memória da gestão do MEC por meio do depoimento de seus protagonistas. Se, de um lado, a memória dos entrevistados está sujeita a interpretações, subjetividades ou mesmo omissões, de outro, o relato dos fatos em primeira pessoa facilita a revelação dos bastidores da formulação das políticas que não aparecem em documentos ou reportagens da época.

SAIBA MAIS Livro digital gratuito e versão para download em mod.lk/4dgedbr.



4 VIDAS ENTRE LINHAS E TRAÇOS

POR *Eva Furnari, Pedro Bandeira, Ruth Rocha e Walcyrr Carrasco*

Este livro é um mergulho nos bastidores da produção de quatro grandes nomes da literatura infantojuvenil do Brasil. Eva Furnari, Pedro Bandeira, Ruth Rocha e Walcyrr Carrasco, contadores de histórias por linhas e traços, nos contam um pouco de sua própria história, falam sobre suas inspirações e expressam seus sentimentos sobre o fazer literário. Com introdução de Marisa Lajolo, é um convite a uma expedição pela história da literatura nacional contemporânea.

SAIBA MAIS À venda nas principais livrarias do Brasil.

Smartphone e tablet

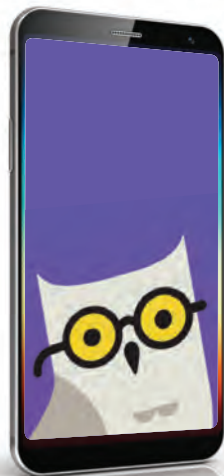


AQUI ESTAMOS NÓS

por Oliver Jeffers

Um livro lúdico e divertido que nos convida a refletir sobre o imenso planeta que nos acolhe e, principalmente, sobre a vida que levamos nele. Escrito e ilustrado por Oliver Jeffers, o livro tem como um de seus destaques as belas ilustrações que colaboram com a história e servem como referência para o que está sendo ensinado ao longo do texto. Um presente bem-humorado e gentil para todos aqueles que chamam o nosso planeta de lar.

SAIBA MAIS À venda nas principais livrarias do Brasil.



APLICATIVO DE ASSISTÊNCIA VIRTUAL **SOCRATIC**

por Socratic

Socratic é um aplicativo gratuito que ajuda no dever de casa, tirando dúvidas em exercícios. O usuário tira uma foto do exercício ou da equação matemática e recebe, passo a passo, explicações, gráficos, vídeos etc. Usa inteligência artificial para auxiliar no aprendizado de matemática, língua inglesa, biologia, entre outros.

SAIBA MAIS Disponível na App Store (iOS) e GooglePlay (Android). Download gratuito.



APLICATIVO **BRAINY MOUSE**

por Brainy Mouse Foundation

Desenvolvido para a fase da alfabetização, o jogo *Brainy Mouse* acontece numa cozinha e a criança precisa montar cardápios a partir da junção de sílabas espalhadas para formar os nomes dos ingredientes. O jogo tem ótimos resultados com crianças que têm Transtorno do Espectro do Autista (TEA) por estimular, de forma lúdica, as habilidades cognitivas, por meio da observação de cores, sons e imagens. O *layout*, a música, as cores e a fonte das letras são customizáveis para tornar o jogo mais confortável à criança. Caso ela tenha dificuldade, pode pedir ajuda ao Ratinho Inteligente, uma forma de a criança interagir e socializar, rompendo barreiras de comunicação relacionadas ao TEA.

SAIBA MAIS Disponível na App Store (iOS) e GooglePlay (Android), por R\$15,99.

brainymouse.org/pt-br



ILUSTRAÇÃO RICARDO DAVINO

Maria Nilde Mascellani VISIONÁRIA DA FORMAÇÃO INTEGRAL

Uma história de luta e uma vida dedicada a formar cidadãos para o mundo. **POR Cauê Cardoso Polla**

QUANDO, no século XVIII, Jean Jacques-Rousseau escreveu que a educação era uma arte, mal poderia imaginar que até hoje ele seria mal compreendido. Queria dizer com isso que não há exatidão possível no mundo da educação e que é fundamental experimentar. Experimentar porque os tempos mudam, as gerações mudam, e o mundo nunca permanece o mesmo. Era esse o espírito de Maria Nilde Mascellani: se o homem tem uma vocação, ela deve ser despertada pela educação, e somente indo além do convencional isso pode acontecer.

Nascida em 1931, estudou na Escola Padre Anchieta (no bairro do Brás, na capital paulistana), onde seguiu o Curso Normal. Ao se formar professora primária,

ingressou no curso de pedagogia da Faculdade de Educação da USP. Lecionou em diversas escolas públicas no Estado de São Paulo. Em 1959, foi convidada para trabalhar na cidade de Socorro, vindo a integrar o quadro do Instituto de Educação, trabalhando com as Classes Experimentais, que seguiam modelos pedagógicos franceses de vanguarda. A partir de propostas inovadoras, a vocação de Maria Nilde ficou cada vez mais evidente.

Em 1961, um Decreto Estadual criou o Serviço de Ensino Vocacional. Maria Nilde foi convidada para coordenar esse programa visionário. Vocacional aqui não é uma educação para uma profissão, como quando dizemos “teste vocacio-

nal”. Antes, vocacional se refere mais àquela vocação que Paulo Freire chamaria de vocação do ser humano para ser mais. A educação vocacional, assim, seria aquela capaz de despertar o indivíduo para a sua própria humanidade. As escolas que seguiam este sistema ofereciam o ensino secundário em quatro anos, de forma integral. A ideia de formação integral e crítica era muito presente, como se pode notar pelo extenso currículo com música, teatro, educação religiosa (na qual se estudavam as religiões cristãs e africanas), passando por estatística, matemática, até educação contábil e fotografia. Os professores e professoras abordavam temas até então trabalhados transversalmente. Várias das estratégias, hoje difundidas como estudo do meio, eram amplamente adotadas.

Tamanha inovação não passaria despercebida pelo Regime Militar recém-instaurado com o Golpe de 1964. Com a criação do AI-5, em 1969, as escolas do SEV foram invadidas, coordenadores e professores presos, sendo oficialmente extinto o programa que havia inovado o cenário educacional. Em 1970, com base no AI-5, Maria Nilde foi oficialmente aposentada como professora. Com uma vida devotada à educação, criou logo em seguida, com colaboradores, o Renov, uma assessoria educacional, que também foi invadida e impedida de funcionar pelos militares, em 1974. Presa, acusada e processada pelo governo militar, foi torturada, o que afetou ainda mais sua frágil saúde. Já inocentada de todas as acusações, passou a integrar o corpo docente da PUC de São Paulo, no qual trabalhou incessantemente pelo resto de sua vida.

Maria Nilde Mascellani dedicou-se plenamente à educação brasileira, sempre próxima dos problemas sociais que afligiam – e ainda hoje afligem – a nossa sociedade. Sua atenção à educação popular se reflete em seus inúmeros trabalhos, bem como no doutorado que viria a defender em 1999, sobre a educação do trabalhador desempregado, pouco antes de sua morte. Um legado inestimável que não pode ser esquecido nesses tempos em que a educação vem sendo forçada a se tornar uma simples mercadoria. ■



Você sabia que o papel é feito de árvores plantadas exclusivamente para essa finalidade? Todos os dias no Brasil são plantados o equivalente a cerca de 500 campos de futebol de novas florestas para a produção de papel e outros produtos.

O Brasil tem 7,8 milhões de hectares de florestas plantadas. As indústrias que usam essas árvores conservam outros 5,6 milhões de hectares de matas nativas.

Você gostará ainda mais de revistas e jornais impressos sabendo que o papel que vem de árvores plantadas, é reciclável e biodegradável. Descarte corretamente. Seja um consumidor responsável.

Fonte: Relatório Ibá 2017, Indústria Brasileira de Árvores

Two Sides é uma organização global, sem fins lucrativos, criada em 2008 por membros das indústrias de celulose, papel e comunicação impressa. Two Sides promove a produção e o uso responsável da impressão e do papel, bem como esclarece equívocos comuns sobre os impactos ambientais da utilização desse recurso. O papel, por ser proveniente de florestas certificadas e gerenciadas de forma sustentável, é um meio de comunicação excepcionalmente poderoso, de fonte renovável, reciclável e biodegradável.

Há algumas ótimas razões para você #AmarPapel
Descubra mais em
twosides.org.br



**15 ANOS
DE INOVAÇÃO**
NAS ESCOLAS
BRASILEIRAS



90001.316



Conheça as novidades em
www.moderna.com.br/araribaplus